

Resiane Silveira (Org.)



COMUNICAÇÃO e MÍDIAS Transformação e Movimento

EDITORA
UNION

v2
2023

Resiane Silveira (Org.)



COMUNICAÇÃO

Trans

form

ação e

MÍDIAS

Movimento

EDITORA
UNION

v2
2023

© 2023 – Editora Union

www.editoraunion.com.br

editoraunion@gmail.com

Organizadora

Resiane Paula da Silveira

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editores e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/Union

Revisão: Respective autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Rícael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Silveira, Resiane Paula da
S587c Comunicação e Mídias: Transformação e Movimento - Volume 2 /
Resiane Paula da Silveira (organizadora). – Formiga (MG): Editora
Union, 2023. 116 p. : il.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-84885-32-5
DOI: 10.5281/zenodo.10398556

1. Comunicação. 2. Mídias. 3. Artes. 4. Sociedade e Cultura. I.
Silveira, Resiane Paula da. II. Título.

CDD: 302.23
CDU: 654

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Union
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.editoraunion.com.br
editoraunion@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.editoraunion.com.br/2023/12/comunicacao-e-midias-2.html>





AUTORES

**ALISSON DIEGO BATISTA MORAES
CLÁUDIO CARDOSO DE PAIVA
HEITOR COSTA LIMA DA ROCHA
JULIANA FERREIRA CAVALCANTI
LANA KRISNA DE CARVALHO MORAIS
MAURÍCIO FERREIRA SANTANA
PAMELA TAIS CLEIN CAPELIN
PAULO MARCOS BATISTA DE OLIVEIRA
SANDRA MARIA RIBEIRO DE SOUZA**

APRESENTAÇÃO

Este compêndio representa uma incursão meticulosa e abrangente nas complexidades intrínsecas à interseção entre a comunicação e as mídias na contemporaneidade. Sob a égide de uma abordagem rigorosamente científica, os ensaios compilados neste volume aspiram a desvelar os mecanismos intrincados e as dinâmicas transformacionais que caracterizam esse domínio em constante evolução.

A comunicação, como fenômeno essencial à natureza humana, desdobra-se em uma miríade de formas e contextos. Neste contexto, exploramos não apenas as metamorfoses inerentes à comunicação interpessoal, mas também as repercussões colossais da disseminação de informações por meio das mídias, abarcando desde os tradicionais meios impressos até as modernas plataformas digitais.

A presente obra é concebida como uma resposta à imperiosa necessidade de compreender as transformações ininterruptas que delineiam o panorama comunicativo global. Com uma abordagem interdisciplinar, os autores, convergem suas análises para proporcionar uma visão holística, integrando perspectivas da comunicação, ciência da informação, sociologia, psicologia e tecnologia da informação.

Assim, esta obra não apenas reflete a excelência acadêmica de seus colaboradores, mas também representa um convite à reflexão crítica e ao engajamento intelectual. Confiamos que os leitores encontrarão nestas páginas um recurso valioso para aprofundar seu entendimento sobre a comunicação e mídias, estimulando um diálogo contínuo e frutífero em meio às rápidas transformações que caracterizam nosso contexto sociocultural.

Boa leitura!

SUMÁRIO

Capítulo 1 PRODUÇÃO DE CONTEÚDO DIGITAL COMO INSTRUMENTO DE REPRESENTATIVIDADE: UM ESTUDO SOBRE PÁGINAS LGBTQIAPN+ DO INSTAGRAM <i>Juliana Ferreira Cavalcanti; Cláudio Cardoso de Paiva</i>	8
Capítulo 2 JORNALISMO E O FORTALECIMENTO DO “RANÇO AO SERTÃO”: ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA DO GLOBO REPÓRTER ESPECIAL DE 50 ANOS DA REDE CLUBE NO PIAUÍ <i>Lana Krisna de Carvalho Moraes; Heitor Costa Lima da Rocha</i>	28
Capítulo 3 MEDIAÇÕES PARA O AXÉ, DO OFFLINE AO ONLINE <i>Maurício Ferreira Santana</i>	46
Capítulo 4 A FIXAÇÃO DA CRENÇA EM TORNO DA DESINFORMAÇÃO ACELERA O ANTROPOCENO: O DISCURSO DE BOLSONARO NA ONU <i>Alisson Diego Batista Moraes; Paulo Marcos Batista de Oliveira</i>	63
Capítulo 5 PRÁTICAS DISCURSIVAS E DE SUBJETIVAÇÃO: A DISCIPLINARIZAÇÃO DO CORPO/ROSTO COMO ACONTECIMENTO <i>Pamela Tais Clein Capelin</i>	77
Capítulo 6 SÍMBOLOS GRÁFICOS PARA A SAÚDE E MEIO AMBIENTE <i>Sandra Maria Ribeiro de Souza</i>	93
AUTORES	113



Capítulo 1
PRODUÇÃO DE CONTEÚDO DIGITAL COMO
INSTRUMENTO DE REPRESENTATIVIDADE:
UM ESTUDO SOBRE PÁGINAS LGBTQIAPN+
DO INSTAGRAM

Juliana Ferreira Cavalcanti
Cláudio Cardoso de Paiva

PRODUÇÃO DE CONTEÚDO DIGITAL COMO INSTRUMENTO DE REPRESENTATIVIDADE: UM ESTUDO SOBRE PÁGINAS LGBTQIAPN+ DO *INSTAGRAM*¹

Juliana Ferreira Cavalcanti²

Jornalista, mestranda do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e pesquisadora/bolsista pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB).

Cláudio Cardoso de Paiva³

Orientador do trabalho. Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (PPJ- UFPB).

RESUMO

Este artigo busca compreender como a produção de conteúdo LGBTQIAPN+ no *Instagram* contribui para assegurar a representatividade deste movimento social. Assim, foi realizada uma contextualização do atual cenário da produção e distribuição de conteúdos digitais e o referencial teórico destacou a história e a presença midiática do segmento LGBTQIAPN+ no Brasil, e a inserção dos cidadãos na internet, redes sociais e *Instagram*, rede social no qual os usuários compartilham experiências e afinidades e com notável popularidade no cenário contemporâneo. A consulta bibliográfica permitiu compreender a inserção deste grupo nas plataformas digitais aliados aos conceitos de representações sociais, os corpos e identidades como potências políticas e a representatividade para além da visibilidade. Empiricamente, foram aplicados questionários com uma amostra de usuários LGBTQIAPN+ do Instagram e algumas páginas de produtores de conteúdo do cenário brasileiro e paraibano foram citadas entre as respostas. A pesquisa concluiu que a produção de conteúdo digital é fundamental para a representatividade LGBTQIAPN+ no cenário brasileiro. Além disso, os resultados apontam que a humanização é o principal atributo para esta representatividade. No entanto, a produção de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em Jornalismo e Administração de Empresas. Mestranda do PPJ-UFPB. Email: juliana.ferreiracavalcanti@gmail.com.

³ Graduação em Comunicação Social, mestrado em Comunicação; mestrado e doutorado em Sciences Sociales - (Université de Paris V). Email: claudiocpaiva@yahoo.com.br.

conteúdo LGBTQIAPN+ ainda apresenta razoável expressão no contexto paraibano, onde existe uma quantidade considerável de criadores de conteúdo, mas as respostas sugerem que essa atuação ainda não tem destaque suficiente na defesa das bandeiras e causas da comunidade.

Palavras-Chave: Produção de Conteúdo Digital; Representatividade; Movimento LGBTQIAPN+; *Instagram*.

ABSTRACT

This article seeks to understand how the production of LGBTQIAPN+ content on Instagram contributes to ensuring the representation of this social movement. Thus, a contextualization of the current scenario of production and distribution of digital content was carried out and the theoretical framework highlighted the history and media presence of the LGBTQIAPN+ segment in Brazil, and the inclusion of citizens on the internet, social networks and Instagram, a social network in which users share experiences and affinities and with notable popularity in the contemporary scenario. The bibliographical consultation allowed us to understand the insertion of this group on digital platforms combined with the concepts of social representations, bodies and identities as political powers and representation beyond visibility. Empirically, questionnaires were applied to a sample of LGBTQIAPN+ users on Instagram and some pages of content producers from the Brazilian and Paraíba scene were mentioned among the responses. The research concluded that the production of digital content is fundamental for LGBTQIAPN+ representation in the Brazilian scenario. Furthermore, the results indicate that humanization is the main attribute for this representation. However, the production of LGBTQIAPN+ content still presents a reasonable expression in the context of Paraíba, where there is a considerable number of content creators, but the responses suggest that this action still does not have enough prominence in defending the community's flags and causes.

Keywords: Digital Content Production; Representativeness; LGBTQIAPN+ Movement; *Instagram*.

Introdução

A *web* é a teia matriz digital que interligou pessoas remotamente e transformou a comunicação. A informação, a cognição e a troca de afetos – partículas vitais da Internet – orientam a vida mental e social, e estruturam o imaginário, como uma vigorosa esfera pública digital. Os atores sociais, mesmo distanciados geograficamente, estão mais próximos devido às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), e assim fazem a captura, armazenamento e distribuição de grande volume de informação, em alta velocidade sob a forma de “*big data*”. Logo se

forja um ambiente informacional que instiga os agentes econômicos, políticos, sociais e culturais a interagirem nas redes digitais, fazendo conexão com amigos, familiares, clientes e empresas.

O conteúdo das mídias digitais abrange diferentes grupos. São “vasos comunicantes” *on-line* geradores de dados nos sites, *blogs* e redes sociais, exemplos de ação afirmativa nas plataformas sociais digitais. No presente contínuo das redes, astutos produtores de conteúdo utilizam a tecnologia para dar visibilidade às suas demandas. Neste cenário, o *Instagram* é uma das redes sociais mais populares, constituindo um espaço no qual os usuários compartilham experiências e afinidades. Dentre os criadores de conteúdo da plataforma, estão as pessoas LGBTQIAPN+, formadores de opinião, com estratégias discursivas atreladas ao agenciamento das políticas de identidade.

A trajetória da comunidade LGBTQIAPN+ demonstra um histórico de luta contra preconceitos e interdições aos seus direitos. Logo, esta pesquisa qualitativa e quantitativa busca compreender como a produção de conteúdo LGBTQIAPN+ no *Instagram* contribui para assegurar a representatividade deste movimento. Metodologicamente, faz-se necessária uma contextualização do atual cenário da produção e distribuição de conteúdos digitais e o referencial teórico-conceitual baseou-se em autores que refletiram sobre o movimento LGBTQIAPN+ no Brasil e a presença dos cidadãos na internet, nas redes sociais e no *Instagram*.

A revisão bibliográfica contribuiu ainda para o entendimento da inserção LGBTQIAPN+ nas plataformas digitais, e o conceito de “representações sociais” (Moscovici, 1978) é estratégico para a compreensão dos corpos e identidades como potências políticas (Preciado, 2011) e a ideia de representatividade para além da visibilidade (Quinalha, 2022). Empiricamente, foram aplicados questionários com uma amostra de usuários LGBTQIAPN+ do *Instagram* e algumas páginas de produtores de conteúdo foram utilizadas como dados, a partir das respostas.

É necessário reforçar a compreensão sobre o uso estratégico da produção de conteúdo no *Instagram* e sua relação com o público LGBTQIAPN+. Cumpre ratificar como este segmento pode promover a inclusão social, através das tecnologias, pois assim como outros movimentos sociais, o LGBTQIAPN+ combate problemas estruturais da sociedade e a representatividade da diversidade identitária antecipa o compromisso de inclusão, modificando uma história de invisibilidade e estigmatização.

Movimento LGBTQIAPN+ no Brasil

Conforme Quinalha (2022), o movimento LGBTI+⁴ adotou, a partir da segunda metade do século XIX, um tipo específico de ação coletiva. E, de acordo com Reis (2018), no dia 28 de junho de 1969, essa luta ganha espaço, pois a comunidade gay de Nova York, resistiu às investidas policiais no Bar *Stonewall*, em uma rebelião conhecida como “Revolta de *Stonewall*”, que cria o “Dia do Orgulho LGBTI+”⁵, celebrado em vários países.

No Brasil, as subjetividades homossexuais, antes da emergência de qualquer sigla, já marcavam presença na história do país, pois as pessoas que desejavam outras do mesmo sexo ou aquelas que não se conformavam aos padrões binários de gênero desafiaram a sociedade hétero e cisnormativa prevalente desde o processo de colonização (Quinalha, 2022).

Porém, até os anos 1970, não existiam movimentos específicos, mas sim “movimentações homossexuais”, conforme exposto por Quinalha(2022), já que em diversos momentos, essas existências individuais encontraram-se e agrupam-se coletivamente em territórios físicos e simbólicos que serviram de palco para a sociabilidade LGBTI+, espaços onde “foi semeada e brotou uma subcultura potente dessas movimentações” (Quinalha, 2022, p.105).

A “Turma do OK” é o grupo homossexual brasileiro mais antigo, embora com pouca influência no âmbito social e político, uma vez que suas reuniões eram voltadas ao entretenimento (Santos, 2018). A imprensa da década de 1960 mostrava o movimento, mas pelo prisma prosaico das ilustrações, fofocas, concursos e entrevistas, em mais de trinta publicações entre 1964 e 1969. A censura do Governo Militar (1964-1985), contra várias manifestações artísticas e culturais, foi implacável com a “visibilidade gay”.

Enquanto fora do Brasil já existia uma tradição de mobilização política, foi apenas na década de 1970 que a militância se tornou mais intensa no país. Em 1978, surge o jornal “Lampião da Esquina”⁶ que discursava de forma politizada sobre a

⁴ Sigla utilizada por Quinalha (2022).

⁵ Conhecido como “Dia Internacional do Orgulho Gay” (Reis, 2018).

⁶ O “Lampião da Esquina” funcionou entre 1978 e 1981 e se tornou uma das publicações mais paradigmáticas da imprensa LGBTQIAPN+ brasileira (Quinalha, 2022).

sexualidade e se uniu aos pequenos jornais e panfletos que difundiam informações e conectavam as pessoas em uma vigorosa esfera pública (Quinalha, 2022).

Ainda em 1978, é fundado o Somos, grupo pioneiro na defesa de direitos LGBTQIAPN+. Além disso, as movimentações se tornam o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) na segunda metade da década de 1970 (Quinalha, 2022).

As conquistas dos homossexuais no Ocidente quase foram destruídas pela ameaça do vírus HIV na década de 1980⁷. Porém, o ativismo gay foi fortalecido através de Organizações Não Governamentais (ONGs), em jornais (como o Nós, em 1991) e a agenda do movimento esteve direcionada ao combate do HIV/AIDS (Quinalha, 2022). Já no dia 17 de maio de 1990, a 43ª Assembleia Mundial da Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS) adotou a 10ª Revisão da Lista da Classificação Internacional de Doenças (CID-10) e a homossexualidade deixou de ser classificada como doença. A classificação entrou em vigor em 1º de janeiro de 1993 e o dia 17 de maio tornou-se uma data simbólica⁸.

No final do século XX, a imprensa ampliava a voz deste grupo, silenciada pelo conservadorismo da sociedade. Desde então, muitos direitos foram adquiridos, mas ainda existem desafios a serem enfrentados. A própria sigla que identifica o movimento também sofreu mudanças: na década de 1980, as letras GLS reconheciam Gays, Lésbicas e Simpatizantes. Estes últimos, eram pessoas que, independentemente da orientação sexual ou identidade de gênero, apoiavam a causa, o que foi interpretado como algo que afetaria a visibilidade. Por isso, o termo foi alterado para “Aliados”: pessoas que promovem direitos e inclusão LGBTQIAPN+ (Reis; Cazal, 2021).

Em 1995, o “T” incluiu os travestis, transexuais e transgêneros, ficando GLT, GLTT ou GLTTT. Em 2005, a letra “B” destacou os bissexuais, ficando GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Travestis). Mas, com o crescimento do movimento lésbico, a sigla foi alterada para LGBT, no ano de 2008 e em 2018, a letra “I” contemplou as pessoas intersexo, ficando LGBTI. Em 2019 o + foi acrescentado o que resultou em LGBTI+. Hoje, a sigla LGBTQIAPN+ abrange ainda os grupos *queer*, assexuais, pansexuais e não-binários.

⁷ Os primeiros casos confirmados de HIV/AIDS remontam ao ano de 1982, no Brasil.

⁸ No Brasil, o dia 17 de Maio ficou instituído como Dia Nacional de Combate à Homofobia, através de um Decreto assinado no dia 04 de junho de 2010 (Reis; Cazal, 2021).

Vale diferenciar orientação sexual, identidade e expressão de gênero: orientação sexual é a capacidade do indivíduo ter atração emocional, afetiva ou sexual por pessoas de gênero diferente, mesmo gênero ou mais de um gênero. Conforme Reis (2021), há quatro orientações sexuais preponderantes: pelo mesmo gênero (homossexualidade), pelo gênero oposto (heterossexualidade), por dois ou mais gêneros (bissexualidade) ou por nenhum ou praticamente nenhum gênero (assexuais). Porém, estudos indicam que as características da orientação sexual variam de pessoa a pessoa (Kinsey et al., 1948 *apud* Reis, 2021) e por isso , estas quatro orientações sexuais preponderantes não são as únicas.

Já identidade de gênero é a percepção da pessoa como sendo do gênero masculino, feminino, agênero, de gêneros não binários ou combinação de dois ou mais gêneros, independente de sexo biológico ou orientação sexual (Reis,2018). A pessoa cisgênero(cis) se identifica com o gênero atribuído no nascimento e a transexual(trans) tem identidade de gênero diferente do sexo designado com base nos órgãos sexuais.

A expressão de gênero, por sua vez, é como a pessoa se manifesta publicamente, através do nome, vestimenta, cabelo, comportamentos, voz e/ou características corporais e a forma como interage com outras pessoas (Reis,2018). Segue a identificação da atual sigla LGBTQIAPN+, conforme Reis (2018):

- **L:** Lésbica: mulher (cis ou trans) que é atraída afetiva e/ou sexualmente por outras mulheres (cis ou trans);
- **G:** Gay: homem (cis ou trans) com práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual com outros homens (cis ou trans);
- **B:** Bissexual: mulher ou homem (cis ou trans) que se relaciona afetiva e sexualmente com pessoas de ambos os sexos/gêneros;
- **T:** Transgênero/ Transexual/ Travesti: são reconhecidas como pessoas trans. O termo transexual identifica a pessoa com identidade de gênero diferente do sexo do nascimento e travesti é “uma construção de gênero feminino, oposta ao sexo biológico, seguida de uma construção física de caráter permanente, que se identifica na vida social, familiar, cultural e interpessoal, através dessa identidade” (Reis, 2018, p. 31);
- **Q:** *Queer*: não se identifica como heterossexual, lésbica, gay ou bissexual, pois acredita que estes são padrões sociais que restringem a vivência da sexualidade. Não definem gênero e orientação sexual e não se enquadram na

noção binária de homem/mulher. O “Q” refere-se também a *questioning* (questionamento de gêneros);

- **I:** Intersexual/ Intersexo: pessoa que nasce com anatomia ou padrão de cromossomos que não pode ser classificado como masculino ou feminino. As variações nos órgãos genitais não permitem identificá-la como homem ou mulher. Eram chamados de “hermafroditas” de forma pejorativa;
- **A:** Assexual: não sente atração sexual pelo sexo/gênero oposto ou semelhante. O “A” inclui também aromânticos (sem interesse em relacionamentos românticos), agênero (ausência de gênero, gênero neutro ou ausência de identidade de gênero) e aliados (parceiros da comunidade);
- **P:** Pansexual: orientação sexual no qual as pessoas podem desenvolver atração física, amor e desejo sexual independente de identidade de gênero ou sexo biológico. Não aceita a noção de dois gêneros ou orientação sexual específica;
- **N:** Não binário: podem se reconhecer nos gêneros feminino e masculino ao mesmo tempo, mas também não se identificar com nenhum destes dois rótulos. Ou então, às vezes se sentir como homem e outras vezes como mulher;
- **+** (sinal de mais): outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero que podem ser alteradas, inclusive pelos estudos científicos. São indivíduos que não se encaixam no padrão heterocisnormativo e não apareceram em destaque nas letras antes deste símbolo.

Desde o início do século XXI, o movimento LGBTQIAPN+ brasileiro, construiu uma nova identidade caracterizada principalmente por: presença marcante na mídia; ação junto a parlamentares com proposição de projetos de lei; respostas diante da exclusão de organizações religiosas; criação de redes de grupos ou associações em âmbito nacional e local; e organização de eventos de rua, como as manifestações no dia do Orgulho LGBT (Moraes; Soares, 2013). Além disso, no ano de 2019, a homofobia/transfobia tornou-se criminalizada após decisão do Supremo Tribunal Federal (STF).

Todas as conquistas da cidadania sexual refletem mudanças culturais na sociedade e conforme Quinalha(2022), ainda não há clareza sobre o destino dos direitos LGBTI+ no Brasil. No entanto, uma certeza é a de que, nos próximos anos, disputas morais acirradas entre atores com significativo peso institucional e relevância política seguirão no país.

Ao longo das décadas, o movimento LGBTQIAPN+ esteve presente em diversas coberturas midiáticas, mas foram as redes sociais que possibilitaram que as urgências de gênero/sexualidade fossem ampliadas através de influenciadores, jornalistas, pesquisadores, artistas, e outros perfis aliados à causa.

O Ciberespaço e a Reconfiguração da Esfera Pública

A Internet nasceu na década de 1960 e une redes de computadores pertencentes a governos, corporações, entidades educacionais e científicas, organizações civis e indivíduos. Entre os seus protocolos, a HTTP (hipertexto) é a base da *World Wide Web*, e permite a visualização de documentos por interfaces gráficas chamadas websites ou sites (TräseL,2014). Nos anos 1980, há uma introdução da informatização em todos os campos da sociedade, marcando o fim da chamada “Era da Modernidade” (Marcondes Filho, 2002) e a reconfiguração da esfera pública.

Sobre isso, Pena (2015) retoma os estudos do filósofo Jürgen Habermas para descrever as transformações estruturais que o conceito de esfera pública sofre no decorrer do tempo. Na Grécia Antiga, a praça ateniense era o local dos debates voltados à cidadania e após o fim da Cidade-Estado, o feudalismo e a revolução francesa, a burguesia ocupa o espaço público, transferindo a esfera de discussão e os assuntos da coletividade para outros níveis, até o momento em que a mídia assume o palco contemporâneo do debate público.

Da mídia impressa aos audiovisuais, houve transfigurações no espaço público, mas manteve-se um certo monopólio da informação pelas empresas e corporações midiáticas e com a chegada da internet, surge a esfera pública eletrônica (Marcondes Filho, 2002), no qual o sistema construído em rede, permite maior participação social. É no contexto da cibercultura (cultura popular dos computadores, *Internet*, *smartphones* e *tablets*), que os grupos sociais avançam em novas dimensões temporais e territoriais no ciberespaço.

Conforme Lévy(1999), o ciberespaço é um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores e refere-se à infraestrutura material da comunicação digital, ao universo de informações que ela abriga e os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Já a cibercultura especifica o

conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem junto ao crescimento do ciberespaço.

A cibercultura norteia a produção de conteúdo digital e segundo Velloso (2008), demanda a retomada de mobilizações de atores e grupos sociais. Assim, surgem diversas ações locais e globais, formando o movimento contemporâneo da cibermilitância cujos exemplos incluem as militâncias feministas, políticas e LGBTQIAPN+.

Os conteúdos são compartilhados em canais de comunicação *on-line* como sites, *blogs* e redes sociais. Estes últimos, são ambientes onde as pessoas se reúnem através da mediação tecnológica. Assim, as redes sociais são sites que permitem “espaços públicos mediados” (Boyd; Ellison, 2007 *apud* Recuero, 2009).

Neste cenário, o *Instagram* se sobressai dentre os dispositivos sociotécnicos da atual cultura digital como uma extensão da “esfera pública informacional” (Paiva, 2013). Portanto, no ciberespaço concorrem narrativas e novas formas comunicativas que reconhecem a legitimidade da ética LGBTQIAPN+.

Produção de Conteúdo no Instagram

Conforme Recuero (2009), a expressão “Redes Sociais” refere-se ao estudo dos grupos sociais na Internet e classifica as plataformas de interação entre pessoas no ambiente virtual. São constituídas pelas representações dos atores sociais (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais).

As informações circulam nas redes sociais com base na percepção de valor gerado que os atores sociais percebem. Ou seja, as informações estão relacionadas com o capital social (o valor que circula dentro de uma rede social). O capital social tem, portanto, uma forte conexão com o grupo que o produz e está relacionado com o pertencimento ao mesmo ou à uma rede social. (Recuero, 2009, p.5).

Segundo Piza (2012), as redes sociais permitem a formação de comunidades virtuais, agrupamentos sociais com novas formas de relacionamentos no ciberespaço. Assim, o *Instagram* é uma rede social desenvolvida pelos engenheiros de programação Kevin Systrom (americano) e Mike Krieger (brasileiro), lançada no dia 6 de outubro de 2010 para resgatar a nostalgia das *Polaroids*, câmeras fotográficas cujas fotos revelavam-se no disparo.

Hoje, a plataforma é acessada através do site na *World Wide Web* ou após o *download* do aplicativo para dispositivos móveis na *App Store* ou *Play Store*, lojas virtuais da *Apple* e *Google*, respectivamente. O usuário deve fazer um cadastro, fornecendo dados como nome e e-mail. A página na rede é identificada pelo nome de usuário, foto do perfil, números de postagens e outras informações. Os relacionamentos são mantidos através dos seguidores, “indivíduos que estão vinculados à conta de usuários, com o intuito de acompanhar continuamente as atualizações do outro na rede” (Piza, 2012, p.11).

Em 2012, o *Instagram* foi adquirido pelo *Facebook* e a partir daí, diversas funcionalidades foram incorporadas. As imagens foram os primeiros compartilhamentos e os vídeos estão disponíveis desde 2013. No *Feed* da plataforma, os conteúdos são organizados na página inicial e é possível ver postagens, comentar, mandar mensagens privadas (*directs*) ou salvar o conteúdo.

Outra função é o *Instagram Stories* (lançado em 2016), fotos e vídeos com efeitos visuais, músicas, enquetes e outros elementos expostos na parte de cima do *Feed*, mesmo local onde são encontradas as *Lives* (transmissões ao vivo). Outro formato é o *Reels* (lançado em 2019): vídeos curtos, geralmente gravados na vertical.

Portanto, as mídias sociais digitais permitem que todos os internautas sejam produtores de conteúdo dentro do segmento que se identificam. “A revolução está, hoje, centrada no choque da inclusão de amadores como produtores, em que não precisamos mais pedir ajuda ou permissão a profissionais para dizer as coisas em público” (Shirky, 2011, p. 50 *apud* Karhawi, 2016, p.42). Neste artigo, o conteúdo é a mensagem compartilhada em formato de texto, áudio, imagem ou vídeo.

Assim, a representatividade é fundamental para a população LGBTQIAPN+ em diversos espaços políticos, econômicos e sociais, pois assim como os negros, mulheres e outros grupos, este segmento é excluído do cenário branco, masculino e heteronormativo. No *Instagram*, os conteúdos LGBTQIAPN+ ampliam os debates, fortalecendo a resistência e garantindo a sobrevivência de um movimento tão discriminado ao longo da história.

Representatividade LGBTQIAPN+

A heterossexualidade se estabelece na sociedade como um regime político e não apenas como uma prática sexual. Isso viabiliza a criação de meios de controle

dos corpos e vivências que passam a determinar quem está dentro ou fora da “normalidade” (Preciado, 2011).

A partir do conceito de “sexopolítica” como uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo, o autor sustenta que as práticas e órgãos sexuais, fixados normativamente como códigos de masculinidade e feminilidade, são usados pelo sistema de poder, gerando discursos sobre o sexo e as tecnologias de normalização das identidades sexuais como instrumentos de controle dos corpos e vivências. Essa dinâmica favorece o empoderamento e reforço político daqueles considerados como “anormais” no padrão normatizado (Preciado, 2011).

Assim, os corpos e as identidades dos “anormais” podem ser compreendidos como potências políticas, e não simplesmente como efeitos dos discursos sobre o sexo. Portanto, a sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas também o espaço de criação dos movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, e outros (Preciado, 2011).

Reforçando a afirmação de Preciado (2011, p. 15) de que “os corpos não são mais dóceis”, Santana (2018, p.62), destaca que “eles estão expostos, gritam, dão pinta, lutam por direitos e buscam visibilidade na sociedade midiaticizada e de amplo fluxo de circulação da informação”.

Além disso, historicamente, a subcultura LGBTQIAPN+ se afirmou contraposta à cultura hegemônica, heterociscentrada, mas este cenário se alterou nos últimos anos, pois diversas trocas foram produzidas a partir do enriquecimento dessa subcultura. A produção de séries, filmes, peças de teatro, músicas, artigos científicos, literatura especializada, publicidade, dentre outras linguagens com a temática LGBTQIAPN+ cresceram de modo expressivo, fortalecendo o segmento (Quinalha, 2022). É através da representatividade que o movimento se estabelece em diversos cenários.

As representações sociais são entidades quase tangíveis que “circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano” (Moscovici, 1978, p.41). A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, estão impregnados de representações sociais. Diferente do mito (considerado pela sociedade uma forma “arcaica” e “primitiva” de pensar e se situar no mundo), as representações sociais são normais na sociedade e constituem uma das vias de apreensão do mundo concreto (Moscovici, 1978).

A subcultura LGBTQIAPN+ tradicionalmente é estigmatizada e depreciada. Por isso, segundo Quinalha (2022), esse hackeamento da cultura hegemônica, através da ocupação de espaços antes reservados à heterocisnormatividade, tem importantes resultados do ponto de vista da visibilidade, do reconhecimento, da inclusão e da representatividade. Assim, a ideia de representatividade torna-se o foco, como um passo além da visibilidade, buscando a inclusão de modo mais plural e efetivo. Ou seja, não basta manifestar o amplo espectro da diversidade humana, mas deve-se “colocar em questão os regimes de visibilidade, fazendo com que a demografia populacional esteja melhor refletida nos espaços de poder e de prestígio social”(Quinalha, 2022, p.170).

Segundo Quinalha (2022), a representatividade é a diversidade somada ao real compromisso de incluir, alterando a história de apagamento e estigmatização que marca os grupos subalternos. Tal operação exige questionar e mudar posições de privilégios e a própria ordem social e sexual, pois as desigualdades são sempre relacionais. Através deste deslocamento de expectativas, pessoas que nunca tiveram referências de pessoas LGBTQIAPN+ podem se espelhar, se compreender e se identificar.

No entanto, a partir dos anos 2000, o discurso da representatividade, muitas vezes partiu para uma “alegorização da diversidade”, sem um olhar crítico para as desigualdades e violências. Sobre isso, Quinalha (2022) destaca:

Não basta ter um beijo gay ou um personagem trans na novela ou uma família homoafetiva na peça publicitária, assim como não é suficiente ter parlamentares LGBTI+ como Clodovil e Thammy Miranda, ou ainda um governador gay (e não um “gay governador”) como Eduardo Leite. Deve-se analisar, para além da figuração, as maneiras como essas pessoas e representações contribuem ou não para o avanço concreto das reivindicações históricas do movimento LGBTI+ por mais igualdade e liberdades (Quinalha, 2022, p.171).

O recurso do humor, sátira, ironia é uma modalidade comunicativa marcante dos grupos LGBTQIAPN+. É um “sistema de resposta” que denuncia atitudes homofóbicas e atos de violência que afetam sua integridade física, moral e psicológica. Agora nas redes sociais, a produção de conteúdo digital no Instagram permite ao grupo pautar discussões sobre gênero e sexualidade com diferentes trabalhos e performances.

Metodologia e Resultados da Pesquisa

A pesquisa é o procedimento racional e sistemático cujo objetivo é proporcionar respostas aos problemas propostos (Gil, 2002). Assim, este trabalho utiliza as pesquisas qualitativa e quantitativa. A primeira identifica dados que não podem ser descritos através de números e indicadores quantitativos, pois trabalha “com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2009, p.21). Já a pesquisa quantitativa, utiliza a quantificação na coleta e tratamento de informações, mediante técnicas estatísticas.

Uma amostra de usuários LGBTQIAPN+ do *Instagram* foi selecionada como objeto de investigação e as informações solicitadas em um questionário: técnica padronizada de coleta de dados que, através de um conjunto de questões, busca diferentes opiniões em uma determinada quantidade de pessoas, conforme os objetivos da pesquisa (Gil,2002).

Também foi utilizada a pesquisa bibliográfica para a contextualização teórica do atual cenário da produção e distribuição de conteúdos digitais, movimento LGBTQIAPN+ no Brasil, o conceito de representatividade, além da inserção dos cidadãos na internet, redes sociais e *Instagram*. Metodologicamente, foram aplicados 25 questionários pela plataforma *online Google Formulários*, com 12 perguntas objetivas e uma subjetiva. Os usuários estavam cientes que as informações seriam utilizadas apenas para fins acadêmicos.

O grupo pesquisado reside no Estado da Paraíba. No levantamento, 64% se identificam com o gênero feminino e 36% com o gênero masculino. A noção de gênero aqui inclui pessoas cisgênero e transgênero e ninguém se afirmou não-binário. A maioria dos entrevistados têm entre 26 e 45 anos e quanto à orientação sexual, 40% se define como lésbica e 32% como gay. Além disso, 24% dos usuários se afirmam como LGBTQIAPN+, mas se entendem como heterossexuais seja por serem homens ou mulheres trans heterossexuais ou “aliados”, que atuam na proteção dos direitos LGBTQIAPN+. A menor porcentagem (4%) corresponde aos pansexuais.

O *Instagram* é a rede social mais utilizada por 96% dos entrevistados, seguido pelo *Whatsapp*. No *Instagram*, 40% dos usuários acreditam que passam até quatro horas por dia utilizando o aplicativo; 24% entre quatro e seis horas; 24% entre seis e oito horas; 4% entre 8 e 12 horas e 8% estão conectados ao *Instagram* por mais de 12 horas diariamente. Sobre os conteúdos mais visualizados, 56% preferem as

páginas com notícias jornalísticas; 16% conteúdos sobre eventos e 16% as páginas de humor. Porém, 8% preferem as fofocas das celebridades, e 4% visualizam itens que desejam comprar ou encontram conteúdos aleatórios e não tem preferência específica.

A única questão subjetiva solicitou que os usuários citassem um produtor de conteúdo LGBTQIAPN+ que eles gostassem. Entre as respostas estão: Gabô Pantaleão (humorista lésbica), Bianka Nicoli (mulher trans e influencer); Pedro HMC (criador do canal no *Youtube* e site Gay “Põe Na Roda”); Rita D'Libra (*drag queen* e intérprete de libras); Erika Hilton (mulher trans e deputada federal); Brunna Gonçalves (bailarina, influencer, mulher cis bissexual e atualmente esposa da cantora Ludmilla) e a conta Bee40tona (página de humor sobre as crises de idade de um homem gay).

A pergunta neste caso não diferenciava se o produtor de conteúdo deveria ser da Paraíba ou do cenário nacional, todavia alguns criadores LGBTQIAPN+ locais foram citados: Karina Espínola (jornalista e Miss Trans Paraíba 2021); Magally Mel (personagem do ator e humorista Billy Willian, profissional ligado à produção de cultura gay); “Dalila Piu Piu” (*drag queen* que geralmente faz animações em eventos), além dos influenciadores Danilo Lima e Luelves Felix e, por último, o produtor e editor audiovisual, Mateus Fernandes.

Uma das respostas neste tópico cita a Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana da Paraíba (SEMDH- PB), o que ressalta a importância das fontes oficiais dentro da plataforma. Na questão subjetiva, foi pedido ao utilizador que caso ele não conhecesse nenhuma página ligada ao movimento LGBTQIAPN+ nesta rede social, colocasse “não conheço” na resposta. Ao todo, 10 pessoas inseriram esta afirmativa.

Sobre o tipo de postagem que mais gostam de acompanhar com relação a presença LGBTQIAPN+ no Instagram, 24% dos usuários preferem os conteúdos sobre festas LGBTQIAPN+; 24% as postagens de humor e 20% se interessam por serviços (saúde, cursos, casas de acolhida para pessoas LGBTQIAPN+ em situação de vulnerabilidade, canais de denúncia contra homofobia, etc). O restante busca páginas relacionadas à inclusão (ex: para a comunidade surda), estilo de vida ou não acompanham criadores deste segmento.

Em relação à representatividade, 64% dos usuários afirmam que se sentem representados ao visualizarem os criadores de conteúdo LGBTQIAPN+ no *Instagram* e 36% do grupo pesquisado acredita que a humanização (conteúdos reais, feitos por

peças reais, com qualidades e defeitos) seja o principal atributo para esta representatividade. Ainda sobre os atributos, 16% dos usuários citaram que o valor para a sociedade (conteúdos que influenciam, provocam reflexão e impacto social) justifica a representatividade. As demais porcentagens destacam a identificação (com o contexto, a história, a causa ou a forma de vida - 8%), a autenticidade (conteúdo único, característico daquela pessoa - 8%) e, por fim, aqueles que não se sentiam representados por estes criadores de conteúdo (32%).

Uma questão trata da atuação dos produtores de conteúdo LGBTQIAPN+ na Paraíba: 52% dos utilizadores consideram a atuação razoável, pois os conteúdos são postados com certa regularidade, mas não diariamente; 40% das respostas apontam que existe pouca atuação, já que os conteúdos e participações na mídia são raras e apenas 8% afirma uma ampla atuação, com trabalho intenso nos espaços públicos e privados.

Foi acrescentada uma questão sobre o compartilhamento dos conteúdos LGBTQIAPN+ no *Instagram* e 40% dos usuários compartilham às vezes, apenas quando consideram que a postagem é muito boa. Outros 24% curtem, comentam e compartilham todas as postagens e 16% dificilmente compartilham mas curtem as postagens. A porcentagem restante é formada por aqueles que não acompanham criadores deste segmento (20%).

Sobre as razões que motivam esse compartilhamento, 28% compartilham, pois mais pessoas vão se identificar ou se sentirem representadas; 24% para informar outras pessoas e 20% querem divertir amigos e familiares. As demais porcentagens se referem àqueles que desejam ajudar outras pessoas/ utilidade pública (4%) ou simplesmente não acompanham criadores LGBTQIAPN+ no *Instagram* e conseqüentemente não compartilham conteúdos (24%).

Diante do exposto, pode-se inferir que o *Instagram* é uma ferramenta estratégica para a população LGBTQIAPN+, à medida que os conteúdos cada vez mais traduzem os seus valores e demandas. Através dos questionários e leitura, pelo prisma teórico, foi possível identificar que a produção de conteúdo nesta plataforma é um importante instrumento de representatividade para o movimento LGBTQIAPN+ brasileiro e que a humanização dos conteúdos é fundamental para essa representatividade. Tal estratégia pode colaborar para a visibilidade do movimento, para uma ética da igualdade e redução de preconceitos, dinâmica fundamental para

os processos de empoderamento e reforço político entre os que estão à margem do padrão normatizado (Preciado, 2011).

Apesar do levantamento ter revelado que a maioria dos usuários se sentem representados pelos conteúdos digitais, a maior parte da amostra percebe que a produção LGBTQIAPN+ poderia ser intensificada no *Instagram*, visto que hoje é concentrada nas postagens de humor e festas. Assim, conforme aponta Quinalha(2022), é sempre preciso questionar, para além das aparências, o discurso da representatividade, pois uma identidade pessoal não necessariamente se reflete em uma identificação política. Ou seja, nem todas as pessoas LGBTQIAPN+ estão engajadas na defesa das bandeiras e causas da comunidade⁹ e atribuir a representatividade a pessoas com estes posicionamentos não ajuda a modificar a estrutura de preconceitos e discriminações.

Sabidamente, a maioria dos utilizadores questionados ressaltou a necessidade de fortalecer essa representatividade no cenário paraibano, onde há uma margem considerável de produtores de conteúdo, mas ainda sem expressão suficiente para conquistar o seu lugar na esfera pública informacional.

Considerações Finais

Atualmente, as tecnologias digitais facilitam os processos de participação, disseminação e produção de conteúdos. Neste contexto, o *Instagram*, lançado em 2010, foi uma das primeiras redes sociais exclusivas para acesso através do celular e, embora hoje seja possível visualizar publicações no *desktop*, seu formato prioriza os dispositivos móveis. A plataforma conta com uma série de funcionalidades, no qual os usuários interagem, compartilham registros, fazem negócios, se divertem, além de aprofundarem temas e defenderem causas que consideram relevantes como o movimento LGBTQIAPN+.

A evolução das plataformas de comunicação, especialmente a partir dos anos 1990, permitiu que a população LGBTQIAPN+ tivesse maior visibilidade. Portanto, neste trabalho, foram apresentadas as primeiras ações que colaboraram para a evolução do segmento abordando a sua história e presença midiática. Também

⁹ Inclusive, há parlamentares e outras pessoas LGBTQIAPN+ que trabalham em sentido contrário por aderir a valores conservadores e preconceituosos (Quinalha,2022).

comentou sobre as alterações na sigla visando garantir a devida inclusão em suas letras.

Este artigo tem o foco direcionado à comunicação no *Instagram*, logo, ressalta o conceito de rede social e o surgimento da plataforma até a sua atual utilização como um espaço de conexão e expressão de posicionamentos, através dos criadores de conteúdo. Estes, possuem credibilidade junto ao público que representam no contexto da esfera pública informacional. As respostas dos questionários foram unidas à revisão de literatura que ressaltou diferentes perspectivas teóricas. A maioria dos usuários se sentem representados pelos produtores de conteúdo LGBTQIAPN+, especialmente no contexto nacional, mas consideram que na Paraíba a atuação é razoável.

O segmento LGBTQIAPN+ está entre os mais discriminados do mundo e ao longo da história vivenciou diversas opressões e marginalizações, o que aumentou sua vulnerabilidade. Por isso, é importante para um público que, desde a infância, encara a sociedade pelo viés do preconceito, ter acesso a conteúdos que contribuam para a valorização da sua auto-estima, através de textos, imagens e vídeos nos quais ele é o protagonista. Portanto, as conclusões deste trabalho não apenas definem o cenário atual como abrem espaço para novos estudos com outras amostras e diferentes perspectivas.

Referências

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

INSTAGRAM. **Site Oficial**. Disponível em <https://www.instagram.com/?hl=pt-br>. Acesso em: 20 de julho de 2023.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria. In: SAAD, Elizabeth; SILVEIRA, Stefanie C.(organização). **Tendências em comunicação digital**. São Paulo : ECA/USP, 2016.p.38-59.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e Jornalismo. A saga dos cães perdidos**. 2ª edição. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Desafio da Pesquisa Social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes,2009. p. 9-29.

MORAES, Elaine Cristina Gomes de; SOARES, Murilo Cesar. O movimento homossexual no Brasil: construção da identidade, eventos e visibilidade mediática. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 14, n. 26:(36-44) jan-jun 2013. Disponível em:<https://doi.org/10.13037/ci.vol14n26.1720> . Acesso em: 9 de junho de 2023.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Trad. por Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. (Trabalho original publicado em 1961).

PAIVA, Cláudio Cardoso de. **Hermes no Ciberespaço: uma interpretação da comunicação e cultura na era digital**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 3. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto,2015.

PIZA, Mariana Vassallo. **O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica**. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais com habilitação em Sociologia) - Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, Brasília, 2012. Disponível em:https://bdm.unb.br/bitstream/10483/3243/1/2012_MarianaVassalloPiza.pdf . Acesso em 24 de abril de 2023.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.19, n.01, janeiro-abril/2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/yvLQcj4mxkL9kr9RMhxHdwk/#>. Acesso em 05 de julho de 2023.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+: Uma breve história do século XIX aos nossos dias**. Autêntica; 1ª edição, junho de 2022.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. **Metamorfoses jornalísticas**. Volume 2. Pages 37-55, 2009.

REIS, Toni; CAZAL, Simón (organizadores). **Manual de comunicação LGBTI+** [livro eletrônico] / 3. ed. Curitiba: IBDSEX, 2021. (Enciclopédia LGBTI+). Disponível em:<https://aliancagbti.org.br/wp-content/uploads/2022/01/manual-de-comunicacao-gaylatino-V-2021-WEB.pdf>. Acesso em: 20 de junho de 2023.


REIS, Toni., org. **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

SANTANA, Eder Luis. **LGBT como pauta do Jornalismo: visibilidades e limitações**. 1ª ed.Salvador: Editora Devires, 2018.

SANTOS, Luiz Felipe Souza. **História do movimento LGBT brasileiro: interpretações sobre as dinâmicas da interação entre o movimento social e o Estado.** Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Administração Pública). Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais: Revista Ufla, 2018.

TRÄSEL, Marcelo Ruschel. **Entrevistando planilhas: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil.** Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/6841> . Acesso em: 22 de junho de 2023.

VELLOSO, Ricardo Viana. O ciberespaço como ágora eletrônica na sociedade contemporânea. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 37, n. 2, p. 103-109, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/pT9z9fHB46VxXGQ56Wj5PYP/?lang=pt> . Acesso em: 21 de junho de 2023.



Capítulo 2
JORNALISMO E O FORTALECIMENTO DO
“RANÇO AO SERTÃO”: ANÁLISE CRÍTICA
DA NARRATIVA DO GLOBO REPÓRTER
ESPECIAL DE 50 ANOS DA REDE CLUBE NO
PIAUI
Lana Krisna de Carvalho Moraes
Heitor Costa Lima da Rocha

JORNALISMO E O FORTALECIMENTO DO “RANÇO AO SERTÃO”: ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA DO GLOBO REPÓRTER ESPECIAL DE 50 ANOS DA REDE CLUBE NO PIAUÍ

Lana Krisna de Carvalho Morais

Jornalista, Mestre em Educação (UPE), Especialista em Assessoria de Comunicação e Jornalismo Digital, Professora da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação Alternativa, Comunitária, Popular e Tecnologias Sociais da UESPI, aluna do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFPE), e-mail: lanakrisna.lm@gmail.com.

Heitor Costa Lima da Rocha

Pós-Doutor em Comunicação pela Universidade da Beira Interior, Doutor em Sociologia e Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco, Jornalista pela Universidade Católica de Pernambuco e Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE, e-mail: hclrocha@gmail.com.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo geral analisar como ocorre o fortalecimento do ranço ao sertão a partir da análise crítica da narrativa do programa Globo Repórter especial de 50 anos da Rede Clube no Piauí. Objetivos específicos: compreender como se estabelece a visão estereotipada sobre o semiárido piauiense a partir das imagens selecionadas pelo telejornalismo; identificar a presença de signos de nordestinidade no programa especial analisado; e problematizar acerca da formação de jornalistas para compreensão da complexidade do território semiárido. Problema central: como se relacionam as mensagens do espaço público midiático com a racionalidade cotidiana do homem do semiárido? A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica e análise crítica da narrativa, a partir da instância de análise metanarrativa, tendo como base do modelo estabelecido por Luiz Gonzaga Motta (2013). O programa analisado apresenta narrativas distintas ao abordar a região do cerrado piauiense, apontada como lugar de progresso, a região semiárida, apontada como lugar de seca e pobreza, e a região no norte do estado, apontada como lugar de belezas e potencial turístico. Os principais signos identificados foram: complexo de vira-lata, sertão como lugar inóspito, calor, fome, seca, pobreza, fé e a figura caricata

do vaqueiro. Por fim, a necessidade de formar e atualizar os jornalistas para uma percepção mais crítica sobre os problemas do semiárido, políticas públicas e potencialidades, para que não continuem fortalecendo o ranço negativo contra o sertão.

Palavras-chave: Semiárido; Telejornalismo; Ranço; Nordeste; Análise crítica.

ABSTRACT

This article aims to analyze how the bias against the Brazilian Sertão (semi-arid region) is strengthened through a critical analysis of the narrative presented in the special Globo Repórter program celebrating the 50 years of Rede Clube in Piauí. The specific objectives are to understand how the stereotyped view of the Piauí semi-arid region is established through the images selected by the news media, to identify the presence of signs of "nordestinidade" (Northeastern identity) in the analyzed special program, and to problematize the training of journalists to comprehend the complexity of the semi-arid territory. The central problem is how the messages from the mediatized public space relate to the daily rationality of the people living in the semi-arid region. The methodology used involves bibliographic research and critical analysis of the narrative, following the metanarrative analysis framework established by Luiz Gonzaga Motta (2013). The analyzed program presents different narratives when addressing the Piauí Cerrado region, which is portrayed as a place of progress, the semi-arid region, depicted as a place of drought and poverty, and the northern part of the state, portrayed as a place of beauty and tourism potential. The main signs identified in the narrative include the "complexo de vira-lata" (underdog complex), the Sertão as a inhospitable place, heat, hunger, drought, poverty, faith, and the caricatured figure of the vaqueiro (cowboy). In conclusion, there is a need to educate and update journalists to have a more critical understanding of the issues in the semi-arid region, public policies, and its potential, so they do not continue to reinforce negative biases against the Sertão.

Keywords: Semi-arid; Broadcast journalism; Prejudice; Northeast; Critical analysis

INTRODUÇÃO

O semiárido brasileiro é um território diverso e ao mesmo tempo singular, marcado por lutas e contradições históricas, além de representações caricatas construídas ao longo dos anos através da literatura, do cinema e da própria imprensa.

Muito além dos elementos geológicos, o semiárido também é simbólico, diversas vezes representado no cinema e através do próprio jornalismo a partir de signos como miséria, violência, fanatismo religioso, seca, fome, coronelismo, como

lugar inóspito, onde o sertanejo “antes de tudo, um forte” (CUNHA, 1995, p. 515), força e estratégia para sobreviver aos efeitos da seca, fenômeno natural e previsível, para o qual foram desenvolvidas e implantadas políticas públicas ao longo dos anos, permitindo ao povo sertanejo possibilidades de convivência com o seu território.

Com a mudança na abordagem “combate à seca” para “convivência”, o semiárido passa dar novo significado ao pertencimento, novos conhecimentos são produzidos sobre a região, com destaque às características naturais, potencialidades e riquezas, as universidades dedicam esforços científicos para compreender e transformar um território tão singular, o único semiárido do planeta que abriga o bioma caatinga, mas o jornalismo continua reproduzindo os velhos signos, com imagens de solo rachado, carcaça de animais e fome.

No caso específico da região Nordeste, esforços foram envidados para formulação do problema ou diagnóstico da situação, a fim de implementar políticas de desenvolvimento que pudessem alavancar a economia da região. A princípio, atribuiu-se à seca a culpa do subdesenvolvimento dessa região. A estiagem prolongada era, então, o grande fator que fragilizava o complexo econômico sertanejo, o que levava às ações assistenciais governamentais para socorrer a população nesses períodos, mas que, na realidade, beneficiavam as oligarquias agrárias do sertão (SOUZA; LOPES, 2022, p. 53).

Construir nova visão sobre a região também é papel da imprensa e da academia, fazendo-se necessário discutir o território semiárido e seu aspecto sócio histórico, a formação, organização do espaço e da sociedade, as concepções de desenvolvimento a partir da convivência e sustentabilidade no semiárido, bem como o papel das políticas públicas, tecnologias e educação contextualizada com demandas da região.

No entanto, ressignificar o pertencimento ao semiárido ainda é um desafio presente para população deste território, pois as representações construídas ao longo da história foram pautadas nas experiências desafiadoras para sobrevivência (como fruto da ausência de políticas públicas eficazes), nos discursos promovidos nos ambientes formativos (cujos livros didáticos e projetos raramente eram voltados para educação contextualizada com o semiárido, apresentando o território como um espaço-problema em virtude das características climáticas), além dos discursos construídos pelo cinema e imprensa (que fortaleceram signos de fome, miséria, calamidade, violência, etc.).

A partir do contexto apresentado, este artigo tem como objetivo geral analisar como ocorre o fortalecimento do ranço ao sertão nordestino a partir da análise crítica da narrativa do programa Globo Repórter especial de 50 anos da Rede Clube no Piauí, veiculado no dia 02 de dezembro de 2022¹⁰. Objetivos específicos: compreender como se estabelece a visão estereotipada sobre o semiárido piauiense a partir das imagens selecionadas pelo telejornalismo; identificar a presença de signos de nordestinidade no programa especial analisado; e problematizar acerca da formação de jornalistas para compreensão da complexidade do território semiárido. Problema central: como se relacionam as mensagens do espaço público midiático com a racionalidade cotidiana do homem do semiárido?

O caminho metodológico para o desenvolvimento desse estudo tomou como base a pesquisa bibliográfica, além dos estudos de Sica (2013) e Correia (2004) sobre o método análise crítica da narrativa, a partir dos caminhos e sugestões estabelecidas por Motta (2013, p.09), que considera a narrativa como um “modo expressão universal, que atravessa o jornalismo, o cinema, a telenovela, a fotografia, a publicidade, o conteúdo das novas mídias, etc.”, e também estabelece três instâncias de análises: 1ª Plano da expressão (discurso, linguagem); 2º Plano da estória (conteúdo, enredo, intriga); 3º Plano da metanarrativa (tema, fábula, modelo de mundo), esta pesquisa optou por realizar a análise a partir da terceira instância, dada a duração do programa e possibilidade de continuidade das investigações sobre o tema.

O objeto a ser analisado é o programa Globo Repórter, produzido como edição especial em comemoração aos 50 anos da Rede Clube, emissora afiliada à Rede Globo no Piauí, com sede em Teresina. Assim como de costume, o programa foi transmitido numa noite de sexta-feira para rede nacional e internacional a partir do Globoplay, teve duração de 40 minutos e dois segundos (sem contar os blocos comerciais), foi apresentado pela jornalista Sandra Annenberg dos estúdios da emissora no Rio de Janeiro. Já a reportagem especial sobre os 50 anos da afiliada do Piauí foi apresentada pelo repórter Renan Nunes, ao lado da repórter e apresentadora Aline Moreira, ambos integrantes da equipe da TV Clube.

¹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=D0aiw8X88Ws>

SEMIÁRIDO COMO ESPAÇO-PROBLEMA

A visão historicamente reproduzida pela mídia, escolas e discurso das elites, é de que a pobreza do semiárido brasileiro está atrelada à seca, ou seja, trata-se do resultado de um “problema natural”. A visão simplista foi usada como argumento ao longo de décadas para justificar os baixos índices de desenvolvimento social e o semiárido, mesmo com todas as suas riquezas, foi denominado como espaço-problema, inclusive pela população local, que passa a migrar para outras regiões em busca de oportunidades e qualidade de vida.

No entanto, esta concepção marginaliza a compreensão dos desafios sob a ótica da organização social, questões fundiárias, ausência de educação e tecnologia contextualizadas para o desenvolvimento local, além de políticas públicas verticalizadas, que, em muitos casos, não atendem às necessidades da população e, por conseguinte, acabam por contribuir com o assistencialismo político, dando forças às antigas elites que se perpetuaram no poder à custa da miséria.

A representação do fenômeno das secas, ancorada, hegemonicamente, na calamidade natural, é, certamente, um processo social, político e econômico complexo, que produziu, historicamente, uma desinformação, colaborando, sobretudo, para a manipulação de uma identidade social das populações do Nordeste brasileiro (AZEVEDO E AZEVEDO, 2021, p.50).

Mesmo diante de avanços, a organização social do semiárido, processo político e econômico, divisão fundiária, desinformação e manipulação da identidade social pautada na fome, pobreza e calamidade, ainda representam este território tão rico e plural, esta imagem pejorativa integra as estratégias das históricas elites no poder, que lucram com a dominação dos órgãos públicos e vendendo a imagem de flagelo.

A exemplo do que ocorreu no Brasil, o Piauí herdou do período colonial um legado de exclusão social no qual o extermínio da população nativa e a escravidão são as raízes mais fortes. Com a agravante, a base econômica de constituição da sociedade – a pecuária extensiva – coloca o latifúndio como condição imprescindível ao funcionamento do sistema que, sem ampliar os níveis de produção e de produtividade, condena o Estado a altos níveis de pobreza relativa e absoluta. (ALENCAR, 2010, p. 35).

Com base nos dados apresentados, passamos a observar as contradições existentes sobre o território semiárido, de forma específica o piauiense, que conta com diversos potenciais hídricos, minerais e naturais, conforme pode ser observado no

Mapa de Geodiversidade do Estado do Piauí (BRASIL, 2009), ainda assim disputa os índices mais baixos de desenvolvimento com os estados do Maranhão e Alagoas (BRASIL, 2021). Essas contradições são ocasionadas pela lentidão econômica, políticas públicas que não dialogam com as demandas locais, práticas assistencialistas, baixo número de pesquisas e tecnologias para resolução de problemas locais e ausência de educação que compreenda a complexidade do território, com suas possibilidades, singularidades e riquezas.

“Essa situação é constatada e debatida há muito tempo. Na maioria das vezes, porém, os diagnósticos e proposições referem-se ao semiárido como um espaço-problema, terra das secas, explicação do atraso econômico regional” (SILVA, 2010, p. 64), neste cenário, o sertanejo, homem simples e rico em conhecimento pela experiência, muitas vezes distante dos espaços formais de educação, passa a associar as problemáticas locais ao desejo divino e não ao falho modelo de desenvolvimento.

Para as elites regionais, a permanência da região Nordeste na condição de produtores agrícolas (subsistência) contribuía para a manutenção das relações de desigualdade na ordem econômica vigente, impedindo essa região de obter um nível de desenvolvimento elevado e, conseqüentemente, a melhoria de vida de sua população (SOUZA, LOPES, 2022, p. 49).

A imprensa contribui para o fortalecimento de estigmas e representações, quando midiaticamente apenas o sertão das calamidades, para o pesquisador Edmerson Reis (2010), essa constatação é possível de ser revertida, dependendo da vontade política de cada um, seja através da gestão dos estados e municípios, através de projetos, da educação ou da própria imprensa. O pesquisador cita Durval Muniz de Albuquerque Jr. (1999), a partir da obra *A invenção do Nordeste e outras artes*, afirma que a idealização do Nordeste brasileiro apresenta traços do “ranço negativo” que ao longo da história foi fortalecido pela elite nordestina, que fazia uso dos discursos de calamidade para atender os seus interesses, justificar a pobreza e baixo índice de desenvolvimento, além de receber verbas públicas investidas em práticas assistencialistas, que não resolviam os problemas, apenas eram amenizados e em contra partida, garantiam a permanência das famílias pobres dentro dos seus redutos eleitorais, dessa forma, fortalecia-se o discurso de calamidade originada do fenômeno da seca.

Então, a caveira do gado que aparece na imprensa nacional não é a do bode, que está sobrevivendo, resistindo às intempéries do clima e segurando as famílias no Semiárido, mas sim do bovino, que, inapropriado para a região, continua sendo criado sem se levar em consideração as condições climáticas e a adaptabilidade desses animais às especificidades da semiaridez. É essa a imagem que foi criada para favorecer uma elite brasileira, sendo preciso envidar esforços na tentativa de romper com esse cenário da artificialidade. Essa é uma das construções humanas que precisa ser desconstruída, pois esse ranço cultural reacionário contribui para a fabricação de “uma identidade de inclinação despótica” (REIS, 2010, p. 111).

A partir desta perspectiva, o autor acrescenta que quando absorvemos o imaginário, deixamos de falar por aquilo que somos, que vivenciamos, passamos a falar a partir das imagens que nos foram apresentadas sobre nós, colocadas nas nossas mentes pela repetição dos discursos, neste cenário o sujeito se enxerga impotente, incapaz de superar os desafios e vulnerabilidades do território em que vive. “Os livros didáticos que circulam na nossa região reforçam essa imagem [...], é essa a negatividade que se criou [...] e que ainda está presente entre nós e que terminamos por assumi-la e proliferá-la” (REIS, 2010, p. 112). Mas não é impossível, para tanto, é necessário enxergar as mudanças a partir das políticas públicas eficazes, que assumem papel articulador com a educação, distribuição de renda, de terra e desenvolvimento de tecnologias apropriadas.

Como equipamentos privilegiados de cultura no século XX, a literatura, o cinema e a mídia de massas construíram uma representação sertaneja que atendeu à curiosidade nacional em torno desse “outro” Brasil, místico, berço da brasilidade original e repleto de personagens exóticos, e reforçaram a construção de um imaginário em que a seca se constituiu como elemento fundador das precárias condições de vida do sertanejo e alimentou a esperança da fuga dessa realidade imóvel para “a cidade grande” (MOREIRA, 2017, p. 76).

Além da imprensa, o cinema também tem contribuído para construção de representações e estereótipos sobre a população nordestina, especialmente sobre o homem do semiárido, Paiva (2006, p. 38-39) explica que a imagem do sertanejo foi apresentada no universo simbólico das produções audiovisuais como “um homem forte, resignado pela miséria causada pela fome, uma lição de moral a ser seguida por sua resistência fria, idéias fixas e virtude”. A pesquisadora explica que a difusão deste estereótipo ocorria de forma natural, despreziosa, mas que a partir da repetição e reprodução em larga escala, contribuiu para criação de representações simbólicas.

Em outras palavras, as representações simbólicas constituem uma forma de pensamento social, que abrange as informações, experiências, conhecimentos e modelos, que são recebidos, transmitidos e circulam na sociedade, através de mecanismos utilizados pela educação, pelas tradições e pela comunicação social (PAIVA, 2006, p. 39).

O olhar apresentado pela produção cinematográfica não tem compromisso com a realidade, contribuindo para o fortalecimento de estereótipos e signos que já não representam o semiárido da atualidade, diferente do jornalismo, que tem o compromisso com os fatos, mas ainda se utiliza das representações do sertão de outrora para ilustrar os acontecimentos do dia a dia.

ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA DO GLOBO REPÓRTER ESPECIAL DE 50 ANOS DA REDE CLUBE NO PIAUÍ

Conhecendo o objeto

A TV Clube foi inaugurada no dia 3 de dezembro de 1972 na cidade de Teresina-PI, tornando-se a primeira emissora do estado, sua implantação aconteceu durante um período de controle à imprensa brasileira, por conta da ditadura militar. “A chegada da nova tecnologia de mídia foi representada como símbolo de progresso econômico e modernidade, além do empenho dos políticos da época” (MINEIRO, RÊGO, 2016, p. 01).

Em comemoração aos 50 anos de história, a emissora produziu diversos programas para a data e véspera do aniversário, entre eles, uma reportagem especial veiculada no Globo Repórter exibido no dia 02 de dezembro de 2022, com a apresentação da jornalista Sandra Annenberg.

Análise crítica da narrativa

Na obra “Análise crítica da narrativa” Luiz Gonzaga Motta (2013) apresenta procedimentos operacionais para realização das análises, bem como toda contextualização teórica em torno do método. O livro está dividido em sete capítulos, no primeiro “Por que estudar as narrativas?” o autor destaca que a importância desse estudo está na compreensão de quem somos, desde a vida individual até a identidade, que juntas constituem uma narrativa pessoal.

Compreender um pouco mais do ser humano na sua complexidade, entender o mundo humano, demarcar nossas identidades, o que somos, como nos constituímos é o trabalho da análise das narrativas. [...]. Apreender o significado de uma coisa ou fenômeno é contemplá-lo nas suas relações com outras coisas e pessoas, observar como opera e funciona, que consequências produz, etc. (MOTTA, 2013, p. 30).

Assim, chama atenção para reflexão sobre as experiências do sujeito, bem como processo contínuo de busca pelo conhecimento, sempre visando dominar algo desconhecido. No segundo capítulo “Retorno da narrativa: busca do significado”, Motta (2013) apresenta um resumo da guinada da filosofia rumo à linguagem em busca de melhor compreensão da narrativa para construção de sentidos, destacando ainda que “a linguagem é o instrumento privilegiado através do qual o homem se nega aceitar o mundo tal qual ele é, lançando-se na incrível aventura contra a barbárie, contra a selvagem e caótica realidade, contra as indeterminações” (MOTTA, 2013, p. 74).

Ao abordar os “Procedimentos operacionais da análise pragmática”, Luiz Gonzaga Motta apresenta pistas para o desenvolvimento da análise dividindo o discurso narrativo em três instâncias expressivas: 1º plano da expressão (linguagem e discursos), 2º plano da estória (ou conteúdo) e 3º plano da metanarrativa (tema de fundo). A terceira instância será aprofundada a seguir, com a análise da reportagem especial, de forma específica os trechos que tratam do semiárido piauiense, também realizando um paralelo com os outros territórios apresentados.

No capítulo “Do enunciado à enunciação: vozes narrativas e jogos de poder e Matriz para análise empírica do poder de voz” aponta que os textos comunicacionais têm sempre uma intensão, portanto, o autor propõe analisar esses textos para compreender qual poder se manifesta durante a narrativa jornalística, voltando o olhar para atuação dos sujeitos interlocutores e não para o enunciado em si.

Plano da metanarrativa

Para melhor compreensão da reportagem especial em comemoração aos 50 anos da TV Clube, vamos realizar a análise a partir do plano da metanarrativa, visando ofertar profundidade sobre a estrutura da reportagem, que tem duração de 40 minutos e 2 segundos, é reproduzida ao longo do Globo Repórter. Motta (2013) discorre que

este plano é voltado para o tema de fundo ou apresenta modelos de mundo, capazes de evocar imaginários culturais.

A reportagem especial começa com a apresentadora do programa, Sandra Annenberg explicando que o trajeto dos repórteres começa pelo extremo sul do Piauí até o litoral, a produção da reportagem durou dois meses, para mostrar “os desafios e as alegrias de quem vive no sertão nordestino”, apresentando um compilado de falas sobre famílias que se reúnem na praça para assistir TV (arquétipo de sertão antigo), religiosidade e fé, a partir das procissões tradicionais, tragédias e acontecimentos que emocionaram a população local, os vaqueiros que desbravam desde o sertão colônia e a culinária que se adaptou aos ingredientes encontrados em meio à caatinga.

O ponto de partida dos repórteres é a divisa entre os estados do Piauí e Bahia, percorrendo o mais de três mil quilômetros até chegarem ao litoral. Aqui a metanarrativa se estabelece, dando exatidão ao início, desenvolvimento e final do enredo, sendo possível observar que a partir da localização geográfica, o Piauí passa a ser retratado de forma diferente.

No extremo sul e sudoeste do estado, os repórteres deram destaque às belezas da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato, à força da pecuária em Cristalândia e ao potencial do agronegócio a partir da plantação de soja em Uruçuí, vale destacar que esta área encontra-se no cerrado, com exceção de São Raimundo Nonato, mas que foi apresentado positivamente por conta do patrimônio natural situado no seu território. Em seguida o repórter inicia de fato a apresentação do sertão, que se apresenta com paisagens desoladoras, imagens de pobreza e discursos estereotipados do sertão de outrora, “cuja vida passa lentamente e escapa pelas mãos”.

A reportagem passa por Monsenhor Gil, que está localizada mais ao norte, para recordar a chegada dos aparelhos de televisão e os encontros na praça para acompanhar a programação, já que se tratava de um objeto caro e não acessível para todos os públicos. Ao retornar para o sertão, a reportagem resgata uma notícia antiga, mostrando os efeitos da seca, carcaça de animais mortos, crianças em jumentos levando água e comendo macambira para escapar da fome. Voltando para atualidade, apresenta a cidade de Jaicós, município localizado na região centro-sul do Piauí que sofre com o abastecimento de água, resumindo o sertão aos desafios da seca, prejuízos na lavoura, dificuldade para ter acesso à água, mas sem perder a esperança por dias melhores.

As imagens e falas apresentadas recorrem ao estigma antigo que colocam o semiárido como espaço-problema, sem problematizar sobre as políticas públicas, avanços, potencialidades, apenas atribuindo o problema à ausência ou irregularidade das chuvas.

A cidade de Picos, localizada aproximadamente a 30 quilômetros de Jaicós, também localizada no sertão piauiense, foi apresentada a partir do potencial para o comércio, em seguida a narrativa volta explorar os signos de pobreza e seca. Vale ressaltar que a cidade de Picos é um dos maiores entroncamentos do Nordeste, é abastecida por água mineral dos ricos mananciais no lençol freático, também é conhecida pela exportação de mel e caju, polo universitário, ainda assim foi apresentada pelo viés da pobreza.

Voltando à zona rural de Jaicós, a reportagem apresenta uma experiência exitosa na comunidade Várzea Queimada, onde mulheres mudaram de vida através do artesanato feito com a palha de carnaúba. A equipe que produziu a reportagem deixou escapar às lentes e narrativa o sertão da ovinocriprinocultura, de adutoras, piscicultura, industrialização a partir da fruticultura ou derivados do leite, o sertão dos pequenos agricultores que produzem alimentos orgânicos, ou sertão tecnológico.

A reportagem segue apresentando a religiosidade do município de Oeiras, primeira capital do Piauí e também conhecida como “capital da fé”, seguindo por Santa Cruz dos Milagres, as imagens, depoimentos e *offs* fortalecem o signo religiosidade, tão presente na literatura, cinema e notícias sobre o sertão.

Do sertão ao norte, a expedição comemorativa chega a Teresina, destaca a história da implantação da emissora, seu crescimento e equipe, mas deixa de fora as manifestações culturais da capital, artesanato, pontos turísticos e a marca da violência noticiada diariamente nos telejornais. De Teresina segue para Campo Maior, mais ao norte, apresenta pratos típicos e segue para o município de Cocal, que foi marcado pela tragédia do rompimento da barragem de Algodões II.

Chegando no litoral, ao extremo norte, o espaço é apresentado como um “Piauí de transformação” a partir das belas paisagens, turismo crescente, sem destaque às crises de abastecimento de água ou problema de segurança pública, a pauta passa pelo maior cajueiro do Nordeste, belezas quase inexploradas do Delta do Parnaíba, complexos hoteleiros e praias paradisíacas ideais para prática de kitesurf.

A viagem chega ao fim apresentando imagens de diversos pontos do estado e destacando a importância de valorizar as tradições, remetendo novamente à figura do

“vaqueiro nordestino que pega boi na mata”, na tela aparece um senhor com marcas do tempo no rosto, vestido com traje festivo dos vaqueiros, que é o gibão de couro e todos os acessórios. A imagem deixa entender que os vaqueiros ainda se vestem assim no sertão nordestino, quando na realidade a vestimenta se tornou um símbolo da tradição.

Em resumo, a metanarrativa apresentada sobre o Piauí ao longo da reportagem foca nas potencialidades do sul do estado, explora a miséria e seca da região semiárida e apresenta as belezas do norte. Um discurso antigo e historicamente reproduzido pela imprensa local e nacional, que associa o sertão à pobreza e subdesenvolvimento quando determina a abordagem de cada pauta.

Signos de nordestinidade e formação jornalística

Ao longo da análise foi possível identificar diversos signos de nordestinidade a partir das falas de Sandra Annenberg, da narrativa apresentada por Renan Nunes e Aline Moreira, bem como com a escolha de notícias antigas que foram reproduzidas dentro da reportagem comemorativa aos 50 anos, personagens selecionados para as entrevistas, imagens e trilhas sonoras.

O primeiro signo que merece destaque, mesmo não estando presente na literatura de Paiva (2006) sobre a temática, é o “complexo de vira-lata”, expressão cunhada por Nelson Rodrigues em 1950, que remete ao sentimento e situação de inferioridade que o brasileiro se coloca, também reproduzida pelo piauiense em relação a outros estados e especialmente regiões. Esse signo se manifesta ao apresentar o Parque Nacional da Serra da Capivara, que abriga os sítios arqueológicos mais antigos da América e é considerado o berço do homem americano, o repórter explica que o reconhecimento do espaço ocorreu após reportagem do jornal New York Times, que apresentou o destino numa lista de viagens para ano de 2022¹¹. Olhar para grandiosidade do parque e enquadrá-los como importante a partir da notícia mencionada fere todos os anos de pesquisa, investimento e turismo no espaço. O sentimento de inferioridade também se estabelece com o enaltecimento da população gaúcha que explora o agronegócio do serrado, deixando de lado todos os problemas de grilagem de terra.

¹¹ <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2022/01/11/jornal-americano-the-new-york-times-aponta-serra-da-capivara-como-um-dos-52-destinos-para-viagem-em-2022.ghtml>

Outro signo identificado é a apresentação do sertão como lugar inóspito, quando o repórter diz que a vida no sertão escorre pelas mãos e insiste em correr lentamente. Essa narrativa apresenta o território como um espaço letárgico, cuja vida se esvai de forma vagarosa. Como se o tempo no sertão fosse diferente de outros lugares.

O terceiro signo é o calor, ele aparece quando a apresentadora fecha um bloco e anuncia o que virá após o intervalo, destacando os “desafios do estado onde a população se acostumou a viver com temperaturas acima dos 40 graus”. Além de fortalecer um estereótipo, extingue do imaginário de quem acompanha o programa e não conhece o Piauí, a pluralidade e diversidade, inclusive climática, mesmo no semiárido. Como exemplo, podemos citar cidades como Marcolândia ou Simões, aonde a temperatura dificilmente chega aos 30 graus nos períodos mais quente do ano.

O quarto signo identificado é a fome, quando a equipe resgata uma notícia antiga de crianças e adultos comendo macambira para sobreviver, que se alia ao quinto e sexto signos: seca e a pobreza. A sequência mostra um sertão sem progresso, onde a população precisa de jumentos para transportar água, carro-pipa ou ainda o sofrimento dos reservatórios secos. A notícia fica ainda mais complexa quando retrata a pobreza ocasionada por imagens desoladoras de lavouras secas e animais padecendo. Como de costume, ao invés de problematizar sobre as políticas públicas para o desenvolvimento do semiárido, a notícia explora o sertão do passado, dando a entender que a população residente neste espaço não conta com o mínimo para sobreviver, deixando de levar em conta os programas de aceleração ao crescimento, que trouxeram novos reservatórios, construíram adutoras, bem como as áreas irrigadas, a agricultura familiar que se utiliza de tecnologias apropriadas à vida no semiárido.

O sétimo signo identificado é a fé ou religiosidade do sertanejo, que coloca em Deus a esperança por dias melhores a partir da chuva. O oitavo signo é a figura caricata do vaqueiro vestido com gibão e todos os acessórios usados no passado para proteção durante as “pegas de boi”, atualmente a vestimenta é usada em datas festivas, como as famosas missas ou cavalgadas em homenagem ao homem do campo.

Diante da metanarrativa apresentada na reportagem e dos signos estabelecidos, observamos a urgência acerca da formação dos profissionais que

atuam na imprensa local sobre o seu próprio lugar, a necessidade de ressignificar o pertencimento, conhecer o processo de organização social, compreendendo que a pobreza do Piauí está mais relacionada com a concentração fundiária, desinteresse das autoridades que fizeram do espaço um curral eleitoral com práticas assistencialistas, que não resolviam o problema de acesso à água, saúde ou educação, mas atuavam como práticas paliativas que garantiam a permanência das velhas elites no poder.

Desta forma, torna-se urgente discutir acerca das narrativas construídas sobre o sertão nordestino, de forma especial o sertão piauiense, buscando compreender até que ponto a escolha das palavras, fontes, imagens, trilhas e os recortes históricos estarão contribuindo para o fortalecimento do ranço contra o Nordeste ou para compreensão deste espaço enquanto um território complexo, com desafios, riquezas e potencialidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A irregularidade de chuvas, aridez do solo e altos índices de evapotranspiração são características conhecidas e previsíveis sobre a região, por que a sociedade ainda sofre com o impacto da estiagem ou das secas? Outro questionamento se pauta em saber que existem países localizados em territórios desérticos, ainda assim são desenvolvidos. Seria a falta de chuva o verdadeiro problema do semiárido brasileiro? Sabe-se que os problemas sociais da população do Semiárido brasileiro não são consequências do clima ou da ausência de chuvas.

Ao analisar o estereótipo de pobreza sobre o território semiárido foi possível identificar que os meios de comunicação fortalecem esse discurso e a adesão da população muitas vezes ocorre a partir dos próprios personagens selecionados como fontes nas notícias, ou ainda no processo de recepção, quando o telespectador enxerga naturalidade nos sentidos construídos.

Respondendo à questão central deste estudo, que buscou compreender como se relacionam as mensagens do espaço público midiático com a racionalidade cotidiana do homem do semiárido? É possível afirmar que problemas do semiárido foram mais uma vez difundidos através dos meios de comunicação de massa, no entanto, pouco se problematizou sobre a origem dos problemas, voltando-se quase todo tempo para a falta de chuva como elemento definidor da pobreza, discurso que

foi historicamente utilizado pelos gestores e velhas elites nordestinas como garantia da não problematização por parte dos grupos dominados, havendo também a adesão da sociedade aos sentidos construídos.

Desta forma, objetivo geral, que era analisar como ocorre o fortalecimento do ranço ao sertão nordestino a partir da análise crítica da narrativa do programa Globo Repórter especial de 50 anos da Rede Clube no Piauí foi atendido a partir da análise da metanarrativa. Objetivos específicos: compreender como se estabelece a visão estereotipada sobre o semiárido piauiense a partir das imagens selecionadas pelo telejornalismo, destacamos a diferença no tratamento e com as narrativas construídas sobre os municípios do cerrado, ao sul, cuja narrativa voltou-se para o desenvolvimento partir do agronegócio e pecuária extensiva, as cidades da região centro-sul, que foram marcadas pelos efeitos da seca ao longo da reportagem, e as cidades do norte do estado, cujo destaque voltou-se para lugar desenvolvido, culinária, belezas e potenciais turísticos, tendo como exceção o trecho que recorda a tragédia da barragem de Algodões II. Ao identificar a presença de signos de nordestinidade no programa especial analisado, foi possível observar que os signos fortalecidos a partir das notícias analisadas foram: complexo de vira-lata, sertão como lugar inóspito, calor, fome, seca, pobreza, fé e figura caricata do vaqueiro. Outros signos, como violência, coronelismo e sertão como espaço sem lei não foram localizados ao longo da análise, acreditamos que a ausência se dá em virtude da reportagem ser comemorativa, ainda assim é marcante o número de representações negativas sobre o Piauí. E por fim problematizar acerca da formação de jornalistas para compreensão da complexidade do território semiárido, deixando exposta a urgência de formação de profissionais a partir de uma perspectiva que contextualize o semiárido ao jornalismo.

Refletindo sobre a dimensão da recepção de significado e apropriação das mensagens midiáticas nos mundos de vida dos espectadores foi possível observar que a apresentadora, os repórteres e fontes entrevistadas não questionam ou problematizam sobre as reais causas da pobreza no semiárido piauiense e brasileiro, os sentidos construídos quase sempre se voltam para a questão da chuva, como dito anteriormente, não é uma surpresa, é uma condição natural, característica previsível e que historicamente vem sendo discutida.

Como toda pesquisa, este estudo deixa margem para novas problematizações acerca das práticas comunicacionais sobre e no semiárido, em especial, abordando

as instâncias do plano da expressão e plano da estória apresentadas por Motta (2013), que não foram analisadas a partir do objeto escolhido para este artigo, mas terão continuidade em outros estudos.

Texto justificado. Fonte Arial, tamanho 12. Espaçamento 1,5. Margens: superior e esquerda 3cm, inferior e direita 2cm. Recuo da primeira linha 1,25cm. Quando houver tabelas, essas devem ser digitadas seguindo a formatação padrão do editor de texto. Notas numeradas e na própria página.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Tereza de. **Caracterização da Macrorregião do Semiárido Piauiense**. In *Semiárido Piauiense*. INSA. Campina Grande: 2010

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

AZEVÊDO, Sandra Raquew dos Santos (ORG.) **Comunicação no Semiárido Brasileiro**. Paraíba: Marca de Fantasia, 2021.

AZEVÊDO, Carlos Alberto Farias de; AZEVÊDO, Sandra Raquew dos S. Observatório do Jornalismo no Semiárido: o discurso da convivência com a seca/semiárido e seu agendamento na imprensa e nas campanhas eleitorais nas Eleições 2014. In AZEVÊDO, Sandra Raquew dos Santos (ORG.) **Comunicação no Semiárido Brasileiro**. Paraíba: Marca de Fantasia, 2021.

BARACUHY, José Geraldo de Vasconcelos; FURTADO, Dermeval Araújo; FRANCISCO, Paulo Roberto Megna (Organizadores). **Tecnologias de Convivência com o Semiárido Brasileiro**. Campina Grande: EDUFCEG, 2017.

BRASIL. Resolução Nº 150, de 13 de dezembro de 2021. **Relatório Técnico que apresenta os resultados da revisão da delimitação do Semiárido 2021**. Disponível em <<https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-condel/sudene-n-150-de-13-de-dezembro-de-2021-370970623>> Acesso em 10 de junho de 2022.

_____. **Mapa Geodiversidade do Estado do Piauí**. CPRM - Serviço Geológico do Brasil. 2009. Disponível em <<https://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/handle/doc/14708>>. Acessado em 09 de julho de 2022.

CARVALHO, Luzineide Dourado. **Natureza, Território e Convivência: novas territorialidades no semiárido brasileiro**. Jundiá, Paco Editorial: 2012.

CUNHA, Euclides da. **Obra completa**. Org. Afrânio Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

GLOBO REPÓRTER. Especial de 50 anos da Rede Clube no Piauí. YouTube, publicado em 02 de dezembro de 2022. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=D0aiw8X88Ws>>.

INSA. **Instituto Nacional do Semiárido**. Brasília: MCTI, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/mcti/pt-br/composicao/rede-mcti/instituto-nacional-do-semiarido>> Acessado em 10 de junho de 2022.

MINEIRO, Edison. RÊGO, Ana Regina. **A construção de heróis e a causa social**: análise das notícias no jornal O Dia sobre a implantação da TV no Piauí (1969-1972). Encontro Nordeste de História da Mídia. Universidade Federal de Alagoas - 04 E 05 de agosto de 2016. Disponível: < <https://www.seer.ufal.br/ojs2-somente-consulta/index.php/historiadamidia/article/view/3268>>. Acessado em 15 de 2023.

MOREIRA, Gislene. **Sertões contemporâneos**: rupturas e continuidades no semiárido. Salvador: Eduneb; Edufba, 2018.

PAIVA, Carla Conceição da Silva. **A virtude como um signo primordial da nordestinidade**: análise das representações da identidade social nordestina nos filmes o Pagador de promessas (1962) e Sargento Getúlio (1983). Dissertação de mestrado. Salvador: UNEB, 2006. Disponível em: < <http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2019/10/Milli-Disserta%C3%A7%C3%A3o-convertido-mesclado.pdf>>. Acessado em: 20 de fevereiro de 2021.

PROGRAMA das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD (Org.). **Relatório de desenvolvimento humano 2010**. Disponível em: < http://www.pnud.org.br/HDR/arquivos/RDHglobais/PNUD_HDR_2010.pdf>. Acesso em: 02 de julho de 2022.

REIS, Edmerson dos Santos. **Educação para a Convivência com o Semiárido**: desafios e possibilidades. *In* Semiárido Piauiense. INSA. Campina Grande: 2010.

SICA, Karen. **A Fenomenologia e a Teoria Da Comunicação Sob o ponto de vista de Alfred Schut**. Comtempo – Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero – Volume nº 5, Ano 4 - Dezembro 2013. Disponível em: < <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo>>. Acessado em 23 de março de 2022.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Concepções de Desenvolvimento**: convivência e sustentabilidade no semiárido brasileiro. *In* Semiárido Piauiense. INSA. Campina Grande: 2010.

SOUZA, João Henrique Lúcio de; LOPES, Fernanda Pereira. **Reflexões sobre Desenvolvimento e Sociedade no Semiárido do Nordeste Brasileiro**. Revista Rural & Urbano. Recife. v. 07, n. 01, p. 44-63, 2022. ISSN: 2525-6092.



Capítulo 3
MEDIAÇÕES PARA O AXÉ, DO OFFLINE AO
ONLINE
Maurício Ferreira Santana

MEDIAÇÕES PARA O AXÉ, DO OFFLINE AO ONLINE

Maurício Ferreira Santana

Doutorando em Comunicação e Linguagens pelo PPGCOM da Universidade Tuiuti do Paraná; membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Religiões da INTERCOM. E-mail: jose_sandino@yahoo.com.br

RESUMO

A liturgia nas umbandas pressupõe um território sagrado e sua egrégora, composta por médiuns, entidades espirituais e consulentes, compondo um movimento de território-corpo para a promoção do axé, energia invisível gerada no processo comunicacional da egrégora. Lançamos um olhar sobre este fenômeno sob a perspectiva da mediação por tela, onde giras de umbanda são transmitidas em *lives* por meio de plataformas digitais. Tal cenário advém de um cenário pandêmico, notadamente no biênio 2020-2021, onde locais de prática religiosa foram fechados, e uma forma de continuidade da prática religiosa foi a transmissão remota por meio de plataformas digitais; mesmo no pós-pandemia, tal prática continua sendo utilizada por alguns terreiros de Umbanda. Neste âmbito do *online*, buscamos investigar se o axé produzido em *lives* tem o mesmo endereçamento conceitual do produzido presencialmente pela egrégora territorial/corporal. Fazemos um apanhado dos conceitos de *arkhé* / axé (Rufino, Simas, Sodré) e analisamos comentários de espectadores de *streaming* em três vídeos do YouTube. Estas análises apontam, mesmo que por amostragem reduzida, que parte dessa egrégora fragmentada corresponde à sensação de obter o axé das giras; considerando que esta comunicação é obtida via uma espécie de contrato de leitura, o que não substitui a presencialidade, tem-se evidenciada a mediação da tela como um novo elemento de reconfiguração litúrgica.

Palavras-chave: comunicação; axé; Umbanda; *streaming*.

ABSTRACT

The liturgy in Umbandas presupposes a sacred territory and its egrégora, composed of mediums, spiritual entities, and consultants, composing a body-territory movement for the promotion of axé, invisible energy generated in the communicational process of the egrégora. We look at this phenomenon from the perspective of screen mediation, where Umbanda liturgy (giras) are broadcast live via digital platforms. This scenario arises from a pandemic scenario, notably in the 2020-2021 biennium, where places of religious practice were closed, and a way of continuing religious practice was remote

transmission through digital platforms; Even post-pandemic, this practice continues to be used by some Umbanda temples (terreiros). In this online context, we seek to investigate whether the axé produced in lives has the same conceptual address as that produced in person by the territorial/corporeal egregore. We make an overview of the concepts of arkhé / axé (Rufino, Simas, Sodré) and analyze comments from streaming viewers in three YouTube videos. These analyzes indicate, even if through a reduced sample, that part of this fragmented egregore corresponds to the sensation of obtaining the axé of in-person liturgy; considering that this communication is obtained via a type of reading contract, which does not replace in-person presence, the mediation of the screen has been highlighted as a new element of liturgical reconfiguration.

Keywords: communication, axé, Umbanda, streaming.

Introdução

Iniciamos nossa abordagem esclarecendo que Umbanda se desdobra em *umbandas*, pelas vertentes que expressam a religião de diferentes formas. Essas vertentes possuem maior ou menor grau de influência de outras religiosidades, consideradas como matrizes componentes da Umbanda fundada, segundo vários autores, pela dupla Caboclo das Sete Encruzilhadas (a entidade espiritual) e Zélio Fernandino de Moraes (o médium) em 15 de novembro de 1908, na cidade de Niterói (JURUÁ, 2013, p.15; BARBOSA JÚNIOR, 2014, p. 21; OMOLUBÁ, 2014). Essas matrizes podem ser consideradas afro-indígenas-europeias, um guarda-chuva composto pela pajelança indígena, pelas religiões africanas amalgamadas no Brasil colônia e posteriormente sincretizadas em candomblés de diferentes nações, pelo espiritismo francês de Allan Kardec e, finalmente, pelo catolicismo ibérico. Tais elementos, colocados no liquidificador chamado Umbanda, geram diferentes umbandas, dependendo das doses colocadas, “maneiras as mais diversas de organizar as giras, cantar os pontos, realizar oferendas, tocar tambor etc.” (SIMAS, 2022, p. 7-8). Temos assim, por exemplo, umbandas chamadas tradicionais (à moda do primeiro terreiro brasileiro, a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, comandada inicialmente por Zélio, sem atabaques, com mesa branca, à guisa do espiritismo); sagradas, esotéricas, populares e, numa perspectiva que tende ao decolonialismo, umbandas com maior influência candomblecista.

Remetendo ao imaginário do terreiro com sua atmosfera composta de cheiros – defumadores, velas, incensos, suores, marafo (cachaça), fumo –, pais, mães de santo, médiuns vestindo branco, pontos das entidades riscados no chão e principalmente a seção rítmica da curimba (percussão) acompanhada das palmas dos filhos de fé, percebemos que Umbanda é um movimento incessante de sons e gestualidades. É, segundo Mircea Eliade, centro do mundo, espaço sagrado que possibilita o despertar da hierofania (2019, passim); a gira de Umbanda é puro movimento e o rodar dos médiuns incorporados é a própria circularidade de Exu, o protetor do terreiro, o primeiro ente a nos receber e que pode cancelar – ou não – nossa presença, pois é dono da tronqueira que normalmente é colocada na entrada, sendo o limiar que separa o mundo profano do sagrado.

O que pretendemos apresentar nesse artigo é a forma como a religiosidade umbandista *online* se manifesta: como a egrégora, composta por entidades espirituais, médiuns e consulentes, desmembradas do espaço sagrado, podem compor um novo movimento de manifestação religiosa trazendo um novo cenário de complexidade a ser estudado no campo da comunicação, afinal o próprio processo comunicacional é reconfigurado. Dentro desse contexto, buscamos, na plataforma de vídeos YouTube, algumas giras transmitidas em *lives* priorizando os comentários dos espectadores, visando identificar de que forma a energia espiritual gerada nas giras, denominada “axé”, circula entre essa parte da egrégora.

As mirongas da vovó tem axé

Em nossa vivência de terreiro ao longo dos anos¹² aprendemos uma linguagem própria, a qual se transforma em uma espécie de identificador quando encontramos pessoas de terreiro ocasionalmente. Expressões como “saravá”, “fala, macumbeiro!”, “axé, minha irmã!” servem como chaves que congregam e identificam umbandistas, também chamados de filhos de fé. A primeira expressão é saudação, como “salve!”; a segunda revela um grau de intimidade entre umbandistas, que ao longo dos anos foram associados, por algumas denominações cristãs, à macumba (no sentido de feitiçaria, magia negra etc.) – em nosso caso específico, aceitamos o termo de maneira lúdica, a despeito de certas vertentes que não aceitam o aspecto pejorativo

¹² Desde 2017 nos terreiros Tia Serafina e Caboclo Girassol, ambos localizados na cidade de Curitiba, Paraná.

da expressão ou que a acham excessivamente africanizada –; por fim, quando dizemos “axé!” a um conhecido na rua, estamos desejando força e positividade.

O dizer axé, contudo, não explica a complexidade de significados desta expressão. Partimos da fala de um sacerdote de Umbanda que descreve a imensidão de sentidos que são considerados axé:

A noção da ideia de saúde física, mental e social (biopsicossocial) é devida ao equilíbrio do axé. O axé é remédio para o corpo e para a alma, profilaxia e medicamento ao mesmo tempo. O axé é a força magística sagrada, veiculada nas forças vivas da natureza. É o poder volitivo (vontade) do Orixá manifesto na energia nos reinos mineral, vegetal, animal, em locais e nos vários elementos simbólicos. É um poder, um princípio que permite realizar, fazer crescer e desenvolver todos os seres e coisas. Como força é neutro, invisível, transmissível, extingüível (necessita ser reatualizado), mas é sensível. (RIVAS NETO, 2020, p. 167-168).

A partir dessas considerações, identificamos então que o axé é antes de tudo uma energia sobrenatural, mágica, manifestada nos elementos da natureza através do poder dos entes espirituais, e sua aplicação assegura o equilíbrio da saúde física, mental e espiritual humana. Isso significa que, quando recebemos um passe de um preto velho incorporado, estamos recebendo axé, quando maceramos determinadas ervas e as utilizamos durante o banho, para limpar nosso *ori* (cabeça, associado ao chacra coronário, também chamada coroa, a qual recebe a energia do orixá correspondente a cada um, o “pai ou mãe de cabeça”, lugar do corpo mais sagrado para os umbandistas), também recebemos axé, assim como no banho de cachoeira – domínio de Oxum –, de praia (calunga grande de lemanjá, onde umbandistas e leigos pulam as sete ondas no ano novo), entre outros domínios dos orixás, além de oferendas diversas, acendimento de velas para o anjo de guarda etc. Rivas Neto deixa claro também que cabe a Exu movimentar o axé das entidades, pois tem “o poder de realizar, de concretizar, de comunicar, transportar ou ser o próprio axé é inerente à entidade sobrenatural que no panteão das religiões afro-brasileiras é denominada exu” (Ibidem, p. 168); esta visão é também compartilhada por Luiz Rufino:

O axé, enquanto elemento que substancia a vida, só é potencializado, circulado, trocado e multiplicado, a partir das operações de Exu. É o orixá primordial, que corre mundo cruzando as barras do tempo dinamizando as energias que encarnam e vitalizam tudo o que é criado (...). Como todo elemento vivo, também ele [o axé] necessita de mobilidade para se manter pujante. É nesse sentido, que Exu emerge

como um poder fundamental à dinâmica do axé e das existências/experiências. (RUFINO, 2019, p. 267-268).

Se o axé precisa de movimento, e Exu conduz essa circulação, entendemos que tal fluxo é gradação e retroalimentação: há o princípio, o meio, o fim, o *feedback*; é a própria teoria dos sistemas, é cibernética. Muniz Sodré busca uma contextualização do axé a partir da *arkhé*, inicialmente a partir da ancestralidade espiritual das religiões africanas. Antes, porém, de remetermos a Sodré, necessitamos pontuar que o conceito de *arkhé* vem dos filósofos pré-socráticos, em especial Anaximandro, que entendia a *arkhé* como princípio de tudo. Em apanhado feito a partir de Anaximandro e revisionistas pré-socráticos como Hegel, Felipe Luiz nos dá a diversidade dos significados de *arkhé*, como princípio, início, começo, ponto de partida, e mesmo aquilo que é anterior e origem (2018, p. 30).

Mas afinal, axé e *arkhé* são a mesma coisa? Diríamos que não, pois as expressões não representam a mesma chave conceitual; a última, porém, ajuda a entender a primeira. Nesse sentido, não são excludentes, mas perfeitamente complementares. Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, embasados pelas considerações de Muniz Sodré na obra *O terreiro e a cidade* (1988), entendem que a “cultura de axé é uma cultura de *arkhé*” (2019, p. 89). Mas, remetendo à noção de complementaridade, fazem a seguinte distinção:

Em síntese, entendemos a cultura de axé como aquela que designa um modo de relacionamento com o real fundamentado na crença em uma energia vital – que reside em cada um, na coletividade, em objetos sagrados, alimentos, elementos da natureza, práticas rituais, na sacralização dos corpos pela dança, no diálogo dos corpos com o tambor e entre outras formas – que deve ser constantemente alimentada, restituída e trocada para que não se disperse. As culturas de *arkhé* (o termo é grego) são aquelas culturas tradicionais que se baseiam na ritualização da ancestralidade, na modelação de condutas estabelecida pelo conjunto de mitos e na transmissão dinâmica de matrizes simbólicas. (*Ibidem*, p. 89).

É a partir da noção de ancestralidade e energia vital que Muniz Sodré associa respectivamente a *arkhé* e o axé. As teses de Sodré, além da obra supracitada, são melhor desenvolvidas em “Estratégias sensíveis” (2006). Para o autor, *arkhé* significa nascimento, começo (p. 132); a esse conceito, Sodré caracteriza *arkhé* africana, a qual está intrinsecamente ligada ao corpo

como um microcosmo do espaço amplo (o cosmo, a região, a aldeia, a casa), igualmente feito de minerais, líquidos, vegetais e proteínas,

para cuja formação e preservação ocorrem elementos do presente cósmico e da ancestralidade (...). *Arkhé*, portanto, que, sendo origem sempre refeita pelos ritos, é renascimento e fonte de ações novas), até o ponto em que o vivido não é mais do que um conjunto de virtualidades. Em outras palavras, o que se vive está de alguma maneira inscrito nas espirais dos ciclos de destino em que se movem, complementarmente, homens e deuses, os orixás. (SODRÉ, 2006, p. 211).

Notamos aqui que o corpo é receptáculo do mistério da ancestralidade quando entra em contato com o mundo espiritual, através da incorporação, e sempre em movimento: é o fluxo da atividade espiritual que está a resgatar a raiz, a origem – no caso citado acima, é uma experiência eminentemente *afro*, a qual evoca os orixás – de maneira cíclica (renascimento, fonte de ações novas). Em Sodré, *arkhé* é potencial de realização: “esta é a ideia contida na palavra nagô axé, que dá conta de força e ação, qualidade e estado do corpo e seus poderes de realização.” (*Ibidem*, p. 212), algo que se aproxima conceitualmente do que Mircea Eliade (2019) chama de hierofania, “uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente” (ELIADE, 2019, p. 30), juntamente com a alegria ligada à sensualidade da dança pelas entidades incorporadas promovida pela música e pelo ritmo dos terreiros (SODRÉ, 2006, p. 219).

Axé, portanto, é magia (e energia) originária da manifestação dos orixás e demais entidades espirituais nas coisas da natureza, que serve para o equilíbrio mental, espiritual e físico dos seres humanos, necessitando de constante renovação, através do rito. Esse rito, na Umbanda, é o ato litúrgico denominado gira (ou engira). É na gira que nasce o movimento do axé, através da dança dos médiuns incorporados e impregnados com a fumaça do carvão que queima dentro do turíbulo o alecrim e outras ervas, das baforadas de charuto, dos goles de marafo e da batida alucinada dos ogãs. É gira de território e corpo, de terreiro e egrégora. Com as giras por *streaming*, temos uma reconfiguração desse território e desse corpo. Discutiremos essa questão adiante; necessitamos contextualizar antes o *streaming*.

Saravá o *streaming*

O axé mediado por tela adquire novas dimensões que caracterizam aspectos de desterritorialização do espaço sagrado configurando não só nova forma de resistência como de sobrevivência identitária, como por exemplo no caso da pandemia

de coronavírus do biênio 2020-2021, onde em diversas ocasiões os terreiros foram fechados: é a crise que força ao deslocamento, e não a tecnologia, e nesse aspecto particular a transmissão de lives não têm conotação tecnodeterminista.

Evidentemente, os usos e aplicações de tecnologias de mídia ampliam, no âmbito religioso, as possibilidades de estender esse território a fim de, por exemplo, arregimentar mais fiéis. Esse uso de mídias para fins religiosos sempre existiu, se considerarmos a mídia “voz” para pregação ou as mídias “escrita” e “papel” para difundir a ideia religiosa. Apontando para o início do século XX, temos as mídias rádio e televisão. De acordo com Martino (2016),

As primeiras tentativas de uso das mídias para a transmissão de mensagens religiosas aconteceram na primeira metade do século XX, quando o padre católico James Coughlin estreou, nos anos 1930, um programa de rádio religioso nos Estados Unidos. [As] relações entre mídia e religião começaram de fato nos Estados Unidos a partir dos anos 1940, quando sacerdotes católicos e protestantes passaram a se utilizar dos meios de comunicação eletrônicos – na época, o cinema, o rádio e a imprensa –, para divulgar suas mensagens religiosas, adaptando-as às características de cada meio.” (p. 39-40).

Já com o advento da televisão, observamos o pioneirismo dos televangelistas estadunidenses como Rex Humbert e Jimmy Swaggart (MARTINO, 2016, p. 40) que criaram um formato que passaria a ser adotado também pelas igrejas protestantes no Brasil a partir da década de 1980; a televisão também possibilitou à Igreja Católica a transmissão de missas, tanto gravadas como ao vivo. Finalmente, com a internet, os usos são ampliados e desdobrados em uma série de mídias, como e-mails, mensagens de celular e, em nosso caso particular de estudo, o *streaming* através de redes sociais. A convergência de mídias estabelecidas e recém-criadas alteram o espaço-tempo e potencializam usos e funções (JENKINS, 2009, p. 341; OLIVEIRA, RANIERI, 2017, p. 5).

Cabe-nos observar de que forma essa coexistência de processos de mídia influencia e possibilita reconfigurações nas práticas culturais: como o terreiro de umbanda convive com a liturgia *offline* e *online* e como são produzidas novas formas de expressões religiosas a partir desta última. Uma característica importante da religiosidade *online* está na participação dos espectadores através de comentários feitos durante (e após) a transmissão das giras, o que denota uma nova forma de manifestação coletiva não presente no território-corpo e facultada pelo *streaming*.

Em uma definição bastante simples, podemos traduzir *streaming* como transmissão: “[a] mídia de *streaming* existe há 70 anos. A televisão convencional com a qual crescemos seria chamada de *streaming media* se fosse inventada hoje.” (AUSTERBERRY, 2004, p. 7, tradução nossa). No entanto, quando associamos *streaming* à internet, ou seja, transmissão via internet, temos um conceito um pouco diferente: “a atividade de ouvir ou assistir a som ou vídeo diretamente da internet.” (CAMBRIDGE..., 2022).

Este elemento novo, a internet, é o principal diferencial do modo como conteúdos são transmitidos (e consumidos). Se pela televisão convencional os conteúdos são transmitidos em duas modalidades (por meio de gravação ou “ao vivo”), através da internet – e aí incluímos as *smart TVs* – esses conteúdos são transmitidos também por demanda (*on demand*). Percebemos então que o *streaming* por internet oferece maior amplitude de possibilidades tanto de transmissão como de recepção de conteúdo. Neste aspecto, mais do que aquele, surgem novas formas de relacionamento espectador-conteúdo, alterando a prática cultural do assistir e consumir, pois “uma vez que ele determina sua função e a forma como atenderá uma determinada demanda ele se torna parte de um sistema maior de opções de comunicação.” (OLIVEIRA, T. C. L. L.; RANIERI, P. R., 2017, p. 5).

O que nos chama a atenção é que o consumidor desses conteúdos possui maior autonomia para gerenciar a forma com que irá assisti-lo: isso inclui maior diversidade de escolha (obviamente limitada ao catálogo do serviço contratado), o horário de exibição à sua livre escolha – incluindo também interromper e reiniciar a transmissão no momento em que desejar, se esse serviço for oferecido – e também a qualidade da imagem, limitada à disponibilidade da plataforma, do aparelho e largura de banda do serviço de internet que o espectador contratou.

O *streaming* por internet pode ser categorizado, segundo resumo feito por Coriolano Filho (2010) a partir de vários autores em a) *streaming* ao vivo, b) simulado e c) sob demanda. (p. 18-19). No (a) ao vivo, a transmissão ocorre de maneira semelhante à televisão tradicional em forma de *broadcast*, transmissão que ocorre em tempo real para todos os que estão acessando um determinado canal (de TV ou do YouTube, por exemplo), com data e hora definidos para início e término. No *streaming* (b), também como ocorre na TV convencional, uma determinada plataforma pode lançar um evento que já foi gravado (um show musical, por exemplo) ao vivo. Esta apresentação normalmente terá horário e data definida para transmissão e não ficará

mais disponível. Se houver disponibilidade para assisti-la em outra ocasião, será enquadrada como *streaming* (c), o *on demand*: neste caso, o espectador pode acessar o conteúdo a qualquer momento, de forma paga ou gratuita (dependendo da política do fornecedor).

É o caso da plataforma YouTube, largamente utilizada como um recurso de *streaming* para shows musicais, eventos esportivos, aulas, *gameplays* etc. A comunidade religiosa também lança mão do recurso para transmissão de conteúdos diversos, sendo as mais comuns transmissões ao vivo ou gravadas de missas católicas ou cultos evangélicos. No caso da Umbanda, além da transmissão das giras, percebemos que pais e mães de santo acabam adotando a estética do *youtuber*, “pessoa que usa frequentemente o site YouTube, especialmente alguém que faz e aparece em vídeos no site.” (CAMBRIDGE..., 2022). Alguns umbandistas já são *youtubers* há bastante tempo, não tocando giras, mas transmitindo conteúdos específicos de Umbanda, como cursos (alguns gratuitos, outros pagos), vídeos explicativos etc.

Análise e discussão

Efetuamos uma breve pesquisa de campo para fomentar a discussão sobre o efeito que as giras de Umbanda transmitidas ao vivo exercem sobre seus espectadores, escolhendo três *lives* transmitidas pelo YouTube. O critério para escolha dessa plataforma é a facilidade para organização e pesquisa de comentários, bem como a possibilidade de salvar os vídeos escolhidos em uma *playlist* privada, que contribui para consultas posteriores. A operação de pesquisa foi feita da seguinte forma: as palavras-chave utilizadas foram “gira umbanda ao vivo”; na filtragem, utilizamos na opção “data do *upload*” o filtro “este ano” (esclarecendo que este filtro não cobre só o ano corrente em que escrevemos este artigo, mas conta os últimos doze meses, optamos por esse filtro visando resgatar vídeos recentes) e na opção “ordenar por” escolhemos “contagem de visualizações”, inferindo que mais visualizações possibilitam maior número de comentários. As demais opções de filtro não foram marcadas.

Na obtenção dos resultados, descartamos os três primeiros vídeos da lista, pois não eram transmissões de giras. Escolhemos os três vídeos subsequentes, checando antes na aba “sobre” dos canais se estes eram transmissões de giras de umbanda.

Tabela 1: canais observados

	Vídeo 1	Vídeo 2	Vídeo 3
Nome do canal	<u>Oxossi Ibo</u> Caçador	Canal do Pai Rafael Cigano	Sandro Luiz
Título do vídeo (<i>Ipsis litteris</i>)	Viva a Umbanda / Gira Completa	PT03 – Umbanda: Gira de <u>Exú</u> e Prisão de Ob... [espírito obsessor]	Live
Nome do terreiro	Barracão <u>Oxossi</u> <u>Ibo</u> Caçador	Sociedade Umbandista da Lei Suprema	Templo de Umbanda Caboclo Tupinambá e Sultão das Matas
Data do vídeo	9/7/2022	24/10/2022	30/7/2022
Visualizações	169.485	23.727	22.212
Comentários	295	68	78
<u>Screenshot</u>			

Fontes: https://www.youtube.com/watch?v=VcEKzZ_y47o (Vídeo 1);
<https://www.youtube.com/watch?v=dUJfxwYIU&list=PLjrLGdkeT6Lfoi4qOmpR-JrrzCgNZ5jdQ&index=16>
(Vídeo 2); <https://www.youtube.com/watch?v=u1Phv3-L8NQ&list=PLjrLGdkeT6Lfoi4qOmpR-JrrzCgNZ5jdQ&index=15> (Vídeo 3).

Na primeira transmissão, intitulada “Viva a Umbanda / Gira Completa”, os participantes do chat mostram-se bastante ativos, com todos saudando inicialmente a mãe de santo e em seguida remetendo a assuntos diversos, como agradecimentos pela transmissão, pedidos de ajuda espiritual e física, desentendimentos entre espectadores, reclamações em relação à qualidade da imagem etc. O uso do termo *axé*, no *chat*, é frequente, mas em sua maioria sem sentenças específicas, indicando mais a intenção de saudação, como um “alô”.

A exemplo do *chat*, os comentários fixos (que podem ser postados no momento da transmissão ou após seu término) trazem sentenças com vários efeitos de sentidos para *axé*. Tratamos então de distribuir os sentidos do termo em dois grupos: no primeiro consideramos o uso indireto do termo, que não remete ao conceito de *axé* em seu nível teórico e nem como recepção dessa energia; os usos indiretos mais comuns nos comentários estão associados ao sentimento de gratidão e à saudação. O segundo grupo reúne comentários que fazem uso direto do *axé*, como por exemplo

a recepção energética do axé através do *streaming* da gira. Esses usos ficam mais claros através dos extratos de comentários que apresentamos a seguir.

Alguns exemplos de usos indiretos (*ipsis litteris*): “axé mãe lu sua benção”, “fé que me deixa de pé povo lindo de axé” e “linda gira, muito axé pra todos”: no primeiro exemplo o sentido de axé é tanto de saudação como de solicitação; no segundo, de categorização de grupo (o povo lindo de axé pode se referir à corrente de médiuns na transmissão da gira e / ou ao grupo de espectadores) e na terceira, endereçamento. Em termos numéricos, dos 295 comentários deste vídeo identificamos 39 no grupo de uso indireto do axé e 30 no grupo do uso direto.

O segundo grupo de comentários é o mais importante para nossa discussão. Consideramos também neste grupo comentários que não fazem menção específica à expressão, mas que a substituem frequentemente por energia; entendemos, por meio da vivência em terreiro e com base na literatura citada anteriormente que ambos os termos são sinônimos. Sentir, receber ou transmitir energia (espiritual) é o próprio axé. Os extratos (*ipsis litteris*) a seguir ajudam a esclarecer a questão: “a energia é tão maravilhosa e forte que quase e tds os pontos sinto uns calafrios de alívio e esperança!!”; “eu tô arrepiada desde que iniciou o vídeo. Muito abençoados, muito axé”; a força da energia que provoca calafrios e arrepios é, portanto, axé.

A segunda transmissão leva o título “PT03 – Umbanda: Gira de Exú e Prisão de Ob...”; apontamos que seja a terceira parte de uma *live*, pois o vídeo já começa com a gira em andamento (há uma legenda na transmissão com outro título, “Festa da Tia Mariana – Gira de Povo de Rua Pt. 1 – 22/10/2022), sem as etapas litúrgicas iniciais (por exemplo, preleções, defumação, canto para Ogum etc.); a abreviação “ob...” provavelmente se refere a “obsessor”. Na Umbanda, espíritos obsessores – também denominados quiumbas ou kiumbas – são aqueles que se prendem a pessoas que possuem algum tipo de problema financeiro, depressivo e mesmo aqueles que não seguem os preceitos recomendados pelos terreiros. No caso específico do vídeo, a pombagira Dona Maceió, diante da câmera, e com a ajuda de outros exus e pombagiras incorporados, prende (espiritualmente) um obsessor e liberta a pessoa que por ele estava possuída. Foram também identificados nesta *live* comentários com usos diretos e indiretos da expressão axé. Houve apenas uma ocorrência de uso indireto à guisa de saudação; nessa lista de comentários o axé como expressão indireta foi frequentemente substituído pela expressão “saravá”.

Finalmente, a terceira transmissão leva o simples título de “Live”. Nesta transmissão do canal Sandro Luiz e conduzida pelo pai de santo homônimo, identificamos nos comentários fixos 17 usos indiretos e 13 usos diretos de axé. Destacamos alguns usos diretos (*ipsis litteris*) como “boa noite Sandro [pai de santo que conduziu a gira], grátidao por fecha o mês com essa energia maravilhosa”; “obrigada Deus pelo dia de hoje eu tomo posse deste axe de hoje”; “boa noite axé energia positiva parabéns” e, por fim, “estou sentindo essa energia aqui”. A exemplo do vídeo 1, também há essa indissociabilidade semântica entre energia e axé.

Disposta a pequena amostra de comentários acima, podemos tecer algumas considerações a respeito de como os espectadores recebem os vídeos, sob dois pontos. O primeiro deles diz respeito à questão da recepção propriamente dita, onde o formato *live* transmite o formato da gira de umbanda, mas reconfigura a experiência. O segundo ponto é complementar ao primeiro, pois indica que, para alguns dos espectadores, a mediação por tela não é substitutiva da experiência presencial da gira, porém oferece um produto não totalmente dimensionado – pois claro, intangível – que por vezes se parece com o do território-corpo. Ou seja, o axé para alguns é manifestado e identificável mediante comentários, com a ressalva de que a tela é responsável pela mediação; a tela *media* o médium; o que nos aponta uma dupla camada mediadora, e que há a consciência do espectador em relação a isso. Essa dupla camada de mediação permite a transmissão de um axé que não pode ser mensurado pela sua intangibilidade; ele chega a alguns pela experiência da tela, e alguns comentários dos três vídeos são a chave para o entendimento desse contexto (*ipsis litteris*):

- a) A mãe Lu passa uma energia tão boa pra gente ate em casa;
- b) Q sensação boa sentindo minha alma a dançar descalça vontade de estar com vcs mas estou em espírito axe;
- c) Vocês são maravilhosos e autênticos! Eu me sinto na gira, assistindo daqui de casa! Obrigado!;
- d) Estou assistindo a gira é como mãe Lu estivesse na minha casa,que energia linda;
- e) Bom dia mãe Lu sua benção que energia e como se eu tivesse aí meu coração acelerado mãe!;
- f) Que Gira maravilhosa! Me senti como se estivesse aí;

g) Eu mim chamo marta e sou de caruaru pernabuco quado estou acistindo eu sinto como se eu estivesse ai no salao.

O que os comentários indicam é que alguns dos espectadores sentem como se estivessem no terreiro, recebendo o axé da gira; essa sensação, no entanto, indica um tipo de presencialidade que parece emular o sentimento de egrégora, de território-corpo. Importante mencionarmos que um momento da preleção do Pai Sandro Luiz no vídeo 3 de certa forma corrobora esta hipótese. O pai de santo sugere que seja estabelecida uma espécie de corrente, rede ou teia, com parte da egrégora presente no terreiro e parte do outro lado da tela. É a

maneira de poder se conectar com quem está longe, na mesma sintonia, com a mesma energia, com a mesma intenção a gente levar os nossos pensamentos (...) essa é a grande intenção (...). Lógico que a gente vai jogar energia, *jogar intenção*, pensamento que a espiritualidade for falando pra gente fazer nos momentos que a gente for trazer cada linha de energia pra atuar, pra vibrar. E quando a gente liga isso vira uma grande teia (...) com as pessoas que estão conectadas com a gente, isso acaba virando uma grande teia, independente de onde a pessoa estiver, saiba o ponto de força que é aqui no terreiro hoje e é ligado às pessoas que estão em casa fazendo essa mesma oração, essa mesma energia. (LUIZ, 2022, grifos nossos).

É na fala de Sandro Luiz que se propõe uma espécie de contrato de leitura com o espectador, onde se propõe que ele “vibre” ou procure sintonizar o mesmo tipo de energia gerada no terreiro, na gira. A partir do aceite do espectador em fazer parte dessa egrégora, mesmo que mediado por tela, percebe-se, pelos comentários coletados, a recepção energética. O que não podemos afirmar, por se tratar de algo intangível e que penetra nas individualidades e subjetividades humanas, formando algo que não se pode mensurar cientificamente, é o quanto esse axé mediado por tela é próximo do efeito gerado em território-corpo, em egrégora formada e composta pela tríade entidade-médium-consulente, dentro do espaço sagrado.

Outro aspecto que julgamos importante mencionar é o de nossa própria experiência ao assistir os vídeos durante a pesquisa de campo: utilizamos a conta com o acesso gratuito ao YouTube, o que nos coloca em uma categoria na qual são incluídos diversos comerciais durante a transmissão; apesar de não sermos obrigados a assisti-los integralmente, precisamos aguardar um período (geralmente de 6 segundos) para cancelá-los e voltar ao vídeo (a modalidade paga da plataforma,

segundo a mesma, isenta o espectador de assistir a comerciais). Nas *lives*, normalmente os comerciais da plataforma são colocados somente no início da transmissão, o que não compromete a experiência. Sendo assim, tivemos a percepção de que quem assiste às giras na modalidade *on demand* recebe uma espécie de “axé intermitente” e pode mesmo vir a ter sua conexão (espiritual) com a gira interrompida em diversos momentos – não são poucos; tomando como exemplo o tempo de duração do Vídeo 3, com aproximadamente 1h45min, contabilizamos cerca de 15 interrupções para exibição de comerciais.

Considerações finais

Voltando a Muniz Sodré, reiteramos que o axé é energia estritamente ligada ao corpo, “uma manifestação de força ou vontade, apoiado no corpo” (2006, p. 212). O corpo é receptáculo da vontade e do poder ancestral e da vibração da gira de Umbanda, por mais sutil que ela pareça ser. É justamente a intangibilidade do axé, com o respaldo de alguns espectadores os quais pudemos apurar, pelos seus comentários, que mesmo consensualmente, por algo parecido com um “contrato de leitura”, o axé está presente nos corpos mesmo que mediado por tela. A mediação por tela desmembra esse território-corpo, egrégora territorializada, e estabelece marcos multiterritoriais, além de uma reconfiguração no processo comunicacional entre médiuns e consulentes, pois a audiência é invisível a quem transmite, mesmo que ela virtualmente pise no solo sagrado; reconfigura-se também a comunicação verbal, substituída pelos chats. O espectador que envia a mensagem via *chat* está a chamar a atenção do pai/mãe de santo/*youtuber*/apresentador, que pode ou não o responder.

Consideramos, por fim, que esses multi/micro territórios, compostos pelos corpos dispersos de uma egrégora *online*, são umbandas: não mais se restringem a uma egrégora específica de determinado terreiro com uma determinada doutrina; com a mediação da tela, são umbandistas sem terreiro – que não possuem terreiros de umbanda em suas cidades – que recebem o axé, ao vivo ou *on demand*; são aqueles que em períodos de isolamento social (como no biênio da pandemia de 2020-21) encontram a conexão espiritual através das giras transmitidas, muitas vezes tendo contato com aspectos litúrgicos com os quais não estão acostumados. São até umbandistas pesquisadores (nosso caso), que têm na palma da mão, via *smartphone*,

um infinito *corpus* a ser explorado. Exu, patrono das ciências da comunicação, continua a (re) circular o axé.

Referências

AUSTERBERRY, D. **The Technology of Video and Audio Streaming**. New York: London: Focal Press, 2005.

BARBOSA JÚNIOR, A. **O livro essencial de Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.

CAMBRIDGE Dictionary. [S.l.]: Cambridge University Press & Assessment, 2023. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/>. Acesso em: 1 mar. 2023.

CANAL do Pai Rafael Cigano. **PT03 - Umbanda: Gira de Exú e Prisão de Ob...** YouTube, 24 out. 2022. 1 vídeo (53min46s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dUJfxwcyYIU&list=PLjrLGdkeT6Lfoi4qOmpR-JrrzCgNZ5jdQ&index=16>. Acesso em: 10 jan. 2023.

CORIOLANO FILHO, F. S. **Estratégias para transmissão e recepção de streaming de vídeos em dispositivos móveis**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Sistemas e Computação). Salvador: UNIFACS, 2010.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JURUÁ, P. **Coletânea Umbanda “a manifestação do espírito para a caridade”**: as origens da Umbanda I. São Caetano do Sul: [s. n.], 2013.

LUIZ, F. Anaximandro, a teleologia e a história. **Diaphonía**, v. 4, n. 2, 2018. Disponível em:

<https://saber.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/21309/13590>. Acesso em: 7 mar. 2023.

LUIZ, S. **Live**. YouTube, 30 jun. 2022. 1 vídeo (1h44min37s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u1Phv3-L8NQ&list=PLjrLGdkeT6Lfoi4qOmpR-JrrzCgNZ5jdQ&index=15>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MARTINO, L. M. S. **Mídia, religião e sociedade**: das palavras às redes digitais. São Paulo: Paulus, 2016.

OLIVEIRA, T. C. L. L. de; RANIERI, P. R. As redes de streaming e a mudança no cenário de consumo de conteúdos audiovisuais. XIII Jornada de Iniciação Científica e VII Mostra de Iniciação Tecnológica. **Anais**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017.

OMOLUBÁ. **Doutrina e práticas umbandistas**: cadernos de Umbanda. São Paulo: Ícone, 2014.

OXOSSI Ibo Caçador. **Viva a Umbanda / gira completa**. YouTube, 9 jul. 2022. 1 vídeo (1h30min59s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VcEKzZ_y47o&list=PLjrLGdkeT6Lfoi4qOmpR-JrrzCgNZ5jdQ&index=14. Acesso em: 9 jan. 2023.


RIVAS NETO, F. Introdução ao conceito de axé. **Revista Estudos Afro-Brasileiros**, v. 1, n. 1, maio / ago. 2020. Disponível em: <http://www.estudosafrobrasileiros.com.br/index.php/eab/article/view/14/12>. Acesso em: 3 mar. 2023.

RUFINO, L. Pedagogia das encruzilhadas: Exu como educação. **Revista Exitus**, Santarém, v. 9, n. 4, out./dez. 2019. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2237-94602019000400262&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 3 mar. 2023.

SIMAS, L. A. **Umbandas**: uma história do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.



Capítulo 4
A FIXAÇÃO DA CRENÇA EM TORNO DA
DESINFORMAÇÃO ACELERA O
ANTROPOCENO: O DISCURSO DE
BOLSONARO NA ONU
Alisson Diego Batista Moraes
Paulo Marcos Batista de Oliveira

A FIXAÇÃO DA CRENÇA EM TORNO DA DESINFORMAÇÃO ACELERA O ANTROPOCENO: O DISCURSO DE BOLSONARO NA ONU¹³

Alisson Diego Batista Moraes

Doutorando do Curso de Ética e Filosofia Política da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: alissondiegobatista@yahoo.com.br

Paulo Marcos Batista de Oliveira

Graduado em Comunicação, Centro Universitário UNA, e-mail: pbatist13@gmail.com

RESUMO

O artigo analisa o conceito de fixação da crença a partir do discurso do ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, na 76ª edição da Assembleia Geral da ONU, que aconteceu em setembro de 2021. A investigação conceitual se deu com base no vídeo publicado pela BBC Brasil no YouTube na ocasião. Foram abordados os conceitos de desinformação no contexto do Antropoceno. A discussão tomou rumos em relação às potencialidades de como determinadas crenças contribuem para o aceleração desse processo, evidenciando-se como o discurso negacionista e anticiência promovido por Bolsonaro corrobora para o surgimento de novas crenças e a circulação de desinformação impulsiona negativamente a interferência humana no contexto ambiental.

Palavras-chave: desinformação; comunicação; crença; antropoceno; mídias.

Introdução

Pode-se dizer que o Antropoceno emergiu mais fortemente em meio à medida em que se consolidava a sociedade da desinformação (MARSHALL, 2017). Nas últimas décadas, robustos estudos têm evidenciado cada vez mais números relacionados às desastrosas ações humanas com reflexos diretos no meio ambiente,

¹³ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação, Mídia e Liberdade de Expressão do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

o que confirma o ingresso da humanidade em um período denominado “Época dos Humanos” (COUTINHO; OLIVEIRA, 2022).

Neste tempo histórico, os efeitos da propagação da desinformação têm afetado, de forma perniciosa, sociedades inteiras, e influenciado o modo de pensar das pessoas, produzindo falsas crenças, o que também gera uma cadeia de outros efeitos negativos. Alguns estudos apontam que, mesmo com a posterior correção de conteúdos desinformativos, há um processo de reforço da desinformação e suas consequências, ao invés de uma simples e direta correção automática e resolutiva das crenças equivocadas outrora disseminadas. Ou seja, na contemporaneidade, os efeitos práticos da desinformação contribuem decisivamente para a fixação de crenças enganosas - colocando em dúvida vários conceitos, estudos e evidências, como, por exemplo, as mudanças climáticas (SOUZA, 2022) e a pandemia de COVID-19 (ALZAMORA, MENDES; 2023).

A pesquisa propõe uma investigação sobre a ação prática da desinformação, a partir do conceito de fixação da crença de Peirce (1839-1914), no enfoque das redes sociais online, em especial o YouTube - inseridos em um ecossistema midiático contemporâneo. Este ambiente de interações sociais na cultura da convergência possui intensa negociação de sentido entre diferentes agentes – humanos e não-humanos – que atuam como mediadores. Neste contexto, questiona-se: como se dá a fixação da crença em torno da desinformação, a partir do discurso de Jair Bolsonaro na 76ª Assembleia Geral da ONU, ocorrida em setembro de 2021, ao negar a interferência humana no meio ambiente e como isso contribui para o aceleração do Antropoceno?

O interesse pela presente pesquisa partiu da reflexão sobre como as pessoas expostas à desinformação, fixam suas crenças em torno daquilo que acreditam e os convém, mesmo quando essas crenças equivocadas são corrigidas. Na terceira semana do mês de setembro de 2021, durante o seu discurso na 76ª edição da reunião global, o ex-presidente da República estava sendo fortemente pressionado pela imprensa nacional e internacional para se posicionar a respeito do crescimento do desmatamento na Amazônia. Nessa ocasião, Bolsonaro se valeu do negacionismo para se defender. Ao longo do seu discurso, Bolsonaro afirmou, inclusive, que teria havido uma redução de 32% do desmatamento na Amazônia em seu mandato,

quando, na verdade, nesse período houve um aumento de 7% - um recorde desde o ano de 2012, de acordo com o Imazon¹⁴.

Este trabalho, portanto, possui como objetivo geral compreender de que forma a fixação da crença em torno da desinformação, a partir do discurso de Jair Bolsonaro, ao negar as interferências humanas no meio ambiente, contribuem para o aceleração do Antropoceno. Os objetivos específicos consistem em: analisar qualitativamente comentários no vídeo publicado pela BBC Brasil, no seu canal do YouTube, a partir dos métodos de fixação da crença; investigar os efeitos práticos da desinformação na sociedade contemporânea.

A desinformação acelera o Antropoceno

Na atualidade, pensadores das mais distintas áreas do conhecimento têm se dedicado a refletir sobre as consequências do antropoceno para a sociedade contemporânea, assim como os riscos para a sobrevivência da biodiversidade no planeta – incluindo, por óbvio, a própria espécie humana, além de outros impactos, mais notadamente nas áreas: econômica, social e cultural. A crítica ao antropoceno e seus efeitos para a humanidade crescem na medida em que emergem também novas formas de conscientização sobre os riscos de degradação ambiental, colapso ecológico e persistência das históricas desigualdades sociais, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, potencializando-se neste primeiro quarto do século XXI – suscitando também muitos questionamentos acerca dos efeitos do progresso científico-tecnológico.

Na mesma linha interpretativa, Morin (2011) argumenta que o progresso científico se deveu à complexidade, ou seja, à aceitação de antagonismos, de conflito de ideias ou teorias, de aceitação de regras de verificação e argumentação. A multiplicidade de complexos amalgama-se a substratos concebidos precedentemente, por meio dos quais as teorias e interpretações da realidade social erguem-se em oposição aos sinais do antropoceno. Nesse ponto, torna-se necessário um diálogo com as ideias de Peirce (2008), que na obra “Ilustrações da lógica da ciência”, tece

¹⁴ Disponível em: <https://imazon.org.br/imprensa/desmatamento-na-amazonia-cresce-7-e-tem-o-pior-fevereiro-em-16-anos/#:~:text=Conforme%20dados%20do%20Imazon%2C%20foram,monitoramento%20por%20imagens%20de%20sat%C3%A9lite>. Acesso 21 jun. 2023.

uma importante relação entre crença e lógica. O autor parte de conceitos-chave como crença, raciocínio, dúvida, opinião, investigação, método de fixação da crença, ideia, entre outros, a fim de estabelecer uma teoria sobre a crença.

O fenômeno da desinformação faz parte da experiência diária da sociedade contemporânea. A circulação e disseminação em larga escala de conteúdos enganosos em diferentes plataformas, ou seja, sua dinâmica transmídia é o que pode ser considerada novidade (GAMBARATO; ALZAMORA; TARCIA, 2020). No entanto, abrange processos de produção orientada para a distribuição multiplataforma de conteúdos com circulação impulsionada por algoritmos e expansão social favorecida por compartilhamento em rede. Além de poluir o processo comunicacional por ser uma espécie de distorção ética da informação, caracteriza a passagem da sociedade da informação (CASTELLS, 2000) para a sociedade da desinformação (MARSHALL, 2017).

Tal passagem se consolidou durante a infodemia¹⁵ relacionada à pandemia de COVID-19, onde informações científicas se misturaram a rumores, palpites e desinformação. O fenômeno tem maior envergadura devido às conexões em redes sociais online, indicando definitivamente a passagem da sociedade em rede (CASTELLS, 2000), para a sociedade da desinformação que tem como característica a emergência das notícias falsas como fenômeno endêmico da sociedade da desinformação (MARSHALL, 2017). Não se conceitua como uma ruptura, mas uma tênue passagem entre um regime hegemônico por meio de mediações cada vez mais complexas (RIBEIRO; ALZAMORA; MENDES, 2021).

A disseminação de desinformação é orientada pragmaticamente, pois visa a formação de opinião como um efeito prático da crença que é capaz de mobilizar. O pragmatismo de Peirce (1839-1914), aplicação da Ética, investiga a formação de crenças relativamente aos seus efeitos práticos, ou seja, os hábitos que envolve (ALZAMORA, 2021; SANTAELLA, 2018).

É nesta sociedade da desinformação que emerge o Antropoceno, consolidando-se como uma das mais marcantes definições da contemporaneidade. O termo surgiu no ano de 1990 a partir de uma sugestão de Prêmio Nobel de Química, Paul Crutzen, e do climatologista, Eugene Stoermer, com o objetivo de sintetizar o

¹⁵ O neologismo infodemia foi adotado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para designar a circulação massiva de informações, verdadeiras e falsas, sobre a pandemia de covid-19 causada pelo novo coronavírus. (ALZAMORA; RIBEIRO; MENDES, 2021).

entendimento de que a ação humana, em seu papel de agente global, estaria promovendo profundas modificações em diferentes setores dinâmicos do planeta: na composição da atmosfera, nos ritmos do clima, na biodiversidade marinha e terrestre (OLIVEIRA, 2022). A disseminação de conteúdos falsos não está conectada unicamente às redes sociais online, afinal, elas apresentam alguns dos aspectos mais característicos da sociabilidade humana neste tempo histórico, incluindo as nossas mentes, os nossos desejos e as nossas crenças. Neste sentido é que se pode dizer que o compartilhamento e a publicação de desinformação fazem com que o engajamento vá além da ação de 'curtir', ou seja, explora igualmente as sensibilidades ingênuas e intempestivas dos usuários (SANTAELLA, 2018).

A história da sociedade está repleta de situações relacionadas aos efeitos práticos da propagação da desinformação, a partir da ação humana. Na década de 1970, a indústria do tabaco recorreu a campanhas publicitárias para contrapor os malefícios do cigarro, comprovados por estudos científicos (DIAS, 2021). Com o avanço dos estudos sobre a relação dos gases do efeito estufa com as mudanças climáticas, observou-se o aumento significativo de conteúdos negacionistas, a partir de 2009 (LEWANDOWSKY et al., 2017). Somada a esses fatores, a crise de confiança por parte considerável da sociedade pelos meios tradicionais de comunicação, a celeridade das informações que comprometem um jornalismo elaborado e a checagem de fatos, a circulação das informações por pessoas influenciadoras em determinados grupos - tudo isso coloca a temática da desinformação como um dos maiores desafios na agenda pública contemporânea (ALLCOTT, GENTZKOW; 2017; BAKIR, MCSTAY; 2018).

Em termos práticos, os efeitos produzidos pelo negacionismo atrelado à velocidade da disseminação das desinformações são capazes de, por exemplo, facilitar a concessão de licenciamento ambiental por parte de fiscais ou agentes públicos vinculados aos organismos oficiais vinculados à área ambiental pouco atentos à necessidade de se resguardar legalmente. Ademais, as leis não costumam ser, por essência, tão específicas no sentido de elencar, de modo inflexível, limitando-se a conceituar tais termos, deixando demais especificidades e caracterizações mais detalhadas para regulamentações complementares, tais como: instruções normativas, portarias, resoluções, decretos e afins.

Desse modo, não há que se falar que a aceleração do antropoceno ocorra apenas pelos incentivos à prática de atos criminosos, como incêndios florestais,

desmatamentos e congêneres - algo conforme se pode depreender pelos autores mencionados neste trabalho, além de estudos igualmente citados. Também é possível uma mudança paradigmática, ancorada no negacionismo, que pode ocorrer no seio da própria institucionalidade governamental, como se notou no mandato presidencial passado (2019-2022), com a instituição de uma série de normatizações atentatórias ao meio ambiente.

Numa delas, o STF (Supremo Tribunal Federal) precisou intervir para proibir a vigência da Resolução 500 de 2020, exarada pelo CONAMA (Conselho Nacional de Meio Ambiente), que colocava em riscos áreas de proteção ambiental¹⁶. Vale ressaltar que o conselho é presidido pelo ministro de Estado do Meio Ambiente. A decisão da Suprema Corte brasileira restabeleceu os dispositivos legais e infralegais que tratavam da preservação de mangues e restingas como áreas de preservação permanentes (APPs), além de manter critérios técnicos para a concessão de licenciamento de empreendimentos de irrigação nestas áreas.

A fixação da crença na sociedade da desinformação

A desinformação realça as contradições etimológicas da comunicação, evidenciando-as nas disputas de sentidos que estabelecem em torno daquilo que se convencionou chamar de verdade e das crenças dissonantes que a sustenta no contexto da sociedade da desinformação.

A propagação de desinformação, principalmente nas redes sociais online, cria um consenso sobre determinado assunto, cumprindo o papel de poluir o sistema comunicacional, ou seja, sua reprodução implica na resistência das pessoas reverem suas crenças (LEVISTON et al., 2013).

Há, historicamente, um esforço da Filosofia em explicar a verdade, iniciando sua jornada justamente na desconstrução dos mitos e na busca de uma base racional das narrativas e da construção dos conceitos. Acrescenta-se, ainda, que em tempos de modernidade líquida e eras digitais perfazem a construção de outro momento, que é esta era de endêmica desinformação social. Seria demasiado amplo percorrer filosoficamente este percurso, motivo pelo qual optou-se por um enfoque a um filósofo,

¹⁶ Veja: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/10/29/stf-suspende-resolucao-do-conama-que-revogava-normas-de-protecao-ambiental> Acesso em 14 de agosto de 2023.

Charles Peirce, que concebe a sua cosmovisão em inafastável diálogo com a semiótica.

Ainda que elaboradas em um contexto anterior à sociedade da desinformação, as noções peirceanas de verdade e crença são especialmente potentes para decifrar os processos de significação que delineiam a atual sociedade da desinformação. Para compreender como se dá a fixação da crença em torno da desinformação propagada por Jair Bolsonaro na ONU terá como base os conceitos dos métodos: científico, à priori, autoridade e tenacidade propostos por Charles Sanders Peirce (1877).

Peirce afirma que o raciocínio apresenta o objetivo de, a partir daquilo que se sabe, tornar conhecido algo que não o era por outro lado, a crença seria responsável por criar uma sensação de calma e satisfação, além de orientar os desejos e moldar as ações, consistindo, em essência, por possuir uma natureza de hábito (PEIRCE, 2008, p. 43 e 47). Enquanto a irritação da dúvida é o único motivo imediato para a investigação, o único objetivo da investigação é o estabelecimento da opinião, a busca de uma crença verdadeira (PEIRCE, 2008, p. 44-45). Assim, ambas (dúvida e crença) geram efeitos “positivos” sobre o indivíduo.

Tais métodos mencionados acima têm como objetivo avaliar como as crenças se formam e se consolidam. Eles são respectivamente bastante úteis para entender a formação de bolhas ideológicas (PARISIER, 2012) ou esferas (SLOTERDIK, 2019) em torno de opiniões afins em plataformas de mídias sociais; a influência de políticos, artistas, celebridades e outras autoridades, institucionais ou não, na formação de opinião pública em conexões digitais.

Sendo assim, no método da tenacidade aferra-se obstinadamente às próprias crenças e, por isso, ignora-se evidências em contrário, como ocorre no âmbito do negacionismo científico e climático. No método da autoridade, a fixação da crença é coagida por uma instituição reguladora, como família, igreja, partido político etc. É o que se observa, por exemplo, quando se compartilha notícias duvidosas, porém provenientes de fontes confiáveis para certos grupos. No método a priori, a crença é logicamente fixada, ou seja, tende-se a acreditar naquilo que se assemelha a crenças precedentes porque isso parece mais razoável, tal como ocorre com as certas teorias da conspiração. No método científico, as ideias são fixadas por evidências e estas se sobrepõem às crenças. Este método, permanentemente aprimorável pela comunidade científica pela comunidade científica, prioriza evidências científicas em detrimento de crenças arraigadas que se tornam comprovadamente obsoletas (ALZAMORA, 2021).

Identificar a incidência e o predomínio dos métodos peirceanos de fixação das crenças no contexto comunicacional das redes sociais online é procedimento relevante para uma compreensão mais refinada dos processos de significação que impulsionam a circulação de desinformação e seus efeitos práticos na sociedade da desinformação (ALZAMORA, 2021).

Procedimentos metodológicos

A metodologia da pesquisa é de caráter exploratório e bibliográfico. Os dados no procedimento metodológico são qualitativos. A pesquisa fez um levantamento dos comentários em torno do discurso de Jair Bolsonaro, visando a compreensão da fixação da crença. O recorte empírico foi discutido em termos metodológicos, evidenciando dois eixos temáticos:

- 1) O fenômeno da desinformação, analisado a partir da fixação da crença de Charles Sanders Peirce.
- 2) Os comentários no vídeo de acordo com uma plataforma para YouTube: A *YouTube Data Tools* disponibilizada pela *Digital Methods Initiative* (DMI), da Universidade de Amsterdã, na Holanda.¹⁷ A plataforma oferece ferramentas para análise de dados da rede social mais usada para visualização de vídeos. Possui as seguintes métricas para compreensão das suas conexões: informações sobre o canal; conexões do canal; conexões do vídeo; comentários do vídeo.

Análise dos comentários no vídeo de Jair Bolsonaro discursando na ONU¹⁸

Durante o mandato presidencial, Jair Messias Bolsonaro discursou na Assembleia Geral da ONU por três vezes. A temática sobre políticas públicas relacionadas ao meio ambiente sempre foi eixo norteador do discurso do ex-mandatário. Na 76ª edição, o ex-presidente da República, pressionado internacionalmente pelo crescimento do desmatamento na Amazônia, teceu fortes críticas à imprensa, defendeu sua gestão em áreas como infraestrutura (ênfase em

¹⁷ Disponível em: <https://tools.digitalmethods.net/netvizz/youtube/>. Acesso em: 09 jul. 2023.

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EmiKQDVtDds>. Acesso em 19 jul. 2023.

ferrovias), combate à corrupção, resposta à pandemia de coronavírus e políticas ambientais.

Apesar de os números (e as evidências e fatos) contraditarem o discurso presidencial e a maior parte da imprensa nacional e internacional endossar as críticas ao mandatário, o discurso teve aderência entre apoiadores do bolsonarismo. Dentre os comentários mais curtidos no discurso de Bolsonaro no vídeo analisado (a transmissão ocorreu ao vivo pela página da BBC Brasil no YouTube), destacam as temáticas da corrupção, do meio ambiente e das ferrovias¹⁹.

O segundo comentário mais curtido pelos internautas foi este: “Ferrovias são mais viáveis do que Rodovias no Brasil. Mas poucos dão ideia”. Em seguida, houve comentários críticos em relação ao discurso presidencial, mas os apoiadores do presidente Bolsonaro não baixaram a guarda e fizeram uma defesa da narrativa bolsonarista, haja vista que este comentário se encontra entre os dez mais curtidos: “Aos que, mesmo sendo Brasileiros, destroem a imagem internacional de seu próprio país com intuits políticos, deixo meu humilde PEDIDO: priorizem seu país!!! O lugar onde moram vcs e seus filhos!!! Essa é a terra do povo Brasileiro e não de quaisquer partidos ou grupo político com seus interesses pessoais. Todo governo passará e o que pretendemos e que o que fique é um Brasil forte e bom para se viver e prosperar!!!” (*sic*).

Também se encontra entre os comentários mais curtidos pelos internautas este: “Nenhum caso concreto de corrupção em dois anos”. Nota-se que a ênfase discursiva do bolsonarismo na questão do combate à corrupção (temática sob a qual imputou sistematicamente aos mandatos petistas) e da pauta da moralidade de forma geral foi uma arma narrativa potente desde antes mesmo das eleições de 2018 e que mobilizou sua base eleitoral durante todo esse período. Crença fixada e amplamente utilizada retoricamente pelo bolsonarismo, como se pode depreender desta breve análise.

Num recorte dos comentários mais replicados, merecem destaques alguns que são capazes de evidenciar claramente a fixação da crença da narrativa bolsonarista diametralmente oposta às evidências científicas. Um desses comentários diz: “Quando vejo o histórico dos que atacam Bolsonaro percebo o lado que devo estar” – isto é, não importa na verdade a narrativa em si mas a crença de que Bolsonaro

¹⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/09/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-assembleia-geral-da-onu.shtml>. Acesso em 20 de julho de 2023.

representaria “o lado certo” e de que a própria oposição do presidente (classificada pelo bolsonarismo genericamente como “a esquerda”) justificaria ficar ao lado dele. Outro dos comentários diz: “O Brasil está crescendo graças a esse homem, água para o nordeste, não há mais corrupção e não se ouve sobre roubos no governo. Parabéns nosso presidente Deus o abençoe” (*sic*). Por fim, outro comentário que não se encontra entre os mais curtidos, mas que comprova o despreço pela evidência científica e demonstra a fixação da crença em torno das narrativas presidenciais: “Não sei porque as pessoas criticam tanto. O presidente só falou verdades nesse discurso: ferrovias, meio ambiente, investimentos, energia renovável, etc.” (*sic*).

Destarte, a partir das análises dos comentários, verificamos que o método da autoridade é o mais utilizado para fixação da crença, a partir do discurso de Bolsonaro. Na ocasião, o ex-presidente encarnava toda a figuração de autoridade e poder, fazendo com que os demais não formassem quaisquer dúvidas a respeito das propagações advindas dele.

Considerações finais

Dentre os principais resultados da pesquisa realizada, pode-se dizer que a compreensão do enlace entre a fixação da crença em torno do negacionismo e seus efeitos para a aceleração do antropoceno é o principal deles. Desse modo, a própria definição de antropoceno e suas interpretações conceituais, assim como a conceituação de crença (a partir de Peirce) e o entrelaçamento teórico com o próprio arcabouço argumentativo negacionista consistem nas principais contribuições teóricas deste trabalho.

Ofereceu-se o diálogo entre uma reflexão teórica e uma análise dos dados que corrobora com a visão segundo a qual o antropoceno acelera-se à medida em que o negacionismo ganha corpo no tecido social contemporâneo. É imprescindível enredar esse enlace para uma compreensão holística do fenômeno social, filosófico e antropológico que se está a presenciar nesta quadra da história. Trata-se de um enlace importante e que muitos podem ainda não terem concebido; é algo novo academicamente porque explora não apenas os efeitos do negacionismo em si mesmos, como também amplia a capacidade reflexiva ao trazer ao campo argumentativo a discussão sobre o antropoceno, caracterizado por dois pilares: a

destruição acelerada dos recursos naturais e a falibilidade planetária - em diálogo com os impactos do fenômeno da desinformação.

O que este trabalho teceu não foi tão somente uma mera correlação acadêmica, mas um enlace conceitual e empírico que tem produzido os efeitos mais perversos para a sociedade, haja vista as estatísticas ambientais que demonstram que se está a vivenciar o mais acelerado processo de destruição da fauna e da flora da história planetária desde o aparecimento da espécie *homo sapiens*.

As crenças fixadas, conforme demonstra Peirce em sua teoria, são capazes de orientar os desejos e moldar as ações, oferecendo conforto aos apoiadores das ideias que não encontram quaisquer respaldos científicos. Justamente isso que se comprovou com este trabalho quando são analisados não apenas os comentários dos bolsonaristas mas também as próprias ações práticas de facilitação de destruição de áreas de preservação ambiental.

É preciso ficar claro que é no terreno da sociedade da desinformação que emerge o antropoceno. Ou seja, o fenômeno da desinformação molda a humanidade neste tempo e denota-se como um dos principais traços constituidores da sociedade contemporânea, esta mesma sociedade que aceita quase passivamente a destruição planetária, colocando em risco real a própria sobrevivência da humanidade enquanto espécie.

A circulação e a disseminação em larga escala de conteúdos enganosos, o exame sobre as temáticas aqui trabalhadas (inclusive a demonstração de uma fragilização da legislação ambiental para facilitar a concessão de licenciamentos em áreas protegidas, como se pode notar neste artigo), a fixação das crenças nos diálogos com os pensadores com os quais este trabalho lidou e a análise dos comentários dos apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro demonstram que o antropoceno pode e está sendo acelerado neste momento. As reflexões teóricas e as evidências apresentadas estão a demonstrar que o momento inspira mais do que constatações acadêmicas, mas também nos obriga a uma inquirição: E agora, o que pode fazer a academia para impedir esse processo de aceleração do antropoceno? Iniciar esse debate de forma franca e alertar para o perigo da desinformação pode ser a mais seminal das contribuições.

REFERÊNCIAS

ALLCOTT, Hunt e GENTZKOW, Matthew, 2017. **Social media and Fake News in the 2016 election**. Journal of Economic Perspectives, Pittsburgh, vol. 31, no. 2, p. 211-36.

ALZAMORA, Geane; MENDES, Conrado Moreira; RIBEIRO, Daniel Melo [Organizadores]. **Sociedade da desinformação e infodemia** / – Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021 (Olhares Transversais; v. 1).

BAKIR, Vian e MCSTAY, Andrew, 2018. **Fake News and the Economy of Emotions**. Digital Journalism, vol.6, no.2, p.1-22.

BBC BRASIL. **Confira discurso de Bolsonaro na Assembleia-Geral da ONU**. YouTube, 21 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EmiKQDVtDds>.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. In: A Sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1.

COUTINHO, Francisco; OLIVEIRA, Felipe; Silva, Fábio. **Ciências na escola: um novo olhar sobre o ensino da evolução biológica: reflexões e propostas**. São Paulo-SP: Raiz, 2022.

DIAS, Fernando. **Competência em informação na era da pós-verdade**. Dissertação de Mestrado (Ciência da Informação), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2021.

GAMBARATO, Renira; ALZAMORA, Geane; TÁRCIA, Lorena. **Theory, Development, and Strategy in Transmedia Storytelling**. New York: Routledge, 2020.

MARSHALL, Jonathan Paul. **Desinformation Society, Communication and Cosmopolitan Democracy**. Cosmopolitan Civil Societies Journal, v. 9, n. 2, 2017, p. 1-21. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/318597794_Disinformation_Society_communication_and_cosmopolitan_democracy>. Acesso: 12. Jul. 2023.

MENDES, C. M.; ALZAMORA, G. C. Lógicas da propagação da informação e da desinformação no contexto da pandemia de covid-19: abordagem semiótica. MATRIZES, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 193-222, 2023. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v17i1p193-222. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/196597>. Acesso em: 16 jun. 2023.

MORIN, Edgar, 2011. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina.

NHACUONGUE, J. **A ciência e a ordem social: ensaios para a disrupção do antropoceno**. Liinc em Revista, [S. l.], v. 18, n. 1, p. e5950, 2022. DOI: 10.18617/liinc.v18i1.5950. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5950>. Acesso em: 8 jul. 2023.

PEIRCE, Charles Sanders. **Ilustrações da lógica da ciência**. 2 ed. São Paulo: Idéias & Letras, 2008.

LEVISTON, Zoe, et al. **Your opinion on climate change might not be as common as you think**. *Nature Climate Change*, vol.3, p.334–337. 2013.

LEWANDOWSKY, Stephan, et al, 2017. **Beyond misinformation: Understanding and coping with the post-truth era**. *Journal of Applied Research*, vol.6, no.4, p.1-59.

PARISER, E. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SANTAELLA, L. **A Pós verdade é verdadeira ou falsa?** Organizado por Fabio Cypriano. - Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.


SLOTERDIJK, P. **O Antropoceno - Estado de um processo à margem da história da Terra?** In: RIBEIRO MENDES, J.; SYLLA, B. (orgs.). *Tecnofilosofia líquida: Anders, Blumenberg e Sloterdijk*. Braga: Centro de Ética, Política e Sociedade, 2019. p. 83-100.

SOUZA, Ana Carolina Almeida. **EXPERIÊNCIAS TRANSMÍDIA NO PARQUE TEMÁTICO MAGIC KINGDOM: branding, espaço e (in)sustentabilidade na Disney**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social) da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2022.

STF suspende resolução do Conama que revogava normas de proteção ambiental. **Agência Senado**, Brasília-DF, 29 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/10/29/stf-suspende-resolucao-do-conama-que-revogava-normas-de-protecao-ambiental>. Acesso em 22 jul. 2023.

Leia a íntegra do discurso de Bolsonaro na Assembleia-Geral da ONU. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/09/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-assembleia-geral-da-onu.shtml>. Acesso em 20 jul. 2023.

Desmatamento na Amazônia cresce 7% e tem o pior fevereiro em 16 anos. **Imazon**. Disponível em: <https://imazon.org.br/imprensa/desmatamento-na-amazonia-cresce-7-e-tem-o-pior-fevereiro-em-16-anos/#:~:text=Conforme%20dados%20do%20Imazon%2C%20foram,monitoramento%20por%20imagens%20de%20satélite>. Acesso em 20 jun. 2023.



Capítulo 5
PRÁTICAS DISCURSIVAS E DE
SUBJETIVAÇÃO: A DISCIPLINARIZAÇÃO DO
CORPO/ROSTO COMO ACONTECIMENTO
Pamela Tais Clein Capelin

PRÁTICAS DISCURSIVAS E DE SUBJETIVAÇÃO: A DISCIPLINARIZAÇÃO DO CORPO/ROSTO COMO ACONTECIMENTO

Pamela Tais Clein Capelin

Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá - UEM. Mestra em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Bolsa Capes. E-mail: pamelaclein88@gmail.com

RESUMO

Este estudo tem como foco a reflexão acerca do sujeito-corpo-discurso em práticas discursivas e de subjetivação, fundamentada nos pressupostos da Análise do Discurso Foucaultiana (Foucault, 1972). Desse modo, objetiva-se analisar as práticas discursivas e de subjetivação na disciplinarização dos corpos/rostos como acontecimento a partir da técnica de harmonização orofacial investigado no recorte da série enunciativa meme Monalisa (Pinterest, 2023), que encontra regularidade na dispersão dos discursos sobre padrão de beleza, em específico, do rosto, na hipermodernidade. A pergunta de pesquisa questiona em que medida as práticas discursivas e de subjetivação favorecem compreender acerca da disciplinarização dos corpos/rostos como acontecimento discursivo a partir da técnica de harmonização orofacial, que tenta disciplinar/normalizar esse corpo/rosto que encontra regularidade na dispersão de discursos sobre padrões de beleza como um acontecimento. Teórico-metodologicamente a investigação é fundamentada na análise de discurso (Foucault, 1972), a História do Rosto de (Courtine, Haroche, 1988) corpos e discursos (Lachi, Navarro, 2012; Navarro, 2013). Como resultados, compreende-se que as práticas discursivas e de subjetivação favorecem a disciplinarização dos corpos/rostos como acontecimento, em específico, a partir da técnica de harmonização orofacial, que encontra regularidade na dispersão dos discursos sobre padrões de beleza em relação ao rosto harmonizado na hipermodernidade. A disciplinarização dos corpos e rostos como um acontecimento discursivo não é estática, evolui ao longo do tempo à medida que novos discursos emergem e novas técnicas estéticas são desenvolvidas.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Sujeito-Corpo-Discurso; Disciplinarização dos Corpos/Rostos; Acontecimento.

ABSTRACT

This study is focused on reflecting upon the subject-body-discourse in discursive and subjectivation practices, based on the assumptions of

Foucauldian Discourse Analysis (Foucault, 1972). The objective is to analyze discursive and subjectivation practices in the disciplinization of bodies/faces as an event, through the investigation of the orofacial harmonization technique within the enunciative series of the Mona Lisa meme (Pinterest, 2023), which demonstrates regularity in the dispersion of discourses on beauty standards, specifically regarding the face, in hypermodernity. The research question seeks to examine to what extent discursive and subjectivation practices contribute to understanding the disciplinization of bodies/faces as a discursive event through the orofacial harmonization technique, which attempts to discipline/normalize the body/face that finds regularity in the dispersion of discourses on beauty standards as an event. The theoretical and methodological foundation of the investigation is based on discourse analysis (Foucault, 1972), the History of the Face (Courtine, Haroche, 1988), bodies and discourses (Lachi, Navarro, 2012; Navarro, 2013). The results indicate that discursive and subjectivation practices favor the disciplinization of bodies/faces as an event, specifically through the orofacial harmonization technique, which finds regularity in the dispersion of discourses on beauty standards concerning the harmonized face in hypermodernity. The disciplinization of bodies and faces as a discursive event is not static, it evolves over time as new discourses emerge and new aesthetic techniques are developed.

Keywords: Discourse Analysis; Subject-Body-Discourse; Disciplinization of Bodies/Faces; Event.

Introdução

Os discursos que permeiam o corpo/rosto podem ser investigados a partir de diversos campos de saberes, contudo, neste artigo, analisar-se-á com base nas práticas discursivas e de subjetivação como acontecimento no campo associado do humor (Foucault, 1972). Arqueologicamente, problematiza-se a técnica de harmonização²⁰ orofacial²¹ na disciplinarização/normalização dos corpos/rostos a partir da propagação de um ideal/padrão de beleza na hipermodernidade. Para tal,

²⁰ A técnica de harmonização orofacial consiste em um conjunto de procedimentos estéticos que visam a chegar em uma dada "harmonia ao rosto", para tal, alteram-se os traços naturais. Pelos procedimentos não serem cirúrgicos, a duração da técnica aplicada é temporária, necessitando de novos retoques a partir de um tempo determinado para manter as simetrias alteradas. A técnica altera características dos rostos para formatos diferentes, lábios mais volumosos, arqueamento de sobrancelhas, biomodelação nasal, entre outros.

²¹ Justifica-se o uso de "harmonização orofacial" em vista das publicações em relação ao estudo de harmonização de rostos (Manganaro; Pereira; Silva, 2022).

parte-se da descrição da série enunciativa *meme Monalisa*²², publicizada no meio digital, Pinterest (2023).

A disciplinarização dos corpos/rostos envolve um “[...] conjunto de elementos materiais e das técnicas que servem de armas, de reforço, de vias de comunicação e de pontos de apoio para as relações de poder e saber que investem os corpos humanos e os submetem, tornando-os objetos de saberes.” (Foucault, 2007, p. 27). O poder-saber se manifesta por meio das práticas discursivas que acabam por subjetivar e objetivar os sujeitos, por exemplo, nos homens em relação às mulheres, dos pais sobre os filhos, de professores sobre alunos e, também, saberes do campo da medicina que exercidos pelos médicos, que neste caso em específico, envolve o harmonizado e o não harmonizado, acontecimento discursivo relacionado a um ideal de beleza que impacta na identidade dos sujeitos.

O sujeito-corpo-discurso é constituído discursivamente, neste estudo, a partir de um destaque do corpo, o rosto (Courtine, Haroche, 1988). O rosto é uma parte relevante do corpo e de identificação de um sujeito, “[...] O rosto seduz com maior segurança, mais sutilmente ainda do que as palavras.” (Courtine, Haroche, 1988, p. 7). Diferentes campos como medicina, moda, beleza produzem discursos do objeto discursivo analisado, dessa forma por meio da regularidade na dispersão pode-se notar uma corroboração desses campos com a técnica de harmonização orofacial e visam a disciplinar/normalizar o corpo/rosto (Lachi; Navarro, 2013), um dos efeitos de poder tem-se o beneficiamento da indústria cosmetóloga e forte valorização em enunciados sobre padrões de beleza como acontecimento na hipermodernidade.

Para Lachi e Navarro, “[...] Não se trata apenas de diversas características de um mesmo corpo, mas de vários corpos que se configuram a partir desses saberes, de um objeto que é ressignificado a partir desses discursos.” (Lachi, Navarro, 2012, p. 27). Discursos acerca de padrões de beleza *docilizam corpos* (Foucault, 1987), a fim de compactuar com a técnica de harmonização orofacial, na busca por se enquadrarem em um “ideal” de beleza, a uma certa aceitação social imposta por discursos contemporâneos que tencionam a aproximar os corpos/rosto de um modelo proposto nas mídias, em que rostos quadrados, sobranceiras arqueadas, lábios

²² Destaca-se que o estudo é realizado a partir do gênero discursivo meme, objeto recente de investigação da pesquisadora. A escolha do *meme Monalisa* (Pinterest, 2023) se justifica por ser uma das pinturas que recorrentemente está presente interdiscursivamente em diversos contextos, sendo assim, atualizada a partir de paródias, memes, entre outros.

carnudos, entre outros podem significar uma falsa ilusão de “poder”, ascensão social.

Em vista do exposto, a partir da pergunta de pesquisa questiona-se em que medida o estudo das práticas discursivas e de subjetivação favorecem compreender acerca da disciplinarização dos corpos/rostos como acontecimento a partir da técnica de harmonização orofacial, que tenta disciplinar/normalizar esse corpo/rosto, uma vez que encontra regularidade na dispersão dos discursos sobre padrões de beleza como um acontecimento.

Objetiva-se analisar os pressupostos teóricos da análise de discursos na subjetivação e na disciplinarização dos corpos/rostos como acontecimento, a partir de uma técnica de harmonização orofacial, no recorte da série enunciativa *memes Monalisa* (Pinterest, 2023) que encontra regularidade na dispersão dos discursos sobre padrões de beleza na hipermodernidade.

A reflexão e a problematização deste estudo tem como base os pressupostos teóricos da análise de discurso foucaultiana acerca da subjetivação e da disciplinarização dos corpos/rostos como acontecimento, sobretudo na hipermodernidade, em que há, a partir das redes sociais, por exemplo, a propagação massiva da técnica presente no recorte da série enunciativa *memes Monalisa* (Pinterest, 2023).

Nesse sentido, como hipótese, compreende-se que as práticas discursivas e de subjetivação, em específico, a série enunciativa em estudo, alinha-se à disciplinarização dos corpos/rostos a partir da técnica de harmonização orofacial. Por vezes, esses corpos/rostos encontram regularidade na dispersão dos discursos sobre padrões de beleza. Com efeito, embasa-se teórico-metodologicamente na perspectiva da análise de discurso (Foucault, 1972); na *História do Rosto* de (Courtine, Haroche, 1988) e em corpos e discursos (Lachi, Navarro, 2012; Navarro, 2013).

Para a organização do estudo, as discussões se dividem em duas seções: na primeira, reflete-se sobre as práticas discursivas e de subjetivação na disciplinarização dos corpos/rostos como acontecimento. Na segunda, relacionam-se às discussões do aporte teórico com as regularidades na dispersão da série enunciativa *memes Monalisa* (Pinterest, 2023), alinhada à temática disciplinarização dos corpos/rostos na hipermodernidade.

Práticas discursivas e de subjetivação na disciplinarização dos corpos/rostos como acontecimento

A partir do método arqueogenealógico (Foucault, 1972) se investiga sobre as práticas discursivas e de subjetivação na disciplinarização dos corpos (Foucault, 2007). Nas camadas de enunciados que compõem os discursos acerca do corpo/rosto, verifica-se a historicidade a partir da “[...] segunda metade do século XVIII, uma estética da mímica e do rosto como gesto facial.” (Courtine & Haroche, 1988, p. 108). Discursos sobre padrões de beleza são historicamente construídos desde a antiguidade clássica em que os gregos e os romanos valorizavam a simetria como proporção correta de traços do conjunto visual. Nesse sentido,

Foi Leonardo da Vinci que denominou a razão áurea de divina proporção, inclusive utilizando-a na famosa *Monalisa*, de 1502: se construirmos um retângulo em torno do seu rosto, veremos que está na proporção áurea. Poderemos subdividir este retângulo usando a linha dos olhos para traçar uma reta horizontal e teremos novamente a razão áurea. Poderemos continuar a explorar esta proporção em várias outras partes do corpo (Lauro, 2005, p. 44).

Discursos relacionados à beleza, a simetria de traços são destacados na *Monalisa* (Da Vinci, 1502). O belo é um enunciado que possui uma historicidade, composto e retomado por inúmeros outros discursos formando uma rede interdiscursiva, como é o caso do *meme Monalisa* (Pinterest, 2023). Assim, analisa-se uma dada série enunciativa que encontra regularidade na dispersão dos discursos sobre padrões de beleza, em específico, do rosto, em práticas disciplinares e de controle do sujeito-corpo-discurso.

Na investigação o poder se materializa por meio de práticas sociais constituídas historicamente, como o ideal do belo. Há, portanto, uma *vontade de verdade* (Foucault, 1996) na propagação de um padrão ideal de beleza, alcançado, neste caso, a partir da harmonização orofacial. Essa vontade de verdade compreende o apagamento da beleza natural, da identidade do sujeito. O poder pode ser compreendido em Foucault (2007), na obra *Vigiar e Punir*, pois o corpo, diante do campo político tem uma “certa” utilidade econômica, como força de produção.

O corpo instrumento de saber-poder (Foucault, 2007) pode ser disciplinarizado a partir de “[...] técnicas de coerção que exercem um esquadramento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos e que atingem particularmente

as atividades, os gestos, os corpos.” (Revel, 2005, p. 35). O mecanismo de controle dos corpos/rostos e dos discursos neste estudo está relacionado ao dispositivo da beleza, sócio-histórico-discursivamente construída, como, por exemplo, quando a/o protagonista de uma novela, filme, série, ou outro é sempre alguém considerado belo; logo, o “[...] movimento do corpo é cultural, faz parte do saber e é sancionado pelo poder; a forma como o sujeito utiliza o seu próprio corpo e dispõe do corpo do outro, com ou sem o uso de instrumentos, está condicionada e regulamentada pelas relações de saber e poder.” (Lachi; Navarro, 2012, p. 36).

Discursos de disciplinarização, de *docilização de corpos* (Foucault, 1987), partem da premissa de que os rostos “precisam” estar em um ideal aceitável de beleza padronizada pelas mídias, sobretudo na hipermodernidade, a partir da tentativa de uniformização dos traços da face a partir da técnica de harmonização orofacial. O ideal de beleza compõe discursos que enfocam em um dispositivo projetado comumente sobre o corpo/rostos belo, perfeito “[...] o belo, humanamente falando, nada mais é que a forma considerada mais elementar, em sua simetria mais absoluta, em sua mais íntima harmonia com o nosso organismo [...]” (Hugo, 2007, p. 281).

Trata-se de um tipo de rosto ideal, harmonizado, moldado pelo saber científico da técnica de harmonização orofacial, método disciplinador que circula nos enunciados, principalmente os midiáticos de rápida propagação que facilitam a indústria farmacêutica/cosmológica e os profissionais que atuam na área alinhados a um único propósito, o lucro. O exercício de poder-saber toma como ideal um corpo/rostos “normalizado”, ideal de beleza criado pela indústria que “embelezam”, criando uma cultura de aceitação do eu em sua autenticidade.

A partir da técnica de harmonização, silenciam-se corpos/rostos “harmonizados” em direção a uma sujeição que é influenciada por uma dada disciplina, como já destacado, que visa a *docilizar os corpos* (Foucault, 1987), a fim de torná-los (in)úteis, (in)produtivos, que contribuam à expansão econômica. A disciplinarização se trata da alienação cega, uma vez que “[...] nas condições da Modernidade, os meios de comunicação não espelham realidades, mas em parte as formam.” (Giddens, 2002, p. 32).

Considerando a relação entre sujeito-corpo-discurso, investigam-se as práticas discursivas e de subjetivação legitimadas pelos dispositivos acerca do padrão ideal de beleza, do poder-saber sobre o corpo/rostos, bem como o funcionamento do

discurso científico na produção de corpos/rostos moldados “[...] sobre toda a superfície de contato entre o corpo e o objeto que o manipula, o poder vem se introduzir, amarra-os um ao outro. Constitui um complexo corpo-arma, corpo-instrumento, corpo-máquina.” (Foucault, 2007, p. 130). A disciplinarização dos corpos/rostos é a combinação de saberes-poderes, vontades de verdade que agem de forma a “manipular” o sujeito em relação a sua identidade/subjetividade.

A regularidade na dispersão da série enunciativa *mime monalisa*: a disciplinarização dos corpos/rostos na hipermodernidade

O rosto pode ser considerado a parte mais representativa do corpo. As expressões faciais são formas de linguagem e os traços, de modo geral, caracterizam a identidade pessoal, subjetiva do indivíduo. É preciso considerar que “[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente.” (Hall, 2006, p. 13). Assim, um corpo docilizado pode apresentar-se naquele que não aceita seus traços naturais e deseja, assim, modificá-los por influências externas, que não a própria (des)identificação com o seu eu.

Identidades fragmentadas, *líquidas* (Bauman, 2001), podem resultar da falta de identificação/reconhecimento de si e de sua aparência, sobretudo na hipermodernidade, em que a mídia propaga com velocidade rápida vontades de verdade acerca de ideais de beleza, padrões que levam os sujeitos a buscarem procedimentos estéticos não cirúrgicos e cirúrgicos, ao encontro de uma identidade moldada.

As investigações sócio-histórico-ideológicas acerca do corpo/rosto transcendem, em meio a este recorte temporal, com base nas tecnologias aliadas à estética que propõe um ideal de beleza e de juventude, a fim de “[...] compreender o sentido a partir da análise da rede interdiscursiva em que a série se encontra, da relação, portanto, que um enunciado mantém com os outros.” (Navarro, 2008, p. 63).

O rosto, representado no meme pela Monalisa é parte essencial na produção de sentidos, aspectos visuais pois por si só significam. No documento de identidade, por exemplo, o sujeito é reconhecido a partir de uma foto 3x4, do rosto. No meme, as linguagens verbal e verbo-visual possibilitam problematizar a disciplinarização dos corpos/rostos que encontram regularidade na dispersão dos discursos sobre padrões

de beleza como um acontecimento.

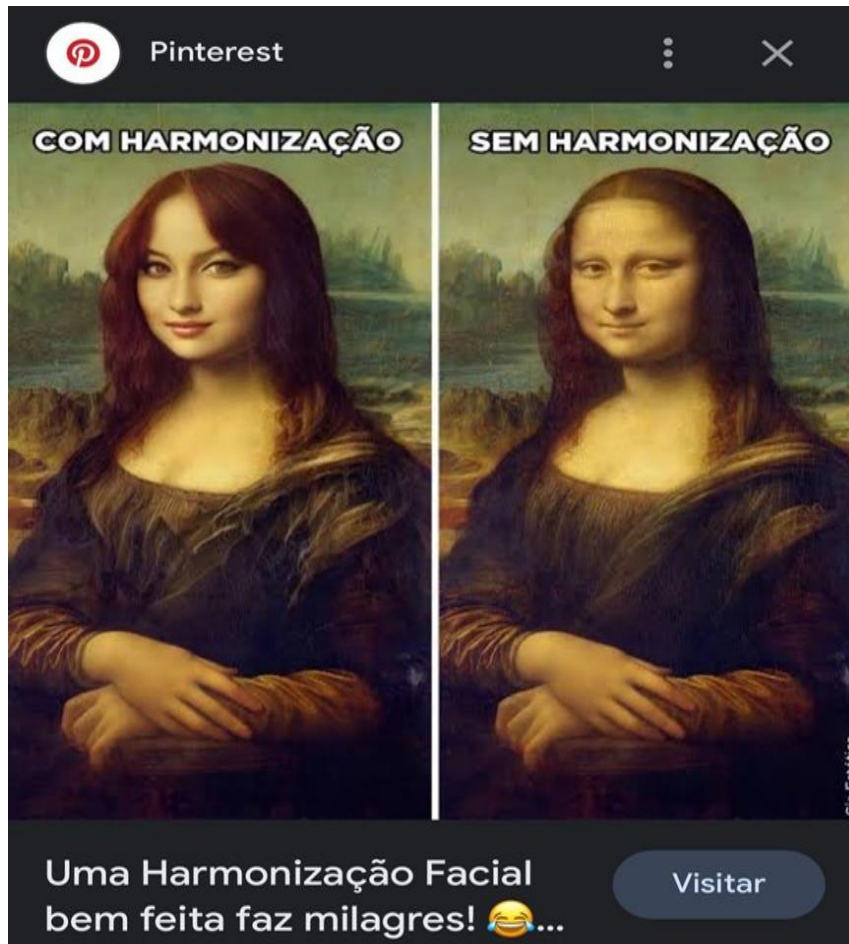


Figura 1 - Meme *Monalisa* com harmonização e sem harmonização facial
Fonte: Pinterest (2023)

Aspectos discursivo-imagético contribuem na produção de sentidos, do poder-saber que perpassa o corpo/rosto vinculado a enunciados midiáticos, em específico, o meme que circula no Pinterest (2023), conforme observa-se no rodapé superior esquerdo da página. A mescla de linguagens, verbal e imagética, se unem como fio condutor para que o corpo/rosto possa produzir significações em relação ao acontecimento da harmonização orofacial ser algo “positivo”.

No *meme Monalisa* “com harmonização” e “sem harmonização”, a primeira imagem transcende em meio a uma prática de disciplinarização de corpos/rostos como acontecimento a partir da técnica de harmonização orofacial, inerente a ideais sociais de rosto perfeito, discursos que tentam enquadrar sujeitos como os da (segunda imagem) a padrões de beleza criados na (primeira imagem). A indústria cosmética/da beleza utiliza das tecnologias, sobretudo, das redes sociais, para disciplinarizar/docilizar os corpos/rostos que rendem-se a um protótipo criado para

ludibriar a população enquanto enriquecem os comerciantes.

A imagem que se apresenta em dualidade, “com harmonização” e “sem harmonização”, é a *Monalisa* de Da Vinci (1502), na versão original e a “nova” *Monalisa*, harmonizada a partir de uma técnica que visa a desvelar uma dada “[...] obsessão de ter um corpo jovem e controlado, criando a ilusão de poder e felicidade ao alcance de todos os que se submeterem a uma forma corporal estereotipada.” (Costa, 2008, p. 3).

Na lateral direita, na vertical da imagem “sem harmonização”, observa-se, possivelmente, a assinatura do autor do meme “Cia Estética”. É possível pressupor o autor como uma empresa (que visa a lucrar) tendo como base a estética. Assim, oferta de serviços relacionados à beleza, primando pela “boa” aparência, no caso a partir da “tentativa” de encontrar regularidade na dispersão dos discursos voltados a harmonizar/padronizar o corpo/rosto de possíveis clientes, uma vez que:

[...] o rosto e sua simetria, sua textura e seus padrões se tornam lugares onde se instituem idéias, emoções e linguagens, sendo uma interação sensório-motora dos sentidos à ação: nesse jogo o rosto fala e é também falado pelos outros, sendo um múltiplo lugar de significações, que a cultura permite revelar (Camargos; Mendonça; Duarte, 2009. p. 408).

O rosto harmonizado do *meme Monalisa* na primeira figura, à esquerda, quando comparada à *Monalisa*, da segunda imagem, apresenta-se com os cabelos, possivelmente, escovados, técnica de salões de beleza. As sobrancelhas mais arqueadas, podem resultar de “[...] injeção de toxina botulínica [...] preenchimento com ácido hialurônico [...] ou outros preenchedores.” (Manganaro; Pereira; Silva, 2022, p. 209). Traços de uso de delineador nas pálpebras superiores ajudam na produção da imagem/ideia que se quer vender, um corpo/rosto jovial, harmônico, sem aparência de cansaço e marcas de expressão.

As maçãs do rosto, correspondentes à saliência desta parte do corpo no osso malar parecem estar mais marcadas, causa, possivelmente, da presença de preenchedores com ácido hialurônico ou ainda pelo procedimento estético de bichectomia, que ressalta estes traços. Os lábios estão mais volumosos e o rosto, como um todo, com aspecto mais fino, também podendo caracterizar uma personagem mais magra do que a original. A pele do rosto, de modo geral, aparenta estar harmoniosa, sem imperfeições como marcas de sol, por exemplo.

Discursos que visam a disciplinarizar/normalizar os corpos/rostos a partir de

um ideal de beleza são destacados por Manganaro, Pereira e Silva (2022),

[...] Esses procedimentos são motivados pela busca do rejuvenescimento ou a prevenção do envelhecimento facial [...] Por isso, procedimentos menos invasivos têm alcançado maior popularidade e demanda [...]. Desses procedimentos, aplicadores faciais como toxina botulínica [...] e ácido hialurônico [...] foram os mais realizados, provavelmente pelo custo-benefício e durabilidade do efeito. Pálpebras inferiores e rugas “pés de galinha”, expressão popularmente conhecida) e nariz (Manganaro; Pereira; Silva, 2022, p. 209).

Destaca-se, sobretudo, que para além dessas técnicas estarem aliadas ao rejuvenescimento facial, no caso do meme analisado, aparentemente a Monalisa é ainda jovem, sem rugas, marcas de expressão e “pés de galinha”; logo, a harmonização orofacial “vende uma ideia” de não precisar ser “velho” para utilizar-se de recursos estéticos. Não o rejuvenescimento, mas a técnica alinha-se a uma dada “perfeição”, padronização do corpo/rosto. Dessa forma, “[...] O conceito de estética facial é pensado para ser relacionado com um equilíbrio harmonioso entre as partes do perfil facial. O rosto se destaca entre as características físicas de um indivíduo como um dos fatores mais importantes para uma ‘primeira impressão.’” (Soares *et al*, 2012, p. 549- 550).

No rodapé da página o discurso evidencia que “uma harmonização facial bem feita faz milagres”, seguida de um emoji de choro/decepcionado que pode, por vezes, indicar ironia, por exemplo. Além disso, os três pontinhos indicam a supressão da frase. O discurso proferido por um sujeito sócio-ideologicamente constituído, pode relacionar-se a, por exemplo, a possibilidade de uma pessoa considerada feia tornar-se bela a partir do “milagre” proporcionado a partir da técnica de harmonização orofacial. Logo, não existem pessoas feias, mas pessoas que ainda não foram harmonizadas.

Mais do que isso, se o sujeito possui poder aquisitivo “pode comprar a beleza”, já, ao contrário, cabe a tristeza de viver com uma má aparência. Desse enunciado decorrem a produção *vontades de verdades* (Foucault, 1996) na construção discursiva sobre o corpo/rosto perfeito, relações de poder e de saber que determinam o “feio” e o “belo”. Se por um lado o “harmonizado” enquadra-se no padrão imposto, por outro lado o “desarmonizado” é excluído socialmente, por ser fadado a permanecer na sua originalidade. Ainda que de forma velada, discursos atravessam e provocam o apagamento de quem não se enquadra aos padrões de um ideal propagado, assim

como os loucos²³ nas sociedades ocidentais (Foucault, 1978).

A partir do método arqueogenealógico (Foucault, 1972), no recorte espaço-temporal determinado, 1502, Da Vinci pinta Monalisa, mulher “padrão ideal de beleza”, com traços do rosto proporcionais para a época. Já, o que propõe o discurso contemporâneo, a Monalisa na sua originalidade/naturalidade é considerada “feia” a ponto de precisar de um “milagre”. Nesse sentido, identifica-se que “[...] o corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte. O homem por meio do corpo, vai assimilando e se aproximando de valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração.” (Daolio, 1995, p. 48 grifos do autor).

A proposta de harmonização orofacial alinha-se a “[...] uma explosão de técnicas numerosas e diversas para obter a subjugação dos corpos e o controle de populações.” (Foucault, 1988, p. 93). Discursos acerca do padrão de beleza são alterados ao longo do tempo, por vezes, são práticas de exercício de poder-saber invisíveis *panóptico*²⁴, que de forma velada soam naturais a partir da “[...] materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos.” (Foucault, 2007, p. 147).

A harmonização como acontecimento anula o que há de natural/original, identitário no rosto, traços advindos da parentalidade com outros indivíduos, em direção a uma dada padronização, *docilização dos corpos* (Foucault, 1987) que vai para além da amenização de traços advindos da idade avançada, mas sim de mudanças no arqueamento das sobrancelhas, olhos, lábios e simetrias do rosto em geral. Mais do que isso, “O rosto oferece informações sobre a identidade individual – sexo, etnia, juízo de idade [juventude e velhice], semelhança e estética –, suas interações [hostil-amistosa], desejos e estados emocionais – temor, coragem, raiva, tédio, aversão, tristeza, alegria etc.” (Camargos; Mendonca; Duarte, 2009. p. 398).

Os corpos/rostos podem envolver padrões éticos e estéticos, uma vez que transmitem mensagens no espaço discursivo no qual participam, pois “[...] o rosto seduz com maior segurança, mais subtilmente ainda do que as palavras.” (Courtine;

²³ Neste trecho, realiza-se uma breve alusão a investigação de Foucault a partir da obra *História da loucura na idade clássica* (Foucault, 1978).

²⁴“Foucault (2007) desenvolve em Vigiar e Punir, “[...] texto no qual descreve os efeitos do modelo disciplinar, representado pela figura arquitetural da disciplina por excelência, o panóptico, que funciona como uma espécie de máquina criada para manter, em vigilância, as pessoas que, por algum motivo, infringiram as leis ou possuem alguma patologia.” (Navarro, 2013, p. 80).

Haroche, 1988, p. 7), assim,

Uma história do rosto é ao mesmo tempo a história do controle da expressão, das suas exigências religiosas, das suas normas sociais, políticas e estéticas que contribuíram desde o Renascimento para o aparecimento de um tipo de comportamento social, sentimental e psicológico baseado no afastamento dos excessos, no silenciamento do corpo (Courtine; Haroche, 1988, p.12).

Ao longo da história, os corpos/rostos são subjetivados e objetificados, pois estão suscetíveis a padronizações sociais. Os corpos/rostos expressam, por exemplo, interesses, seja pelo parecer/ser belo, para alcançar uma meta, o padrão social de beleza estipulado pelas mídias, de celebridades com seus corpos/rostos perfeitos, livres de deformidades, nulos de realidade.

Nesse sentido, o sujeito diferente/natural, por vezes, quando se compara com celebridades pode se sentir frustrado e, assim, buscar técnicas como a de harmonização orofacial visando a parecer-se com seus ídolos. Desse modo, evidencia-se o corpo/rosto como processo, que parte de uma Monalisa sem harmonização em direção a uma Monalisa harmonizada pela técnica orofacial como acontecimento, de sujeitos que ao assumirem discurso que disciplinam/normalizam os corpos/rostos, negam suas identidades/subjetividades em troca de um status social, de uma dada aceitação.

Cabe destacar que por trás da disciplinarização sempre há um poder-saber, ainda que velado, há uma tentativa de padronização dos rostos, assim, o harmonizado, em tese, estabelece uma relação de poder em relação ao não harmonizado, natural, com imperfeições e falta de simetrias. Esse poder, por exemplo, pode emergir da falta de poder aquisitivo para se encaixar nessa normalização. Foucault destaca que:

A normalização disciplinar consiste em primeiro colocar um modelo, um modelo ótimo que é construído em função de certo resultado, e a operação de normalização disciplinar consiste em procurar tornar as pessoas, os gestos, os atos, conformes a esse modelo, sendo normal precisamente quem é capaz de se conformar a essa norma e o anormal quem não é capaz. Em outros termos, o que é fundamental e primeiro na normalização disciplinar não é o normal e o anormal, é a norma. Dito de outro modo, há um caráter primitivamente prescritivo da norma, e é em relação a essa norma estabelecida que a determinação e a identificação do normal e do anormal se tornam possíveis. Essa característica primeira da norma em relação ao normal, o fato de que a normalização disciplinar vá da norma à demarcação final do normal e do anormal, é por causa disso que eu

preferiria dizer, a propósito do que acontece nas técnicas disciplinares, que se trata muito mais de uma normação do que de uma normalização (Foucault, 2008, p.74-75).

Além de “corrigir assimetrias”, também, há “[...] obsessão de ter um corpo jovem e controlado, criando a ilusão de poder e felicidade ao alcance de todos os que se submeterem a uma forma corporal estereotipada.” (Costa, 2008, p. 3). O que prevalece são as mudanças constantes, é a transformação do eu, “Não se trata apenas de diversas características de um mesmo corpo, mas de vários corpos que se configuram a partir desses saberes, de um objeto que é ressignificado a partir desses discursos.” (Lachi; Navarro, 2012, p. 27).

Um conjunto de discursos induzem os sujeitos a adotarem determinadas posturas “E, por meio de complexos mecanismos de incorporação de estereótipos faciais, o rosto tornar-se-ia então uma superfície cultural, um terreno onde seriam cultivadas expectativas sociais.” (Camargos; Mendonca; Duarte, 2009. p. 408). Mais do que uma mudança física, o rosto se torna alvo de mudança cultural, repleta de perspectivas, muitas das vezes ilusórias de um ideal inalcançável.

Compactuar com mudanças nos padrões de beleza natural do corpo/rosto é, de certa forma, aceitar o rompimento de identidades e das subjetividades no entrelaçamento de discursos que alteram a imagem do “eu” indivíduo, em relação a uma vontade de verdade coletiva, o padrão de belo, identidade desejável ao sujeito contemporâneo. Essas “[...] transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual, e portanto com o eu.” (Giddens, 2002, p. 9).

Considerações finais

A partir do questionamento de pesquisa indaga-se em que medida o estudo das práticas discursivas e de subjetivação favorecem compreender acerca da disciplinarização dos corpos/rostos como acontecimento a partir da técnica de harmonização orofacial, que tenta disciplinar/normalizar esse corpo/rosto, uma vez que encontra regularidade na dispersão dos discursos sobre padrões de beleza como um acontecimento na hipermodernidade.

Ainda que de forma breve, refletiu-se como o sujeito-corpo-discurso é produzido a partir de um destaque do corpo, o rosto. Os discursos sobre a técnica de

harmonização orofacial visam, a partir do saber-poder, de vontades de verdade, disciplinar/normalizar os corpos/rostos a partir de um ideal de beleza como um acontecimento, o que impacta, diretamente, na identidade dos sujeitos. Comercializar/vender um produto pauta-se na propagação de uma falsa ideia de aceitação social pelo sujeito que é harmonizado, por enquadrar-se no que se propõe o ideal de beleza nas mídias.

Nesse sentido, as práticas discursivas e de subjetivação favorecem a disciplinarização dos corpos/rostos como acontecimento, em específico, a partir da técnica de harmonização orofacial que tem se ampliado, pois encontra regularidade na dispersão dos discursos sobre padrões de beleza em relação ao rosto harmonizado na hipermodernidade, sobretudo, a partir das tecnologias, de rápida propagação.

Em vista do pouco espaço-tempo para a realização deste estudo, sugere-se que outras investigações sejam realizadas no âmbito das práticas discursivas e de subjetivação como esta, realizada a partir de um recorte, um meme que circula no Pinterest (2023), acessado cotidianamente por sujeitos da hipermodernidade, inseridos em práticas linguístico-discursivas da esfera digital.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CAMARGOS, C. N.; MENDONÇA, C. A.; DUARTE, S. M. Da Imagem Visual do Rosto Humano: simetria, textura e padrão. **SciELO**. Saúde Soc. São Paulo, v.18, n.3, p. 395-410, 2009.

COURTINE, J. J. HAROCHE, C. **História do rosto: exprimir e calar as suas emoções** (do século XVI ao início do século XIX). Tradução de MOURA, A. Lisboa: Teorema, 1988.

COSTA, M. D. O. **A estética do corpo desportivo na publicidade: estudo exploratório a partir da análise de um conjunto de imagens publicitárias fixas**. Universidade do Porto, 2008.

DA VINCI, L. **Monalisa**. Pintura. 1502.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes; Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972.

FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978. 551p.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Trad. SAMPAIO, L. F de A. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. RJ-RJ, Graal, 2007, 24ª ed.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Tradução DENTZIEN, P. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP & A, 2006.

HUGO, V. C. **Prefácio** (1827). *In*: ECO, U. (Org.). **História da feiúra**. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 287.

LACHI, P., NAVARRO, P. O corpo moldado: corporeidade mediada e subjetiva. *In*: TASSO, I., NAVARRO, P., orgs. **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas** [online]. Maringá: Eduem, 2012. p. 15-39.

LAURO, M. M. **A razão áurea e os padrões harmônicos na natureza, artes e arquitetura**. *Exacta*, São Paulo, v. 3, p. 35- 48, jan. 2005.

MANGANARO, N. L.; PEREIRA, J. G. D.; SILVA, R. H. A da. Complicações em procedimentos de harmonização orofacial: uma revisão sistemática. **Scielo**. *Rev. Bras. Cir. Plást.* 37(2). 2022, p. 204-217.

NAVARRO, P. Discurso, História e Memória: Contribuições de Michel Foucault ao Estudo da Mídia. *In*: **Estudos do Texto e do Discurso**. Interfaces entre Língua(gens), Identidade e Memória. TASSO, I (org.), Ed.: Claraluz (ed.). São Carlos - SP, 2008, Vol.2, p. 59 - 74.

NAVARRO, P. **Um corpo de saber-poder: elementos de uma análise arqueogenealógica de discursos**. *Vitória da Conquista*, v. 2, n. 2, p. 78-87, 2013.

PINTEREST. **Monalisa**. Com harmonização/sem harmonização, 2023.

REVEL, J. **Foucault: Conceitos Essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

SOARES, D. M.; PALMEIRA, P. T de S. S.; PEREIRA, V de F.; SANTOS, M. E. S. M.; TASSITANO, M. S. R. M.; FILHO, J. R. L. Avaliação dos principais padrões de perfil facial quanto a estética e atratividade. **Scielo**. *Rev Bras Cir Plást.* 2012. 27(4): 547-51.



Capítulo 6
SÍMBOLOS GRÁFICOS PARA A SAÚDE E
MEIO AMBIENTE
Sandra Maria Ribeiro de Souza

SÍMBOLOS GRÁFICOS PARA A SAÚDE E MEIO AMBIENTE ²⁵

Sandra Maria Ribeiro de Souza²⁶

Professora Sênior Livre-Docente da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Vice-líder do GEIC – Grupo de estudos da Imagem em Comunicação (ECA USP).

E-mail: smrdsouz@usp.br (institucional) smrdsouz@gmail.com (preferencial). Lattes: 11564790777199 Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0934-884X>.

RESUMO

Cada vez mais presentes em objetos ou em locais do cenário ambiental, os símbolos gráficos sinalizam os comportamentos socialmente adequados às mais variadas situações da vida cotidiana. Em relação à saúde, por exemplo, eles auxiliam a identificar um serviço médico; advertem sobre riscos ao operar determinado equipamento; diferenciam usos proibidos e prescritos; auxiliam pacientes na compreensão e memorização de informações técnicas e facilitam a comunicação de leigos com os profissionais da saúde. A Associação de Normas Técnicas (ABNT), entidade privada e sem fins lucrativos, tem por missão prover a sociedade brasileira com documentos normativos que contribuam para a utilidade pública e para o desenvolvimento científico. Este artigo tem por objeto apresentar uma seleção das normas ABNT em vigor, cujo conteúdo apresente especificamente simbologia gráfica para saúde, segurança e meio ambiente.

Palavras-chave: símbolos gráficos; pictogramas; saúde; segurança; meio ambiente.

ABSTRACT

Increasingly present in objects or in places in the environmental scenario, graphic symbols indicate socially appropriate behavior in the most varied situations of everyday life. In relation to health, for example, they help to identify a medical service; they warn about risks when operating certain equipment; they differentiate prohibited and prescribed uses; they help patients understand and memorize technical information and facilitate communication between lay people and health professionals. The Associação de Normas Técnicas

²⁵ Trabalho apresentado originalmente no 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicações, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

²⁶ Professora Sênior Livre-Docente da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Vice-líder do GEIC – Grupo de estudos da Imagem em Comunicação (ECA USP). E-mail: smrdsouz@usp.br (institucional) smrdsouz@gmail.com (preferencial). Lattes: 11564790777199 Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0934-884X>.

(ABNT), a private, non-profit entity, has the mission of providing Brazilian society with normative documents that contribute to the public utility and to the scientific development. This article aims to present a selection of current ABNT standards whose content specifically presents graphic symbology for health, safety and the environment.

Keywords: graphic symbols; pictograms; health; safety; environment.

INTRODUÇÃO

Existem vários símbolos gráficos ou pictogramas²⁷ utilizados em saúde, em ambientes hospitalares, para indicar medidas de segurança e para representar questões relacionadas ao meio ambiente. Podemos citar como exemplos comuns:

- a. Cruz Vermelha: é um símbolo universalmente reconhecido para representar instituições de saúde, incluindo hospitais. É também utilizado para indicar a presença de serviços médicos;
- b. Seringa, para representar o local da farmácia;
- c. Energia Verde: Este símbolo combina uma tomada elétrica com uma folha verde, representando a energia limpa e sustentável;
- d. Sinal de Caduceu: símbolo comumente associado à medicina. Ele apresenta um bastão entrelaçado por duas serpentes e é frequentemente usado para representar a profissão médica como um todo;

Convenções de forma e cor também nos auxiliam a reconhecer os símbolos de segurança como, por exemplo, um triângulo amarelo com um ponto de exclamação preto no centro é amplamente reconhecido como um símbolo de advertência e indica a necessidade de cautela e atenção; um círculo vermelho com uma faixa diagonal vermelha descendente sobreposta a um objeto específico indica que aquele objeto é

²⁷ A *International Organization for Standardization (ISO)* e a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) utilizam a expressão *símbolos gráficos* em vez de *pictogramas* por ser aquela mais genérica e abranger tanto os sinais pictográficos quanto os mais abstratos e convencionais. No entanto, o termo *pictograma* é amplamente reconhecido por designers. Os pictogramas têm por função transmitir mensagens de natureza informativa, prescritiva ou operativa ao maior número possível de pessoas, independentemente das diferenças de sexo, idade ou nacionalidade que elas possam apresentar. A Associação dos Designers Gráficos (ADG) define *pictograma* por: “[...] seu desenho figurativo é esquemático e autoexplicativo e apresenta como características: concisão gráfica, densidade conceitual e uma funcionalidade comunicativa que ultrapassa as barreiras da linguagem verbal.” Verbete escrito por Sandra M. R.de Souza (Membro da Comissão de Ensino, na ocasião) e revisado por João de Souza Leite. Conferir em: ADG. **ABC da ADG**. Glossário de termos e verbetes utilizados em design gráfico. São Paulo, 1998, p.84-85.

proibido ou seu acesso é restrito a determinadas áreas. Importante lembrar que a interpretação desses símbolos pode variar dependendo das normas e regulamentos locais, mas todos têm em comum o objetivo da promoção da saúde e do bem-estar geral.

No entanto, o conceito de saúde é complexo, pois envolve diversos aspectos relativos ao processo saúde-doença, que vão além do aspecto biológico propriamente dito, abrangendo igualmente determinantes sociais, econômicos e políticos.

Em 7 de abril de 1948 a Organização Mundial de Saúde (OMS) emitiu um conceito de saúde, muito criticado como *inatingível, ideal*, estabelecendo que: "Saúde é o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade". (*apud* GOV.BR, 2021). A OMS foi a primeira organização internacional de saúde a reconhecer a importância da saúde mental, além da saúde do corpo.

Em 1974, o então ministro da saúde do Canadá, Marc Lalonde ampliou o conceito, alertando para o fato de que o conceito de saúde envolveria quatro segmentos básicos: 1- o biológico, referente à genética e aos processos da vida, 2- o ambiental, relativo aos elementos da natureza e seu impacto à vida, 3- o estilo de vida, referente às condições de qualidade de vida e 4- a organização da assistência à saúde, referentes aos serviços terapêuticos, clínicos e hospitalares. (Lalonde, 1974)

Em Alma-Ata, República do Cazaquistão, durante a Conferência Internacional de Assistência Primária à Saúde, promovida pela OMS em 1978, foi discutida a grande desigualdade na área da saúde entre os países subdesenvolvidos e desenvolvidos, a responsabilidade do Estado na promoção da saúde e a importância da atuação individual e comunitária na implementação dos cuidados à saúde. Neste evento também foi elaborada uma classificação internacional de doenças, além de regulamentos internacionais de saúde e normas para a qualidade da água, pois ficou entendido que os cuidados primários de saúde deveriam incluir outros cuidados como, por exemplo, nutrição adequada, saneamento básico, cuidados materno-infantis, planejamento familiar, imunizações, prevenção e controle de doenças endêmicas, provisão de medicamentos essenciais e integração com outros setores, como o agrícola e o industrial.

No Brasil, a Constituição de 1988, em seu artigo 196, determina que: "A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso

universal e igualitário às ações e serviços para a promoção, proteção e recuperação” (STF,1988).

SÍMBOLOS GRÁFICOS PARA SAÚDE

Independente das discussões pró ou a favor do conceito expandido de saúde, o fato é que o design pode e deve contribuir para que o maior número de pessoas cuide de sua saúde e promova a saúde em seu entorno ou comunidade, garantindo, assim, o bem-estar da sociedade.

Na relação entre símbolos gráficos e saúde podemos destacar cinco usos específicos:

- a) em equipamentos médicos;
- b) na identificação de produtos para uso profissional;
- c) na sinalização de serviços de saúde;
- d) em campanhas para promoção da saúde e
- e) nas instruções de uso de medicamentos (Matos, 2009, p.83).

As imagens utilizadas em equipamentos e produtos de uso profissional são, geralmente, mais abstratas e dependem de um esforço maior de memorização para serem utilizadas em plantas, rótulos ou fichas profissionais. As imagens utilizadas em sinalizações, campanhas e instruções, por terem como alvo um público leigo, são mais pictográficas, ou seja, são simplificadas para caberem no espaço e possuem os atributos necessários para sua decodificação instantânea, imediata.

SÍMBOLOS GRÁFICOS PARA SAÚDE - ABNT

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é uma entidade privada, sem fins lucrativos, que tem por objeto, como o próprio nome diz, a elaboração, difusão e implementação de normas técnicas, sobre os mais variados assuntos, válidas para todo território nacional. Fundada em 28 de setembro de 1940, a ABNT participa como membro fundador da *International Organization for Standardization* (ISO), da *Comisión Panamericana de Normas Técnicas* (Copant), da *Asociación Mercosur de Normalización* (AMN) e é, também, membro da *International Electrotechnical Commission* (IEC). Desde 1950, a ABNT atua na avaliação da conformidade e dispõe de programas para certificação de produtos, de sistemas e de

rotulagem ambiental. Suas normas, porém, não têm o poder de lei; são mais recomendações do que imposições, isto é, seu uso é voluntário.

Norma é o documento estabelecido por consenso e aprovado por um organismo reconhecido, que fornece regras, diretrizes ou características mínimas para atividades ou para seus resultados, visando à obtenção de um grau ótimo de ordenação em um dado contexto. A norma é, por princípio, de uso voluntário, mas quase sempre é usada por representar o consenso sobre o estado da arte de determinado assunto, obtido entre especialistas das partes interessadas. ” (ABNT/normatização/sobre, s/p).

As normas elaboradas pela ABNT são fruto de um trabalho intenso multidisciplinar, da sua concepção até a consulta pública, aberta à toda sociedade. Elas representam a idoneidade do mercado a que se destinam, assegurando as características desejáveis de produtos e serviços, como qualidade, segurança, eficiência, bem como respeito ambiental.

Como afirma em seu *site* (abnt.org.br) “Trabalhando em sintonia com governos e com a sociedade, a ABNT contribui para a implementação de políticas públicas, promove o desenvolvimento de mercados, a defesa dos consumidores e a segurança de todos os cidadãos” (ABNT/ Institucional/sobre, n/p.)


Em relação aos símbolos gráficos, a ABNT instituiu, em 2012, uma Comissão de Estudo Especial, a CEE 168, para a elaboração ou revisão de normas técnicas envolvendo todo e qualquer símbolo gráfico, a exemplo da Comissão Técnica ISO/TC 145, que já funciona desde 1970.

Na ANBT, encontramos 41 normas em língua portuguesa envolvendo símbolos gráficos para a saúde, segurança e meio ambiente e comercializados pela empresa Target Normas (<https://www.normas.com.br/>).

Os critérios de seleção das normas ABNT foram: 1) estar em língua portuguesa, traduzida ou elaborada para território nacional, 2) estar em vigência; 3) abordar simultaneamente *símbolo gráfico/cores* e *saúde* (incluindo neste conceito de saúde questões relativas à segurança e ao meio ambiente). A classificação dos símbolos em usos prioritários (geral, saúde, segurança e meio ambiente) foi da autora e não da Associação.

A simbologia normalizada pela ABNT (traduzida de outro país ou elaborada em território nacional) e comercializada pela Target Normas (normas.com.br) abrange desde os princípios gerais de design de pictogramas até sua aplicação em rótulos e equipamentos médicos, em sinais de segurança e em alertas para a correta

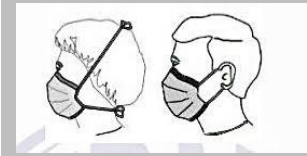
preservação do meio ambiente. Como a ABNT e a empresa que comercializa suas normas (Target Normas) não têm um sistema de busca refinado, a seleção foi feita manualmente, norma por norma, a partir de uma busca simples de normas com os termos *símbolos gráficos, pictogramas, saúde, símbolos médicos, simbologia, sinalização* no app Target normas.

CÓDIGO DA NORMA VIGENTE	TÍTULO E SÍMBOLOS	EXEMPLO DE SÍMBOLO
classificação	Símbolos gráficos – símbolos de informação ao público (5ªed.de 2018)	
geral	<i>Símbolos de silêncio por favor PIBP 001, hospital PIPF 002, farmácia PICF 007, saguão ou área de espera PIPF 014, internet sem fio PICF 018, assentos prioritários PIPF 022 a 026 e 041, centro de saúde infantil PIPF 036, dentista PIPF 043, médico PIPF 044, acessibilidade PIPF 045 a 049 e 051, 055, 056, acessos prioritários PIPF 057 a 059 e 073, reciclagem PIPF 063 a 066, loop para deficiente auditivo PIPF 072.</i>	
geral	Símbolos gráficos – Métodos de teste. Parte 1 - Método para testar compreensibilidade	
geral	Símbolos gráficos – Métodos de teste. Parte 2 - Método para testar qualidade perceptual	
geral	Símbolos gráficos – Métodos de teste. Parte 3 - Método para testar associação com referente do símbolo	
geral	Símbolos gráficos – vocabulário	
geral	Símbolos gráficos – Criação e design de símbolos de informação ao público.	
geral		

saúde

Máscaras de proteção respiratória de uso não profissional

Fotos e desenhos



saúde

Operação segura em organizações durante situações de pandemia

Pictogramas e desenhos

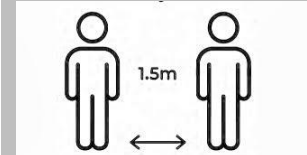
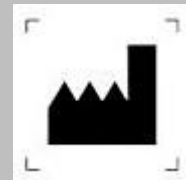


Figura 1 – Distância mínima de segurança

saúde

Dispositivos médicos – símbolos a serem usados em informações fornecidas pelo fabricante. Parte 1- Requisitos gerais.

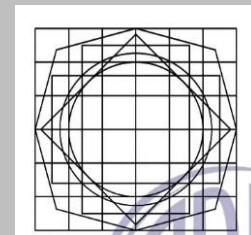
Símbolos de fabricação, esterilidade, armazenamento, uso seguro, específico para DIV, transfusão, infusão, outros.



saúde

Produtos para a saúde – símbolos a serem utilizados em rótulos e informações a serem fornecidas de produtos para a saúde-Parte 2 – desenvolvimento, seleção e validação de símbolos

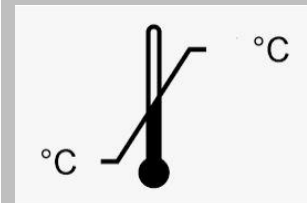
Modelo símbolo também utilizado pela IEC



saúde

Equipamentos de proteção respiratória — Termos, definições, símbolos gráficos e unidades de medida

Símbolos para ver informações fornecidas pelo fabricante, validade, temperatura, umidade.



saúde

Informática em saúde- Cartões de saúde – características gerais

Regula informação visual escrita em cartão-saúde, exemplos de leiaute.



saúde

Odontologia — Símbolos gráficos para instrumentos odontológicos

Símbolos para profilaxia, ortodontia, cirurgia maxilar, implantologia, pivô, preparo de cavidade, remoção de restaurações antigas, preparo da restauração, preparo da coroa, corte da coroa, preparo do canal radicular, alisamento da superfície apical, técnica de precisão; técnica de fundição com molde, confecção de modelo, técnica em acrílico, técnica de coroa e ponte, banho ultrassônico, aparelho para lavagem e desinfecção térmica, esterilização a vapor, estéril, desinfetante para lavar as mãos, desinfetante para instrumentos manuais e rotatórios, desinfetante para superfícies de trabalho, desinfetante para pisos e paredes, desinfetante para materiais odontológicos de impressão, atenção, consultar instruções de uso, data de fabricação, conservar seco, frágil, manter em proteção da luz solar, validade, não reutilizar, número de usos, evolução, classificação, não pode ser vendido separadamente, tipo de material, lote, referência, série, limites de temperatura, unidade de embalagem, embalagens abertas não são substituídas.

Equipamento eletromédico – Parte 2-52

Requisitos particulares para a segurança básica e o desempenho essencial das camas hospitalares

saúde

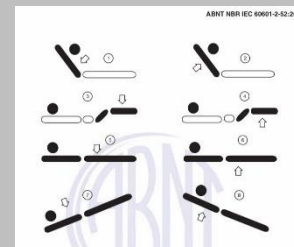
Controles de função de cama hospitalar: diretrizes para criar símbolos gráficos.

Símbolos gráficos para equipamentos elétricos na prática médica

saúde

Símbolos para controles, relativos a movimento, eletricidade e eletrônica, luz e ótica, transporte, manuseio e embalagem, segurança, sinalizações de segurança, identificação de equipamentos, símbolos relativos a informação e comunicação, imagem, imageamento, áudio, dados, paciente/pessoa, posicionamento do paciente, instrumentos médicos e processamento de sangue, odontologia e equipamentos odontológicos, monitoramento do paciente, ultrassom, litotripsia, eletro cirurgia, medicina nuclear, diagnóstico por raio X, TC, RM,; funções, dispositivos médicos ativos implantáveis

Símbolo	Título/descrição/aplicação
	br: cirurgia maxilar en: jaw surgery fr: chirurgie maxilla-faciale de: Kieferchirurgie
	pt: implantologia en: implantology fr: implantologie de: Implantologie
	br: sistema de pivô (ponte móvel) en: post system fr: système à pivot de: Aufbausiftsystem

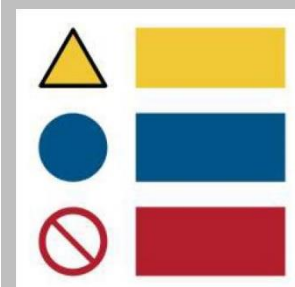


4.1 Panorama 1 – Geral: Controles

5007	5008	5010	5009	5011
1140	5104	5177	5550	5957
5638	5111A	5135F	5256	5260

segurança

Símbolos gráficos – Cores e sinais de Segurança
 Parte 1: Princípios de design para sinais e marcações de segurança



segurança

Símbolos gráficos - Cores de segurança e sinais de segurança - Parte 2: Princípios de design para rótulos de segurança de produtos



segurança

Símbolos gráficos - Cores de segurança e sinais de segurança - Parte 3: Princípios de design para símbolos gráficos para utilização em sinais de segurança

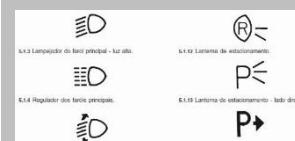


segurança

Símbolos gráficos – Cores e sinais de Segurança Parte 4- Propriedades colorimétricas e fotométricas de materiais de sinais de segurança

segurança

Símbolos para identificação de controles, indicadores e luzes-piloto de veículos rodoviários e industriais, máquinas rodoviárias automotrizes e tratores agrícolas



Cores para segurança

segurança

segurança

Equipamento de apoio no solo – símbolos pictográficos para identificação dos controles do equipamento

Símbolos pictográficos utilizados de apoio no solo de uso em aeroportos.



segurança

Identificação para transporte terrestre, manuseio, movimentação e armazenamento de produtos

Rótulos de risco



segurança

Tratores, máquinas agrícolas e florestais, equipamentos motorizados de gramado e jardim - sinais de segurança e pictogramas do risco –Princípios gerais.

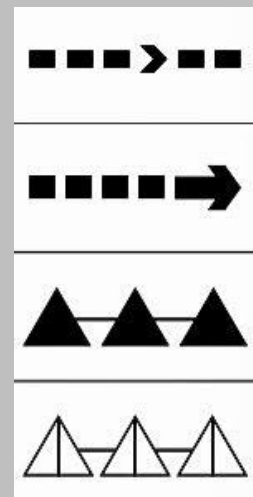
Pictogramas de riscos químicos, riscos elétricos, riscos de queda, riscos de fluidos, de esmagamento, de corte, de aprisionamento, de objetos arremessados, de atropelamento, de estabilidade, de liberação de energia acumulada, riscos térmicos. Pictogramas de prevenção de risco, sinais de segurança, desenho da figura humana, cabeça de perfil, palma da mão, inclusão da mão à figura humana, pés, adição de pés à figura humana, setas, ação proibida ou local de risco.



segurança

Proteção contra incêndio – Símbolos gráficos para projeto

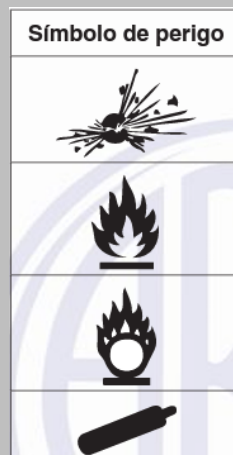
162 Símbolos abstratos- com formas geométricas para inclusão em plantas ou projetos.



segurança

Produtos químicos – informações sobre segurança, saúde e meio ambiente Parte 3 – rotulagem

Símbolos de perigo (bomba explodindo, chama, chama sobre círculo, cilindro de gás, corrosão, crânio e ossos cruzados, ponto de exclamação, perigoso à saúde, meio ambiente)



segurança

Dispositivos auxiliares- Barreiras para sinalização vários tipos I,II e III e cavaletes (suportes)



Figura 4 – Exemplos de cavalete (suporte) articulado

segurança

Sistemas de sinalização de emergência – Projeto, requisitos e métodos de ensaio

Sinalização de proibição, sinalização de alerta, sinalização de orientação e de salvamento, sinalização de equipamentos, plano de fuga.

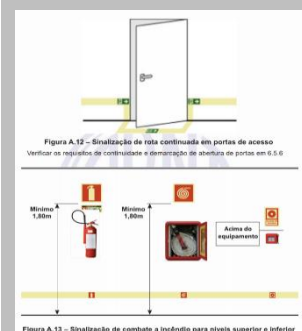


Figura A.12 – Sinalização de rota continuada em portas de acesso

Figura A.13 – Sinalização de combate a incêndio para níveis superior e inferior

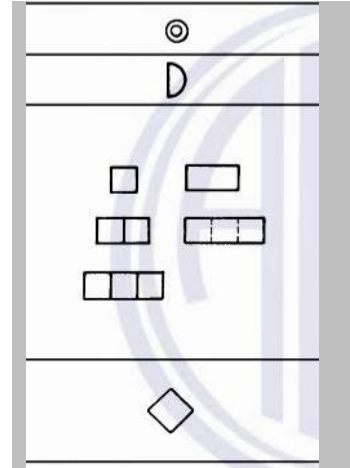
meio ambiente

Emprego de cores para identificação de tubulações industriais

meio ambiente

Símbolos gráficos para sistemas e componentes hidráulicos e pneumáticos- Símbolos básicos e funcionais

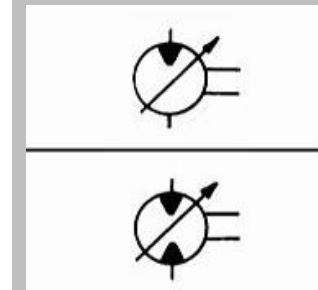
Símbolos gráficos para serem utilizados em diagramas e sistemas hidráulicos; fontes de energia ;fluxos e conexões; reservatórios; acumuladores, filtros e lubrificadores; trocadores de calor e elementos mecânicos.



meio ambiente

Símbolos gráficos para sistemas e componentes hidráulicos e pneumáticos transformações de energia

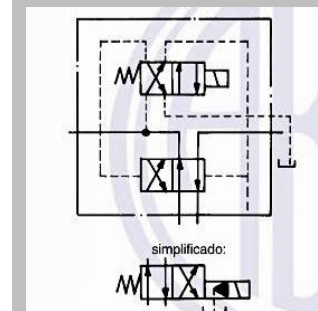
Símbolos para uso em diagramas: bombas e compressores; motores; bombas; unidades variadoras de velocidade; cilindros; intensificadores de pressão; conversores hidropneumáticos



meio ambiente

Símbolos gráficos para sistemas e componentes hidráulicos e pneumáticos – Distribuição e rolagem de energia

Símbolos para válvulas



Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.

meio ambiente

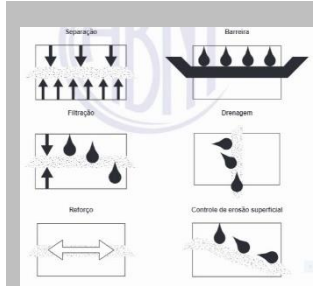
Símbolo internacional de acesso, símbolo internacional de pessoa com deficiência visual, deficiência auditiva, símbolo de atendimento preferencial, acompanhamento de cão-guia, sanitários, símbolos de circulação, símbolos de comunicação



Geossintéticos
Parte 2: Símbolos e pictogramas

meio ambiente

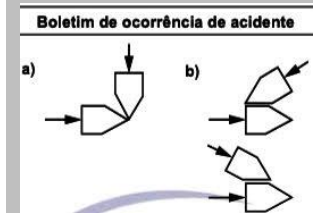
Símbolos e pictogramas de produtos, funções, proteção, aplicações.



Símbolos gráficos dos diagramas de acidentes dos relatórios de acidentes de trânsito

meio ambiente

(símbolos abstratos para explicar acidentes)



Emprego de cores para identificação de gases industriais

meio ambiente

(em conjunção com ABNT NBR 6493)

Embalagens e acondicionamentos plásticos recicláveis- identificação e simbologia

meio ambiente

Símbolos para tipos de pet



Rótulos e declarações ambientais –auto declarações ambientais (rotulagem do tipo II)

meio ambiente

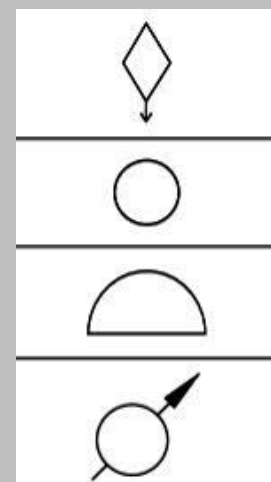
Símbolo gráfico ciclo de Mobius



Proteção contra incêndio – Símbolos gráficos para projetos

meio ambiente

Símbolos gráficos para serem usados em projetos de arquitetura em relação a equipamentos de proteção contra incêndio, ventilação, rotas de fuga e sistemas de emergência.



Convenções topográficas para cartas e plantas cadastrais – Escalas 1:10.000, 1:5000, 1:2000 e 1:1000 - Procedimento

meio ambiente

Embalagem e acondicionamento – simbologia de orientação de descarte seletivo e de identificação de materiais

meio ambiente

, Símbolos de: seletivo, materiais recicláveis.



Conforme tabela anterior, entre normas e relatórios técnicos, temos apenas 41 documentos em língua portuguesa normalizando - pela ABNT/Target Normas- o uso de símbolos gráficos no país:

- 6 normas gerais sobre símbolos de informação ao público também aplicáveis às áreas da saúde, segurança e meio-ambiente;
- 9 relativas à área da saúde, incluindo a área odontológica (equipamentos médicos e hospitalares, instrumentos odontológicos, respiração, pandemia);
- 13 relativas à segurança (cores, sinais, incêndio, produtos químicos, tratores) e
- 13 relativas ao meio ambiente (acessibilidade, trânsito, embalagens descartáveis, geossintéticos)²⁸.

Até o final do ano de 2023 teremos também, em língua portuguesa, a norma ABNT NBR 7010:2019 - Símbolos gráficos — Cores de segurança e sinais de segurança — Sinais de segurança registrados (categoria: segurança).

REPERTÓRIOS INTERNACIONAIS – Referências

Em relação a medicamentos, temos duas referências importantes: o repertório USP, da *United States Pharmacopeia*, desenvolvido entre 1989 e 1997 nos EUA com 81 símbolos e o repertório da RAD-AR ou *Risk-Benefit Assessment of Drugs*, elaborado no Japão, em 2006, com 51 símbolos. Em ambos repertórios, os símbolos representam instruções quanto à forma correta de uso de remédios (oral, nasal,

²⁸ As normas foram categorizadas em “gerais, saúde, segurança e meio ambiente” pela autora, não pela ABNT ou pela Target.

sublingual, etc.), quanto à frequência, a forma correta de armazenamento e alertas de uso (efeitos colaterais, restrições, etc.).



Figura 1 A esq. um pictograma USP, da *United States Pharmacopeia* e a dir. o mesmo conceito pelo repertório da RAD-AR, Japão: *Tomar remédio por via oral*. Fonte: Matos, 2009, p.140.

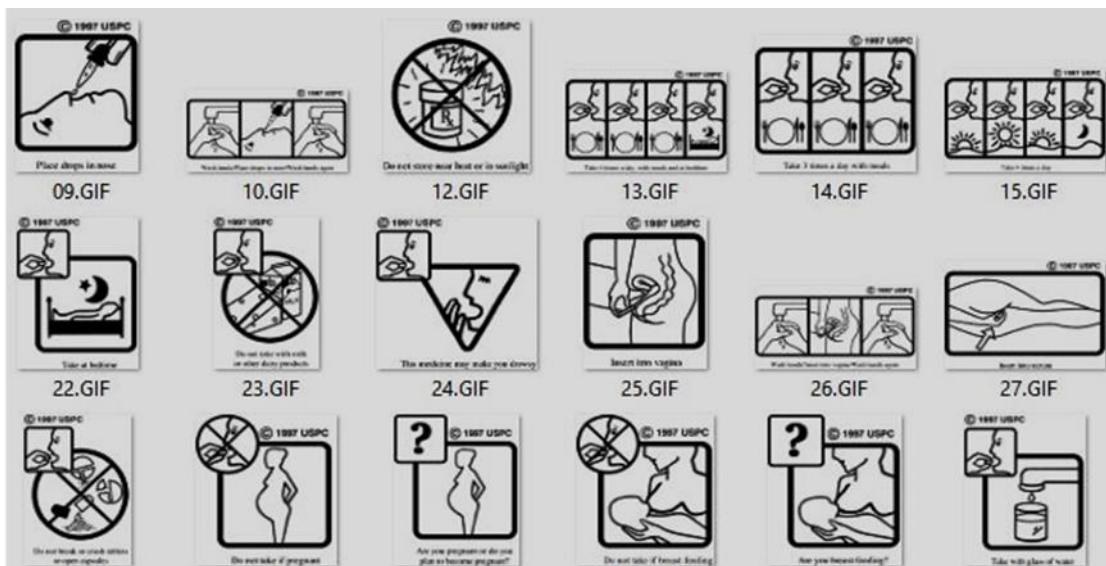


Figura 2 Alguns exemplos de pictogramas da USP, *United States Pharmacopeia* (total:81 símbolos). Fonte: <https://www.usp.org/health-quality-safety/usp-pictograms>



Figura 3 Pictogramas da Risk-Benefit Assessment of Drugs (RAD-AR), Japão. Fontes: MATOS, Ciro. p. 114-116 (<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-21102010-093920/publico/5467786.pdf>)

Em relação à programação visual e *wayfinding* em hospitais, temos a pioneira contribuição de Ronald Shakespear (Diseño Shakespear <https://shakespearweb.com/>) junto a rede de hospitais municipais de Buenos Aires e o reconhecido projeto norte-americano, denominado *Hablamos Juntos*, presente em hospitais americanos como *Women & Infants Hospital* (Providence); *International Community Health Care Services* (Seattle); *Children’s Mercy Hospital* (Kansas City) e *Grady Health System* (Atlanta).



Figura 4 Shakespear Design Studio. Pictogramas para hospitais municipais de Buenos Aires, 1976. Fonte: <https://shakespearweb.com>

Universal Symbols in Health Care

Clinical & Medical Services

<p>Clinical & Medical Services</p> <p>CM01 Health Services CM02 Care Staff Area CM03 Intensive Care CM04 Inpatient CM05 Outpatient CM06 Pharmacy CM07 Diabetes (Education) CM08 Family Practice CM09 Immunizations CM10 Nutrition CM11 Alternative / Complementary CM12 Laboratory CM13 Pathology CM14 Oncology CM15 Ophthalmology CM16 Mental Health CM17 Neurology CM18 Dermatology CM19 Ear, Nose & Throat CM20 Respiratory CM21 Internal Medicine CM22 Kidney CM23 Cardiology CM24 Women's Health CM25 Labor & Delivery CM26 Pediatrics CM27 Genetics CM28 Infectious Diseases CM29 Dental CM30 Anesthesia CM31 Surgery CM32 Physical Therapy</p>	<p>CM01</p>	<p>CM02</p>	<p>CM03</p>	<p>CM04</p>	<p>CM05</p>	<p>CM06</p>
	<p>CM07</p>	<p>CM08</p>	<p>CM09</p>	<p>CM10</p>	<p>CM11</p>	<p>CM12</p>
	<p>CM13</p>	<p>CM14</p>	<p>CM15</p>	<p>CM16</p>	<p>CM17</p>	<p>CM18</p>
<p>Facilities & Administrative Services</p> <p>FA01 Emergency FA02 Ambulance FA03 Registration FA04 Waiting Area FA05 Administration FA06 Medical Records FA07 Biting FA08 Medical Library FA09 Health Education FA10 Interpreter Services FA11 Social Services FA12 Chapel</p>	<p>CM19</p>	<p>CM20</p>	<p>CM21</p>	<p>CM22</p>	<p>CM23</p>	<p>CM24</p>
	<p>CM25</p>	<p>CM26</p>	<p>CM27</p>	<p>CM28</p>	<p>CM29</p>	<p>CM30</p>

Figura 5 Projeto *Hablamos Juntos*, sinalização gráfica em hospitais norte-americanos para pessoas com baixa literacia em inglês, em parceria com R.W.Johnson Foundation e SEGD. De 2003 a 2010, foram desenvolvidos 54 símbolos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da importância da presença desses símbolos na sinalização de espaços médicos ou hospitalares, em fichas e rótulos de medicamentos, na compreensão, memorização e aderência a tratamentos de saúde e a práticas de bem-estar coletivo, conclui-se que o país ainda tem poucos documentos normativos a este respeito, o que evidencia a necessidade das políticas públicas mesclarem os profissionais de design e comunicação visual em equipes e projetos multidisciplinares nas áreas de saúde, segurança e meio ambiente.

O artigo especifica, em tabela, as normas ABNT, identificadas por número e data da última atualização, sua caracterização de uso, uma breve descrição de seu conteúdo e um exemplo de símbolo gráfico correspondente. Com isto, acreditamos contribuir para que um número maior de pessoas se comprometam com uma participação ativa nos diversos comitês abertos da Associação (ABNT) e na contribuição do design à saúde da população em geral.

Para participar de qualquer comitê técnico ou comissão de estudo especial da ABNT, basta acessar o *site* www.abntonline.com.br/normalizacao e informar em qual Comitê Técnico/Comissão de Estudo deseja participar. Se o interessado quiser participar da Comissão de Estudo Especial 168 (sobre símbolos gráficos) pode, também, escrever para a secretaria da Comissão (denise.araujo@abnt.org.br) para obter o passo-a-passo necessário; não é requisito ser especialista em comunicação visual.

REFERÊNCIAS

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **Institucional**. Disponível em: <https://www.abnt.org.br/institucional/sobre>. Acesso em: 18 jun. 2023

ADG (Comissão de Ensino). **ABC da ADG**. Glossário de termos e verbetes utilizados em design gráfico. São Paulo, 1998.

DISEÑO Shakespear. **Portfolio**. Disponível em: <https://shakespearweb.com/porfolio/> Acesso em: 19 jun. 2023

GOV.BR. **O que significa ter saúde?** Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/eu-que-ro-me-exercitar/noticias/2021/o-que-significa-ter-saude> Atualizado em 2021. Acesso em 18 jun. 2023.

ISO (International Organization for Standardization). **Technical Committees- Graphic Symbols**. Disponível em <https://www.iso.org/committee/52662.html>. Acesso em: 18 jun. 2023

LALONDE, Marc. **Relatório Lalonde** (*A new perspective on the health of Canadians. A working document*. 1974). Arquivado no WebCite Ottawa Government of Canada em 8 mai 2009. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Relat%C3%B3rio_Lalonde .Acesso em: 18 jun. 2023.

MATOS, Ciro Roberto de. **Pictogramas e seu uso nas instruções médicas**: estudo comparativo entre repertórios para instruções de uso de medicamentos. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-21102010-093920/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

SEGD. **Hablamos juntos**. Disponível em: <https://segd.org/hablamos-juntos>. Acesso em: 19 jun. 2023.

STF – Supremo Tribunal Federal. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988 – art. 196. **Da ordem social**. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp?abrirBase=CF&abrirArtigo=196#:~:text=Da%20Sa%C3%BAde-,Art.,sua%20promo%C3%A7%C3%A3o%2C%20prote%C3%A7%C3%A3o%20e%20recupera%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 18 jun. 2023

USP Pictograms. **Pictogramas da United States Farmacopeia**, EUA 1997. Disponível em: <https://www.usp.org/health-quality-safety/usp-pictograms> . Acesso em 18 jun. 2023.



AUTORES

Alisson Diego Batista Moraes

Possui graduação em Direito pela Fundação Universidade de Itaúna (2008), graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2018) e mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2022). Doutorando em Ética e Filosofia Política pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Atualmente é docente em cursos de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (IEC/PUC-Minas) e secretário municipal de Fazenda da Prefeitura Municipal de Nova Lima-MG. Tem experiência nas áreas de Direito Público, Filosofia Política, Filosofia do Direito; Administração - com ênfase em Políticas Públicas e Planejamento Governamental - atuando principalmente nos seguintes temas: autoritarismo, neoliberalismo, ética e sustentabilidade, pensamento social e político brasileiro, gestão estratégica. Como diria o professor Vladimir Safatle numa dedicatória: "Alisson Diego tem um pé na teoria, outro na prática e a cabeça no lugar".

Cláudio Cardoso de Paiva

Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba, mestrado em Comunicação pela Universidade de Brasília, mestrado em Sciences Sociales - Universite de Paris V (Rene Descartes) e doutorado em Sciences Sociales - Universite de Paris V (Rene Descartes). Atualmente é professor do Departamento de Comunicação, Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA); Programa de Pós Graduação em Comunicação e Mestrado Profissional em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação e Estudos Culturais, atuando principalmente nos seguintes temas: jornalismo, televisão, sociedade, estética e teoria da comunicação e da informação, novas tecnologias e cibercultura.

Heitor Costa Lima da Rocha

Pós-Doutor em Comunicação pela Universidade da Beira Interior, Doutor em Sociologia e Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco, Jornalista pela Universidade Católica de Pernambuco e Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE, e-mail: hclrocha@gmail.com.

Juliana Ferreira Cavalcanti

Jornalista e Administradora de Empresas. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (PPJ- UFPB). Bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB) , email: juliana.ferreiracavalcanti@gmail.com

Lana Krisna de Carvalho Morais

Jornalista, Mestre em Educação (UPE), Especialista em Assessoria de Comunicação e Jornalismo Digital, Professora da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação Alternativa, Comunitária, Popular e Tecnologias Sociais da UESPI, aluna do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFPE), e-mail: lanakrisna.lm@gmail.com

Maurício Ferreira Santana

Doutorando em Comunicação pela Universidade Tuiuti do Paraná. Mestre em Teoria Literária pela Uniandrade - PR. É membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Religiões, da INTERCOM. Tem interesses multidisciplinares: na área da Comunicação e Religião, estuda as reconfigurações religiosas no ambiente online, em especial a religião de Umbanda, objeto de estudo no Doutorado. Além disso, tem interesse nas representações do real em games, particularmente nos aspectos políticos e sociais. Atualmente se preocupa com as representações de inteligência artificial em games e qual a amplitude das teorias da Comunicação a respeito.

Pamela Tais Clein Capelin

Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, Bolsa Capes. Mestra em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Bolsa Capes. E-mail: pamelaclein88@gmail.com

Paulo Marcos Batista de Oliveira

Publicitário de formação. Foi bolsista pela FAPEMIG do Programa de Iniciação Científica e Tecnológica da Una, no projeto: O Centro Cultural do Banco do Brasil de Belo Horizonte: espaço expográfico, design e consumo cultura. Foi aluno voluntário do mesmo programa, no projeto: Audiência conectada pelo Twitter: um estudo sobre as interações do perfil @MasterChefBr na final do programa MasterChef Brasil.

Atualmente, esta como Analista de Comunicação e Marketing Sênior, no Colégio Loyola, aplicando sua expertise de mercado e técnicas de gestão ao modo de proceder inaciano. Tem interesse na área da semiótica Peirciana ligada ao fenômeno da desinformação na sociedade contemporânea.

Sandra Maria Ribeiro de Souza

Professora Sênior da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e vice-líder do GEIC, Grupo de estudos da imagem em comunicação.



EDITORA
UNION

ISBN 978-658488532-5



9 786584 885325